



REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS



REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS



Nº 47

Natal, Abril/Junho – 2016

## REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

**Diretor:** Manoel Onofre Jr.

**Editor:** Thiago Gonzaga

**Diagramação e capa:** Diolene Machado / CJA Edições

### **Ilustração:**

Conto “O moço de olhos agateados”: Iaperi Araujo

Conto “Dona H”: Piter Ramon

---

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

---

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.47  
(mar. 1951 - ). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: 47, abr./jun.2016.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de  
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

---

Offset Editora

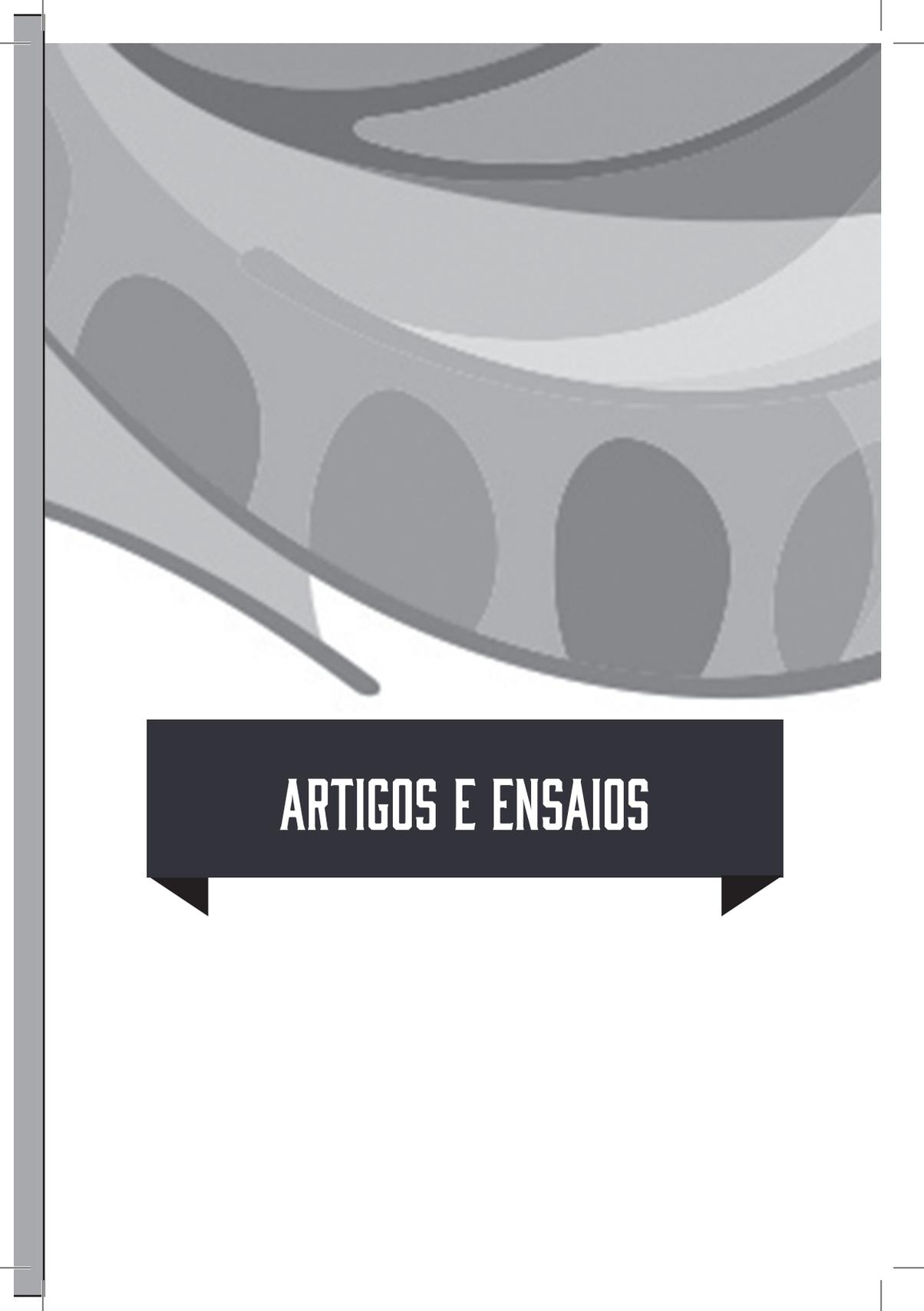
Rua General Gustavo Cordeiro de Faria, 160 - Ribeira - Natal/RN - 59012-570

(84) 3344.3990 - editora@offsetgrafica.com.br

# Sumário

ARTIGOS E ENSAIOS.....	7
<b>A chama olímpica</b> - Diógenes da Cunha Lima.....	9
<b>Em torno de Machado de Assis</b> - Ivan Maciel.....	11
<b>Hildelberto Barbosa Filho: Do mito do amor e outros mitos</b> - Dorian Gray Caldas.....	14
<b>O mundo Emily Dickinson</b> - Paulo de Tarso Correia de Melo...	16
<b>Zila Mamede e José Mindlin, breve relato da correspondência     e de amizades 2-</b> Gustavo Sobral.....	28
<b>Demétrio Diniz: 20 anos de atividades literárias</b> - Thiago Gonzaga.....	42
<b>“Sempre existe algo no meio”:</b> mediações da(s) fronteira(s) no romance <i>How the García Girls Lost their Accents</i> , de Julia Alvarez -Tito Matias-Ferreira, Jr.....	44
<b>O Grande Sertão de Oswaldo Lamartine</b> - Sanderson Negreiros	58
<b>José Mauro de Vasconcelos</b> - Jurandy Navarro.....	68
<b>Um pedaço de saudade de Macaíba</b> - Carlos Roberto de Miranda Gomes.....	72
CONTOS E CRÔNICAS.....	75
<b>O moço de olhos agateados</b> - Iaperi Araujo.....	77
<b>Traição e morte na Fortaleza da Barra</b> -Demétrio Diniz.....	82
<b>Dona H</b> - Clauder Arcaño.....	87
<b>Herói por Engano-</b> Umberto Peregrino.....	91
<b>Os Ossos do Papai</b> - Junior Dalberto.....	92
<b>A um amigo: ortografia e outras coisas</b> - Elder Heronildes..	99
<b>A paisagem e o tempo</b> - Valério Mesquita.....	102
<b>Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?</b> - Armando Negreiros.....	104

<b>No coração da cidade</b> - Falves Silva.....	107
<b>A formiga e o poeta</b> - Michelle Paulista.....	111
<b>POEMAS</b> .....	113
<b>Thiago de Mello e “Os Estatutos do Homem”</b> - Marcos Mairton.....	115
<b>Está tudo aqui</b> - Sônia Faustino.....	123
<b>O olho mudo</b> - Jarbas Martins.....	124
<b>Quero dizer</b> - Anchella Monte.....	125
<b>O sabor das manhãs</b> - Maria Maria Gomes.....	126
<b>Dois poemas de Antonio Nahud</b> .....	127
<b>Dois poemas de José de Castro</b> .....	129
<b>NOVOS ACADÊMICOS</b> .....	133
<b>Saudação ao Acadêmico Nelson Patriota</b> - Manoel Onofre Jr... ..	134
<b>Discurso de posse de Nelson Patriota na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras</b> .....	141
<b>DISCURSOS</b> .....	153
<b>Discurso do acadêmico Benedito Vasconcelos Mendes em elogio ao Patrono da Cadeira Número 18 da Acjus – Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de Mossoró</b> .....	155
<b>Saudação ao Padre João Medeiros Filho por ocasião dos seus 50 anos de vida sacerdotal</b> .....	163

The image features a background of abstract, overlapping curved shapes in various shades of gray, creating a sense of depth and movement. A dark gray banner with a slight 3D effect is positioned in the lower-middle section, containing the text 'ARTIGOS E ENSAIOS' in a bold, white, sans-serif font. The overall aesthetic is modern and minimalist.

## **ARTIGOS E ENSAIOS**



# A chama olímpica

Diógenes da Cunha Lima

Do caos nasceram as estrelas. As estrelas são fogo e iluminação. Simbolicamente, o fogo é vida, espírito, paixão, porque ilumina. Em todos os recantos do mundo é considerado sagrado porque purifica, renova, regenera. Os devotos acreditam que o fogo tem a força de convocar as forças celestes e da natureza.

No Brasil, repete-se como ritual de passagem, a Chama Olímpica é conduzida por centenas de cidades brasileiras. Esperamos que ela desça em transcendência, como as línguas de fogo pousaram sobre as cabeças dos discípulos de Jesus, no povo brasileiro, neste momento de caos nacional.

Estive em Olímpia, na Grécia, de onde partiu a Chama. Emoção, epifania, quase êxtase. Lá relembrei leituras antigas, vendo o campo onde se desenvolviam, de quatro em quatro anos, os Jogos Olímpicos das cidades gregas em paz, elas que praticavam guerra como se fosse esporte. Olímpia tem a riqueza artística do mundo helênico. No museu arqueológico, os bronzes geniais, os próprios instrumentos de trabalho de Fídias, a taça em que ele bebia vinho e o Hermes de Praxiteles.

Os jogos iniciados em 776 a. C. funcionaram em paz e alegria até o final do século V d.C. quando foi proibido pelo imperador romano Teodósio I. Aos olhos do imperador cristão a nudez dos atletas e o culto pagão a Zeus e outras divindades seriam obscenos. O próprio fogo, por crença mitológica teria sido roubado do Olimpo por Prometeu para dar aos homens, testemunhava a idolatria.

Os jogos ocorriam por sete dias, com os atletas vestidos apenas de óleos perfumados jurando no primeiro dia a lealdade e respeito às regras e os juízes a equidade nos julgamentos. Os competidores seriam julgados por sua agilidade, força e habilidade. Vitoriosos, além da coroa de folhas, eram honrados com nome escrito, muitas vezes estátuas e sempre direito à comida pelo resto da vida. Certamente, aos olhos de hoje, as Olimpíadas mereceram reparo: as mulheres e

os escravos não podiam participar nem mesmo assistir. Em compensação, havia palestras, aulas de filosofia, história, geometria, artes. E mais, canto, dança, música, teatro, poesia.

Que a chama acenda o fogo da esperança num momento em que foi instalado o caos político nacional, dos desastres ecológicos como Mariana, à incompetência administrativa e econômica, corrupção e violência, ameaça epidêmica e de terrorismo. Aqueçam os nossos corações e se restabeleça paz e harmonia com o futuro desejado e merecido do nosso País.

**DIÓGENES DA CUNHA LIMA** é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

# Em torno de Machado de Assis

Ivan Maciel

Quais as razões que podem levar alguém à leitura de Machado de Assis? O fato dele ser um clássico, no melhor sentido da palavra, ou seja, um escritor fundamental para a formação, desenvolvimento e consolidação de nossa literatura? Essa razão histórica, tanto quanto a afirmação bombástica de que se trata de um gênio reconhecido em toda sua plenitude e grandeza pela crítica nacional e estrangeira, criariam uma espécie de compulsoriedade, tornando a sua leitura didaticamente obrigatória.

Mas essa honrosa característica de autor canônico não combina com Machado de Assis, conflita grave e incontornavelmente com o verdadeiro, demolidor, revolucionário significado da obra que ele construiu. Pode-se recorrer até a uma fórmula sintética: lê-se Machado pelas mesmas razões por que se lê Shakespeare – para se conhecer melhor os sentimentos mais íntimos, recônditos, essenciais do ser humano. Ou para devassar o que existe por trás da máscara afivelada pelas convenções sociais. E, ao mesmo tempo, para compreender e interpretar o jogo de poder e de dominação socioeconômica, bem como os interesses históricos subterrâneos, que determinam o nascimento e o império dessas convenções.

Talvez, a esta altura, surja para muitos uma dúvida? Tudo isso, por melhor que seja, faz de Machado um autor de leitura difícil, chata, desestimulante. Poderia responder dizendo que Joyce, Kafka, Proust, Thomas Mann, Faulkner e muitos outros gênios da literatura são escritores que nada têm de fácil, não podendo sua leitura servir de mero entretenimento, descomprometido passatempo.

Mas, com relação a Machado de Assis, devo lembrar que, mesmo para aqueles que viram o rosto – com indiferença ou tédio – para os romances geniais que ele escreveu na maturidade (de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” ao “Memorial de Aires”), restam os contos publicados a partir de “Papéis avulsos” (1882).

Os contos têm as mesmas qualidades estéticas das obras ficcionais longas e, no entanto, são de leitura bem mais acessível, descomplicada, de uma sedutora simplicidade. Muito embora se saiba que, por ser apenas aparente, essa simplicidade exige um esforço de percepção de sentidos ocultos, dissimulados e tortuosos, que estão muito abaixo da superfície dos fatos narrados.

Qual a opinião da crítica sobre Machado de Assis contista? Augusto Meyer: “Machado achou seu limite ideal de expressão no conto, em que só Anton Tchekhov pode emparelhar com ele”. Lúcia Miguel-Pereira: “Foi como contista que o escritor deu toda a sua medida”. O português Abel Barros Baptista: “O gosto da história breve é perfeitamente visível nos romances de Machado”. O inglês John Gledson: “Machado foi um dos melhores contistas da história da literatura brasileira, digno de comparação, em muitos momentos, aos maiores contistas de sua época – Tchekhov, Henry James ou Maupassant”. Luís Augusto Fischer: “Se só conto houvesse escrito, Machado já seria um escritor superior”.

Por mais que valorizemos os seus contos, não devemos esquecer, entretanto, que ele é autor de obras-primas que merecem figurar certamente entre os melhores romances da literatura universal de todos os tempos.

Foi publicada pela Editora Nova Aguilar (selo do Grupo Editorial Global), durante a realização da décima sétima Bienal do Livro do Rio (setembro de 2015), a terceira edição da obra completa de Machado de Assis. São quatro volumes em papel bíblia e encadernados.

Uma edição, merece imediata constatação, bem melhor para a leitura do que as anteriores. Mas essa notícia provoca, em quem dela toma conhecimento, uma inevitável e inquieta pergunta: será que essa coleção encontrará grande número de compradores? A pergunta não é despropositada e muito menos desrespeitosa à imagem daquele que é conhecido como nosso maior escritor. É que a obra de Machado tem gerado dois tipos diferentes de reações: a que vem da crítica e a do público.

Dizendo isso parece até que estamos considerando elitista a obra de Machado de Assis. Mas, como poderia ser elitista se ele foi a vida toda um jornalista que se poderia chamar de “profissional”, uma vez que extraía dessa atividade parte de seu sustento (a outra parte provinha do emprego burocrático)? Além disso, seus livros, quase todos, foram inicialmente divulgados na imprensa diária (mesmo as revolucionárias,



complexas, desafiadoras “Memórias Póstumas de Brás Cubas”). E para concluir a argumentação antielitista: seu estilo guarda ressonâncias da voz popular, modulada por uma tonalidade clássica. A construção é direta, descomplicada, característica da comunicação midiática.

A crítica lhe foi sempre muito compreensiva, elogiosa e até mesmo entusiástica, descambando, em alguns casos, para um culto fervoroso. O escritor foi erguido em vida às alturas de «patriarca das letras nacionais», na expressão de Antonio Candido. A única exceção importante se restringiu ao crítico e historiador literário Sílvio Romero, que ficou bloqueado pelo ressentimento em virtude da avaliação arrasadora feita por Machado de Assis sobre seus dons poéticos. Mesmo assim, Romero enalteceu, em meio a ataques, refinadas qualidades estilísticas e de concepção estética da obra machadiana.

No entanto, a crítica altamente favorável de seus contemporâneos não chegou a alcançar o sentido: a) tecnicamente inovador subjacente à estruturação ficcional de aparência anárquica do romance machadiano (da segunda fase); b) de desmascaramento das hipocrisias e contradições sociopolíticas da sociedade escravocrata brasileira, com uso do humor, da ironia e do sarcasmo, informados por uma filosofia pessimista, cética e corrosiva; c) da problematização, com agudo e original senso analítico, dos temas universais relativos à vida, à condição humana, ao trágico e angustiante desfecho da morte.

Mas, apesar do que a crítica, nacional e estrangeira, tem dito de melhor sobre Machado de Assis (o crítico literário Harold Bloom incluiu-o entre os cem escritores geniais da humanidade, “milagrosamente” nascido no Brasil), não acredito que tenha aumentado muito o número de seus leitores. Por quê? Machado de Assis não comporta uma leitura linear. Em compensação, oferece muito mais em sagacidade, penetração das motivações do comportamento humano, densidade filosófica, expressividade estilística, do que qualquer outro autor de toda a história da nossa literatura. Mas nada disso é suficiente, reconheçamos, para popularizá-lo. Embora alguns de seus livros – como as “Memórias Póstumas de Brás Cubas” – estejam entre os mais estudados e analisados de toda a nossa literatura.

**IVAN MACIEL DE ANDRADE.** Procurador aposentado, ex-Consultor Geral do Estado, e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor do livro “O Exílio das Palavras”.

# Hildeberto Barbosa Filho:

Do mito do amor e outros mitos

Dorian Gray Caldas

Este salmo de amor ao “sagrado corpo da mulher amada” merece estudo e interpretação ( se possível) de cuidadosa exegese e interesse, não só verificável, mas de suscetíveis ampliações. João Batista de Brito faz-lhe o posfácio e diz: “ Conceitualmente, o que se tem é a redundante declaração da vitória do amor sobre os mais graves problemas da existência humana”, um canto desesperado ao corpo da mulher amada; refúgio onde o poeta fundamenta a sua linguagem na construção do fazer poético acima do circunstancial. Ato de amor assumido dessa permanente sagração do poema que dura o tempo inteiro: Salmo ou “ cântico dos cânticos”, tabulário de assimétricas metáforas na linha das comparações e reafirmações nas verdades confessáveis do corpo da mulher amada. Se o que importa é o corpo poético da referência amorosa no ato soberano do êxtase e o que transborda desse êxtase é a aguda angústia existencial; a perda que não tem equivalências; a reflexão da temporalidade da vida invadindo a sublimação do prazer. Salva-se o poeta deste hiato na dupla chama do amor e do erotismo que Octávio Paz canta em seus versos, além da metáfora vinicianiana, posto que é chama enquanto dure, temporalizando o corpo da mulher amada e seu amor à condição do ato. Hildeberto, não, propõe o fabulário de todo amor sem equivalências de tempo e ordem, enlaçando o poema numa só tessitura legitimadora na memória reafirmada no corpo da mulher amada. Se há alusões às veredas desse *evangelho abissal*, é por que o poeta sabe que o corpo da mulher amada sangra, como qualquer um diante da morte ou da vida. Este “pais estrangeiro (de) estrangeiras águas”. Águas que o poeta elege para além da possibilidade da morte. Eis a *liturgia* para a amada, o ritual intertextualizado em cada estrutura do poema; símbolo ou remígio de constatações arcaicas, seja de Toledo ou Granada ; seja de Vênus ou Ariadne, intemporal por tomar da arte a sua eternidade. Tal qual as eleições de Dante ou da amada dos sonetos

de Petrarca, reavivadas para ficar além da exercitada leitura proposta pelo poeta. Símbolo imagístico, fábula enriquecedora do texto, na equivalência dos valores construídos pelo prazer do puro mito.

Todo poema de Hildeberto Barbosa Filho é uma releitura de sua própria criação; é uma recriação de um texto com a preocupação de ritualização. Não procurem neste texto o corpo da mulher amada, mas procurem o que vence as barreiras da eloquência ou da repetição e, recriado como a Vitória de Samotrácia, desafia a beleza que falta nos braços e nos olhos. A beleza que vence pela evidência da palavra, pela plenitude do verso, pelo amor que é mais longo que a morte e maior do que o tempo. A poesia tem este poder; êxtase do êxtase, a cor mais vibrante dos vitrais; o som guardado dentro das esferas; as *hélices do sol* alavancando o dia e pondo no centro do universo, novamente, as perdidas esperanças do poeta, no infinito prazer da plenitude do corpo da mulher amada.

**DORIAN GRAY CALDAS** é artista plástico, poeta e escritor, ocupante da cadeira nº9 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# O mundo Emily Dickinson

Paulo de Tarso Correia de Melo

*Para Maria do Sameiro Barroso e Alfredo Perez de Alencart*

O conjunto criativo poético de Emily Dickinson é um mundo rico e diversificado; São 1775 poemas, dos quais cerca de duzentos, apenas, foram traduzidos ao português. Modernamente, a respeito de Emily Dickinson, Harold Bloom refere textualmente em *O Cânone Ocidental*: “Tirando Shakespeare, é ela quem manifesta mais originalidade cognitiva do que qualquer poeta ocidental desde Dante”. E continua: “Enfrentamos, no auge de seus poderes, a melhor mente a surgir entre os poetas ocidentais em quase quatro séculos”. Termina por declará-la “a maior poeta ocidental de todos os tempos”.

Vivendo somente 56 anos entre 1830 e 1886 em uma pequena cidade na Nova Inglaterra, Emily Dickinson foi lendarizada por sua vida fascinante. Após a conclusão do colegial em sua cidade, frequentou durante um ano um Seminário para moças em Massachusetts. Suas viagens se reduziram a breves temporadas em Boston e uma visita a Washington D.C. e Filadélfia. Não conheceu a costa Oeste dos EUA. Sua vida literária é também indigente: de seu enorme conjunto criativo publicou em vida uma exata meia dúzia de poemas.

Onde está então o fascínio desta vida? Metade dela foi passada em reclusão voluntária dentro de casa. “Um longo intervalo de mesmice tão absoluto que a chegada do mês seguinte era como a visita de um convidado e a passagem noturna dos vagões fechados de um circo pela sua janela parecia a ela uma aventura das Arábias”.

A lenda continua após sua morte. Emily pediu que queimassem sua obra. A irmã Lavínia não o fez. Entregou a uma amiga da família que julgava capacitada para editá-la. Setenta anos após idas e vindas, brigas familiares, decisões judiciais é publicada a obra completa de Emily Dickinson, anteriormente aparecida em partes.



## CARACTERIZAÇÃO DA OBRA

1 – Miniaturismo – Toda obra é vasada em miniaturas, embora sejam “visões microscópicas do macrocosmos”. A maior parte dos poemas tem duas estrofes, dois quartetos:

### 1434

A casa da rosa não acercar  
A brisa, depredação,  
Ou o orvalho, inundação,  
Podem suas paredes derrubar.  
Nem tentem aprisionar a borboleta  
Ou escalar degraus da fantasia.  
Na insegurança, está  
A qualidade mais segura da alegria.

Existem poemas de um quarteto, apenas:

### 1233

Se eu nunca houvesse visto o sol  
Suportaria as trevas, talvez;  
Mas a luz, nova escuridão  
De minha escuridão fez.

Raros são os de mais de três estrofes:

### 670

Não só em quarto escuro há fantasmas,  
Não só em casa.  
O cérebro tem labirintos que ultrapassam  
Qualquer morada

É mais seguro ver à meia noite  
Alguma aparição ao nosso lado  
Que um confronto interior  
Com este alvo convidado

Mais seguro correr um monastério  
Nas lousas esbarrando  
Que, sem lua, encontrar a si mesmo  
Em um lugar solitário.

O eu escondido atrás de mim  
Faz-me maior espanto  
Nem um assassino escondido em meu quarto  
Há de assustar-me tanto.

Leva o prudente uma arma  
E não deixa nada aberto  
Esquecendo o mais terrível  
Espectro, muito mais perto.

2 – **Simplicidade estrutural** – A quase ingenuidade da estrutura  
decorre da influência do hinário religioso:

### 193

Eu saberei quando termine o tempo  
Quando saber porque não for preciso  
Cristo me explicará cada angústia  
Na alegre sala de aula do paraíso.

Falará da promessa que fez Pedro  
E eu, por sua aflição, pacificada  
Esquecerei esta gota de amargura  
Que me atormenta agora, que me abrasa.

3 – **Elipse** – Alguns saltos elípticos são chocantes:

### 49

Duas vezes perdi tudo  
Por sob a terra me achei,  
Mendiga, à porta de Deus  
Por duas vezes parei.

Duas vezes veio um anjo  
Reembolsada me fez  
Deus, ladrão, banqueiro, pai,  
Eu estou pobre outra vez.

4 – **Brevidade e concisão** – Há diferença entre um poema curto e um conciso. Como esta negação do provérbio o silêncio é de ouro:

**1212**

A palavra morre  
Quando é dita,  
Alguém diria

Eu digo  
Que ela começa a viver  
Naquele dia.

5 – **Absoluta originalidade cognitiva**

**67**

Compreendem o sucesso  
Os nunca bem sucedidos  
Entendem melhor o néctar  
Quem nunca o tenha bebido.

Ninguém da purpúrea hoste  
Que leva bandeira e glória  
Pode dar definição  
Tão preclara de vitória,

Como aquele agonizante  
Cujo derrotado ouvido  
Ouve o triunfo distante  
Passar, quase impercebido.

## 6 – Profundidade abissal

1147

Depois de cem anos  
Ninguém conhecerá o lugar  
Quando a agonia  
Em paz se transformar.

Crescerão vitoriosos os ramos  
Vagarão forasteiros ali soletrando  
A solitária ortografia  
Dos mortos de antanho

Só os ventos do prado, no verão  
Recordarão o caminho e a história.  
Instinto apanhando a chave  
Deixada cair pela memória.

7 – **Logopéia** – É o jogo de ideias, como o definiu Pound, abundante entre metafísicos ingleses. Aparece geralmente associado a “wit”, um tipo súbito e fugaz de sabedoria. Alguém já definiu a “wit” em Emily Dickinson, como “um filamento de ouro em um novelo bem enrolado”.

340

É a felicidade um tal abismo  
Em que não devo avançar o pé  
Com medo de estragar o calçado?

Prefiro salvar o pé  
Que poupar as botas  
Porque outro par  
Em qualquer loja  
É possível encontrar



Mas felicidade só se acha uma vez  
Acabado o estoque  
Ninguém pode mais comprar.  
Fala, pé, toma uma decisão,  
A dama atravessa ou não?  
Decisão pelas botas.

8 – **Rimário** – Meias rimas, rimas toantes, rimas imperfeitas ou quaisquer termos que sejam dados a rimas que não ecoem precisamente, tem levado alguns leitores e críticos a considerar seu trabalho não conseguido, inacabado ou até amadoristicamente esquisito. Estranhas são também consideradas suas sintaxe, prosódia e pontuação.

### **Temas, personas, quase heteronomías**

Grupos temáticos levam a ideia de uma variação de personas, quase uma heteronomia. Tentemos referir e exemplificar tais grupos:

#### **1. Natureza**

**1755**

Para fazer um prado necessita-se  
Um trevo e um pássaro  
Um trevo, um pássaro e sonho.  
O sonho apenas há de bastar  
Se trevo e pássaro vierem a faltar.

#### **2. Cotidiano**

**1760**

O elísio é tão distante  
Quanto o quarto vizinho  
Se nele um amigo espera  
Condenação ou carinho.

A força que a alma tem  
É tão grande que suporta  
O som de um passo que vem  
O descerrar de uma porta.

### **3. Cognição**

**632**

Mais vasto é o cérebro que o firmamento  
Pois, se colocados lado a lado,  
O primeiro ao segundo em um momento  
Terá englobado.

O cérebro é mais profundo que o mar  
Pois um ao outro, onda a onda,  
Como uma esponja  
Poderá sugar.

Deus e cérebro em peso se equivalem  
Pois pesados os dois, a peso bom,  
Eles diferirão, se é que diferem,  
Como a sílaba do som.

### **4. Amor**

**568**

Aprendemos tudo sobre o amor,  
Letra, capítulo, alfabeto  
E antes que a revelação cessada for  
O volume completo.

Mas nos olhos dos amantes  
O ignorar permanece  
Parecido ao do infante  
Que a outro infante tivesse



Tentando explicar o que  
Nenhum dos dois ainda entende:  
Sabedoria tão vasta  
Verdade que mais se estende.

## **5. Tempo**

**1738**

Amaciados pelo veludo do tempo,  
Quão suave os desenganos  
Que ameaçaram a cidadela da infância  
E minaram aqueles anos

Divididos por mais sombrias dores  
Chegamos a invejar  
O desespero que devastou aquele reino  
Fácil de reparar.

## **6. Morte**

**216**

Seguros em câmaras de alabastro,  
Intocados pela aurora e o meio-dia,  
Esperam os dóceis membros da ressurreição,  
Soalho de cetim, teto de cantaria.

Acima, em seu castelo, ri ligeira a brisa,  
A abelha sussurra a um insensível ouvido,  
Gorjeiam pássaros ignorante cadência,  
Ah, quanto engenho jaz aqui perdido.

Sob o alto crescente passa o tempo,  
Estendem-se os mundos e o céu voga leve  
Caem diademas e príncipes se rendem  
Silenciosos como gotas em um disco de neve.

## **7. Espiritualidade**

**1162**

A vida que temos é grande,  
A que veremos, em verdade  
Supera-a de muito, porque  
É infinidade.

Mas quando tudo for conhecido  
E a vida verdadeira desvelada  
A menor extensão do coração humano  
A reduzirá a nada.

## **8. Metafísica**

**1065**

Deixai cair as portas, oh morte,  
Vão entrar os rebanhos fatigados  
Cujos balidos já não se repetem  
Cujos vagares estão terminados

Tua é a noite mais tranquila  
Tua é a mansão mais segura  
Demasiado perto estás para buscar-te  
Ninguém pode dizer tua ternura.

## **9. Religião**

**1544**

Quem não achou o céu por onde vinha  
Nunca o encontrará, seja onde for.  
Deus é uma casa vizinha,  
Sua mobília, o amor.



## Algumas traduções ao português

1. **Bandeira, Manuel** – Poemas traduzidos. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora. 4ª edição, 1976, p. 86 – 88. Inclui poemas de Emily Dickinson, em traduções ditas “livres”: A porta de Deus, Beleza e verdade, Nunca vi um campo de urzes, Cemitério, Minha vida acabou duas vezes.
2. **Krahenbuhl, Olívia** – Poemas escolhidos de Emily Dickinson, São Paulo. Edição Saraiva. 1956. Inclui 41 poemas, selecionados pela tradutora que acrescenta ainda introdução e nota bibliográfica.
3. **Faustino, Mario** – Artesanatos da poesia, fontes e correntes da poesia ocidental (organização Maria Eugênia Boaventura) São Paulo. Companhia das Letras, 2004, pp 70-79. Inclui 7 poemas em “tradução não versificada”: Separação, Fome, Acarreta, Sucesso, Seguros em câmaras de alabastro, Senti no cérebro um funeral, Verão de Hesperides.
4. **Lando, Isa Mara** – 50 poemas de Emily Dickinson. Rio de Janeiro. Imago Editora. 1999.
5. **Sena, Jorge de** – 80 poemas de Emily Dickinson. Lisboa. Edições 70. 1979.
6. **Gomes, Aíla de Oliveira** – Emily Dickinson uma centena de poemas. São Paulo. T. A. Queiroz Editor. 1985.
7. **Amaral, Ana Luisa** – Cem poemas de Emily Dickinson. Lisboa. Relógio d’Água Editores. 2010.
8. **Amaral, Ana Luisa** – Duzentos Poemas de Emily Dickinson. Lisboa. Relógio d’Água Editores. 2014.
9. **Lira, José** – Alguns Poemas de Emily Dickinson. São Paulo. Editora Iluminuras. 2006.
10. **Lira, José** – Emily Dickinson a branca voz da solidão. São Paulo. Editora Iluminuras. 2011.
11. **Lago, Angela** – Um livro de horas de Emily Dickinson. São Paulo. Editora Scipione. S/d.
12. **Campos, Augusto** – Emily Dickinson Não sou ninguém. São Paulo. Editora da Unicamp. 2008.

**13. Lando, Isa Mara** – Emily Dickinson, Loucas noites. São Paulo. Disal Editora. 2010.

**14. Faria, Idelma Ribeiro de** – Emily Dickinson Poemas. São Paulo. Editora Hucitec. 1986.

Livro de Louvor (Ed. Sarau das Letras, 2015), meu 21º livro de poemas publicado não é uma coletânea de traduções nem uma tentativa de reescrita de Emily Dickinson. Prefiro pensá-lo como um “ajuste de contas com um poeta forte” como queria Harold Bloom em “A angústia da influência”.

O poema de abertura “Janela de Amherst” intenta reproduzir os saltos elípticos típicos de Emily. A série de sete poemas que se seguem guarda impressões de outros textos dickinsonianos. “Em mesa de mármore” ecoa “Seguros em câmaras de alabastro”. “Juventude” parece o poema mais bem conseguido. Razão porque o escolhi para a contracapa. “O cão” lembra a primeira carta de Emily para Higginson. “Ao meio dia” ressoa o poema que termina “ociosa dona de casa entre flores deitada”. “Na tarde” recorda “There’s a certain slant of light”. “Toda noite” ecoa “Suportar nossa porção de noite”. O 3º poema das “3 lembranças de Miss E” consegue a concisão dos textos de Emily, parece-me.

A série “Similes” tenta ecoar os inúmeros poemas de Dickinson sobre as pequenas criaturas da natureza. Os “Sentidos” ecoam “We Play at pasture”. Nos “Doze dízimos a dor” o segundo poema lembra “Isblissuchabyss”. Na “Via-crucis de Amherst” estão registrados de “wildnights”. Por fim “Direito” reproduz a saga de publicação de Emily.

Para encerrar, vale lembrar “A carta ao mundo” e um trecho premonitório da grande poesia dickinsoniana:

441

Esta é a minha carta ao mundo  
Que nunca me respondeu  
Nova terra e majestosa  
Do que na terra se deu

Sua mensagem destina-se  
A mãos que não posso ver.  
Por anos dela, patrícios  
Julgai-me em bom parecer

**290**

Meus esplendores são frágeis  
Mas seu brilho incompetente  
Iluminará os séculos

Mesmo quando eu for somente  
Ilha em desonrada relva  
E dela uma só flor ciente.

**Nota:** As traduções de todos os poemas são do autor. A numeração deles está de acordo com a edição *Complete Poems de Emily Dickinson* editada por Thomas H. Johnson.

**PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO** é poeta e escritor, autor de “Talhe Rupestre” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Zila Mamede e José Mindlin

Breve relato da correspondência e de amizades – 2

Gustavo Sobral

Zila foi uma desbravadora e por sua força e organização pessoal e empenho se meteu nesta aventura de compor a bibliografia de João Cabral, “é claro que um burguês bem comportado – lhe escreve Mindlin na carta de 04 de outubro de 1976 – não se aventura a um trabalho deste tipo, e o fato de você não se incluir entre gente bem comportada é muito simpático”. O levantamento de Zila se propunha minucioso, a ficha de dados bibliográficos remetida a Mindlin sobre a edição de luxo de *O Rio* incluía o título completo, “O Rio ou a relação da viagem que fez o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife”, os detalhes da edição: “edição de luxo comemorativa dos 20 anos do Prêmio de Poesia do IV Centenário de São Paulo”, epígrafe, lugar da edição, editor, impressor, ilustrações e tipos, capa, número de páginas, formato, tiragem, todas as informações na lista respondida por Mindlin e remetida a Zila.

O plano de Zila, de acordo com o projeto que instituiu, e começou naquele ano de 1976, levaria quatro anos para ser realizado e consistia em levantar, segundo informa na carta: “todo e qualquer tipo de material em que a obra de João Cabral de Melo Neto ou a obra sobre ele escrita tiver sido divulgada”. O formulário de resposta para o levantamento preliminar remetido a amigos e estudiosos da obra de Cabral consistia em três tópicos: 1. Trabalhos de sua autoria sobre JCMN (Zila usa esta abreviatura com as iniciais do nome para referir-se ao poeta), em que se deveria relacionar indicando o título, o local, o editor, a data de publicação; 2. Trabalho(s) de outros autores existentes sobre JCMN em sua biblioteca, arquivo, etc, da instituição e ou empresa que dirige, também relacionar os mesmos requisitos do tópico anterior; 3. Como obter, assinalar o meio, se por compra e onde, ou cópia, ou outro a especificar trabalhos de JCMN.



A correspondência entre os dois, Zila e Mindlin, corre em paralelo ao firmamento de uma relação afetiva que supera o objetivo do trabalho da bibliografia de JCMN. Mindlin se dispôs também a fornecer contato de outros estudiosos que poderiam ser úteis, socorreu Zila com algumas outras publicações, além de ser alvo do seu afeto. Zila compartilhou a sua poesia, ainda em 1976 enviou ao casal um exemplar de *Exercício da Palavra*, a bibliografia de Cascudo a qual ela compôs, e recebeu, para a Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde trabalhava, um exemplar da Revista Antropofágica reeditada por Mindlin. A Mindlin e a Guita agrada a poesia de Zila, inclusive, Mindlin manifestará a Zila que está diante de uma poeta, em outras palavras, de gabarito, não desce a comentários ou pormenores, mas manifesta anuência ao trabalho poético que Zila apresentava. Consta na correspondência com o poeta Carlos Drummond de Andrade um traço que parece ser uma característica do exercício literário de Zila. Ao compartilhar com Drummond, e até Bandeira, seus poemas em busca de orientação.

Zila era incansável não só como poeta, mas também como pesquisadora, compondo as bibliografias, organizando acervos e bibliotecas e acompanhava a sua constante formação e aperfeiçoamento. Fez curso de biblioteconomia na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, o primeiro, quando conviveu com o poeta Manuel Bandeira e voltou-se para um mestrado na área da biblioteconomia, que não chegou a concluir, absorvida com o trabalho nas bibliotecas. Fez cursos nos Estados Unidos também, andou a Europa como correspondente do jornal O Globo e conheceu Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, meio mundo nesta viagem. Já a sua escola poética a formaram Bandeira e Drummond. Bandeira a ela disse: você é poeta até embaixo da água do Capibaribe, em resposta a leitura de *Rosa de Pedra*, livro de poemas dela que ela havia lhe remetido, e foi além, aconselhou-a a estudar latim e a ler os poetas latinos<sup>1</sup>.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira nasceu em Recife (1886) e faleceu no Rio de Janeiro (1968), estudou no Colégio Pedro II, Rio

---

1 GALVÃO, Claudio. *Zila Mamede em sonhos navegando*. Natal/RN: Moura Ramos, 2005

de Janeiro e em São Paulo frequentou a Escola Politécnica, pretendia ser arquiteto, abandonando o curso em razão da tuberculose, (“*Diga trinta e três. / – Trinta e três... trinta e três... trinta e três... / – Respire.*”), que o levou em 1912 a internar-se em sanatórios na Suíça para tratamento. Foi quando conheceu a poesia pré-simbolista e simbolista francesa. O primeiro livro de poemas saiu em 1917, *A cinza das horas*, impresso na Oficina do Jornal do Comércio, de Recife, edição com duzentos exemplares e financiada pelo autor. Participante da Semana de 1922, além de poeta, Bandeira atuou como cronista e tradutor, professor de português do Pedro II e de Literatura Hispano-Americana na Universidade do Brasil. Em 1940, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Escrevia crônicas para jornais do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo e para programas de rádio<sup>2</sup>.

É autor entre outros livros de *Apresentação da Poesia Brasileira* (1946) em que cita, nas edições posteriores, a amiga Zila na geração dos novos (e bons) poetas que nasciam. Conviveu com escritores brasileiros do seu tempo, se correspondia com todos eles, dentre os quais o poeta Mário de Andrade. José Condé<sup>3</sup> desenhou um perfil biográfico em que anota coisas assim sobre Bandeira: solteiro e sem filhos, 1,68 de altura sem os sapatos, míope e usa óculos, dentuço que ri, agradecendo sempre os livros que recebe. Responde cartas, admira o poeta Carlos Drummond de Andrade, de sua predileção. Não é requintado, pois gosta de jiló, cinema falado, rádio e de poetas de segunda ordem. Ele mesmo quem prepara o seu café da manhã e faz versos desde os dez anos de idade. Não diferente seria o retrato de Zila quando conta da sua amizade com o poeta:

“(...) Tivemos logo, assim, uma simpatia muito grande um pelo outro, e passei a ser a neta que ele não teve. Eu ia toda semana à casa dele; antes de ir para a Academia ele fazia sorvete pra mim, sorvete de café. Nas férias, eu levava castanha de caju, aquelas cobertas

---

2 BANDEIRA, Manuel. Cronologia. IN: Bandeira, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.19-28.

3 CONDÉ, José. Flash autobiográfico de Manuel Bandeira. In: Bandeira, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.29-30.

de açúcar para ele dar a uma grande amiga dele, Madame Blanche. Ele, realmente, era um pai pra mim. Ele me dava todas as duplicatas de livros que recebia, entrada para todas as estreias de teatro e balé do Rio de Janeiro. Ele, realmente, me tratou como uma pessoa da família e fez mais: me obrigou a estudar. Inclusive, em cartas dele para mim, ele me obrigava a estudar latim, a conhecer os clássicos, ‘se eu não tivesse coragem de estudar latim, que pegasse essas traduções lineares, chamadas ‘tradução de burro’, e lesse o latim e a tradução justalinear, página dupla, latim e português, que eu ‘tinha a obrigação de aprender os clássicos: sem ler, ninguém era poeta!’”<sup>4</sup>

Em fins de 1951, Zila escreveu para Manuel Bandeira, contou que lia do poeta de *A cinza das horas* e, por isso, resolveu escrever para ele e enviar alguns dos seus poemas. Recebeu de volta um cartão e o poema dela *Soneto Noturno para o Rio Capibaribe* publicado no Diário Carioca. Quando Zila vai para o Rio de Janeiro em 1954, cursar biblioteconomia, a interferência de Bandeira é importante para que consiga uma bolsa de estudos que possibilite a sua sobrevivência. A primeira pessoa com quem entra em contato quando chega ao Rio é com o poeta. Zila ia toda semana à casa dele, e ele lhe recomendava leituras, obrigava a estudar e ler os clássicos, e julgava imprescindível a um poeta saber latim, presenteava-lhe com duplicatas dos livros que recebia e entradas para espetáculos. Em 1956, Zila concluiu o curso e voltou para Natal, já eram definitivamente grandes amigos.

A ideia de compor a bibliografia de João Cabral sucede ao trabalho realizado sobre Câmara Cascudo na década de 1960. João Cabral vem a Natal entre os dias 12 e 13 de fevereiro de 1976, e é surpreendido pela proposta de Zila. Zila está determinada e se propõe também, numa espécie de diário, a registrar cada passo do trabalho que tem a realizar. Em julho do mesmo ano escreve ao poeta pedindo aprovação para começar o trabalho. João Cabral responde no dia 19 de julho, carta que vem do Senegal, onde estava como Embaixador do Brasil. Zila com a anuência em mãos começa a trabalhar

---

4 MAMEDE, Zila da Costa. *Memória Viva de Zila da Costa Mamede*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2012., p.22. ed. Fac-similar. Natal/RN: Editora Univer-sitária, 1987.

sobre o primeiro material que recebe do poeta pelo correio em 30 de agosto. Em setembro começa o envio das cartas para coleta do material do qual Mindlin foi um dos destinatários. A correspondência segue:

Natal, 21 de novembro de 1976

Festa de Nossa Senhora da Apresentação

Mindlin:

(...) Agradeço as suas palavras sobre Exercício da Palavra. Confesso que publicar este livro foi como fazer um boi tomar um trem. Acho que digo isso, de certa forma, quando passei tanto tempo sem ter coragem de publicar livro. Depois, publicar livro, no Brasil, é coisa para poeta federal: poeta municipal deve ficar em seu lugar: calado. E cuidar da obra dos poetas federais: é o que estou me propondo a fazer: cuidando do João, como cuidei do Cascudo. Creio que presto um serviço, fazendo este tipo de trabalho. E que serviço presto eu publicando livro que não tem editor e quando tem impressor ele não sai dos porões da gráfica governamental? Não estou me lastimando; isso é a mais pura verdade. Estou com outro livro em andamento: João me obrigou a trabalhar na frente dele e a retrabalhar Exercício da Palavra. Ele deu as costas ao Brasil e eu engavetei tudo. (...)

Zila neste ponto invoca de alguma forma um poema do amigo Drummond, que está lá em *Alguma Poesia* (1930), dedicado ao amigo em comum, o poeta Manuel Bandeira:

### **Política literária**

*A Manuel Bandeira*

O poeta municipal  
discute com o poeta estadual  
qual deles é capaz de bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal  
tira ouro do nariz

A conversa entre os dois, Zila e Mindlin corre então para o tom da amizade gradativamente. Zila se mostra franca, confortável e íntima e o protocolo vai pouco a pouco se esvaindo. O trabalho continua: Mindlin, carta de 26 de novembro de 1976: “respondendo em primeiro lugar à sua pergunta sobre ‘O Rio’: a edição foi de 1974 e unicamente 100 exemplares (...) meu papel foi dar a ideia e acompanhar a feitura do livro”. A amizade se firma, Mindlin, ainda na mesma carta: “gostei do jeito de suas cartas, achei que a gente se entende, também tenho a impressão que estamos caminhando para uma amizade, e amizade a gente vive simplesmente, sem conta corrente”. E Zila, carta de 14 de dezembro de 1976: “Concordo com você, quanto à amizade sem conta corrente e foi muito lindo você dizer isso. Pode crer”.

Zila marca as férias e a visita a casa dos Mindlin, lá se hospedará e manda perguntar de antemão: “que coisas do Nordeste são desejadas pelo seu paladar? P. ex: cachaça, caju, carne de sol, feijão verde, manteiga líquida, mangas, o quê?” O bibliófilo registrará posteriormente o firmamento desta amizade em duas oportunidades, na apresentação de *Civil geometria*: “Zila várias vezes trouxe para a nossa casa paulista o calor do seu entusiasmo nordestino”; e na edição conjunta de *Navegos/A Herança*: “num dia ensolarado, chegou aqui Zila Mamede, com sua bagagem, carne seca, e manteiga de garrafa, desde logo falando em preparar o almoço, e isso foi o início de uma grande amizade, que só a morte interrompeu”.

20 de dezembro de 1976, avisa: “chego dia 20 de janeiro [1977]”, mas deixa claro que havendo empecilho, muda-se a data que vai estar de férias até 09 de fevereiro e que pode lhe telefonar que às tardes ela estará em casa, as manhãs nadando e finais de semana nas praias próximas da cidade. E nada de João Cabral confirmar a ida ao Rio de Janeiro, a ida a São Paulo para ir aos Mindlin dependia da vinda de João Cabral (que morava no exterior): “Estou um tanto preocupada com isso, pois você que o conhece talvez melhor do que eu sabe, como eu sei, da pessoa extremamente gentil, educada e atenciosa que é o João: está mergulhado no mais profundo poço de angústia”. Zila relata que há na correspondência entre ela e João Cabral queixas do poeta quanto a isso e uma indefinição dele, ele é vago, não chega a responder categoricamente, uma data prevista

para a vinda ao Brasil. O que aflige Zila que depende deste definição. Haverá nestes trâmites até desencontros, Zila alega ter perdido a passagem do poeta que não chegou a avisá-la certa vez de sua presença no Rio. Mais detalhes devem se encontrar nas cartas entre João Cabral e Zila. Em janeiro de 1977, Zila segue para São Paulo, passa quinze dias na companhia dos Mindlin, retornando em fevereiro.

Zila é constantemente biográfica, uma necessidade de apresentação e até conforto dela com a amizade, uma espontaneidade revelada, assim neste tom é que pergunta mais como vai o clima de São Paulo, porque “nordestino só veste roupa de verão”. E em tom de graça completa, “sobretudo, alguém que, como eu, além de nordestina, tem um bom punhado de mestiçagem de índio, português, espanhol e preto – veja só que bela mistura a minha. Ainda por cima, tenho prenome judeu com sobrenome árabe, não sendo nem uma nem outra coisa, embora a minha vocação judaica seja bastante acentuada: o que sou mesmo é sertaneja”. (28 de dezembro de 1976). O sertão está presente na obra poética de Zila e como parte daquele chão ela se definia.

Zila preparava *Navegos*, lançamentos previstos em Recife, João Pessoa, Campina Grande e Mossoró. Brasília estava confirmado também. Rio e São Paulo, a acertar. As cartas já eram endereçadas ao casal “queridos amigos Guita e Mindlin: isto é, na verdade, um pedido de ajuda, a vocês, tenho medo de São Paulo e do Rio” (02 de setembro de 1978). A poeta temia um lançamento vazio, por não ter muitos contatos em São Paulo, embora considerasse que, pela sua temporada no Rio, poderia reunir alguns amigos. A questão era que em São Paulo não achava prudente porque ali se considerava desconhecida, pretendia optar por só pôr o livro disponível à venda nas livrarias da cidade. A Editora Vega, de Belo Horizonte, que publica o livro, planejou lançamentos em Natal, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Brasília. Em São Paulo, foi posto à venda na livraria Parthenon. No Rio Grande do Norte, houve lançamento em Currais Novos, Caicó e Mossoró.

Há fatos e dados que escapam da correspondência. As visitas que Zila fez a São Paulo e os telefonemas entre os dois também construíram os laços. O chamamento já muda em algumas cartas, Mindlin

é o “tio Juca” ou “Zé” e Zila já assina “Zil”. Há também a visita de Mindlin a Cascudo em Natal, também tema nas cartas, quando Zila envia fotografias de Guita, Mindlin e Cascudo em Natal, remetidas com dedicatória no verso, do punho do próprio Cascudo que faz o registro da data da visita, 15 de outubro de 1978. Há outro indicio da presença de Mindlin em Natal, em carta, no ano de 1982, em dezembro. Mindlin virá outras vezes a Natal. Há tentativa diante dos gastos financeiros com o trabalho da bibliografia de propor um projeto para financiamento da pesquisa ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que é negado na primeira tentativa e aceito na segunda, aprovado em 22 de dezembro de 1981. A interferência de Mindlin é importante para que haja a concessão. O amigo estava engajado no projeto e, após a morte de Zila, será o responsável por arregimentar os esforços para a publicação da pesquisa em livro. A Mindlin caberá a apresentação. Zila deixou rascunhada e da forma como ficou também foi publicada na edição<sup>5</sup>:

“Quando em 1976 expressamos a João Cabral de Melo Neto o desejo de trabalhar na sua bibliografia, recebemos dele uma resposta bastante desanimadora: - ‘Impossível!’ Argumentava ele, na ocasião, que tendo vivido em muitos países, seria impossível fazer-se um levantamento do que se escrevera sobre ele. Insistimos na ideia. Conseguimos obter sua adesão e sua concordância.”

“Desde 1970, quando publiquei o trabalho de pesquisa Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918-1968, Natal: Fundação José Augusto, 1970, 2v em 3, desejei um dia realizar pesquisa semelhante mas no terreno da poesia. Guardei a ideia para uma ocasião propícia. Em 1968, conheci pessoalmente João Cabral de Melo Neto. Mantivemos, desde então, um profícuo relacionamento de amizade pessoal e de interesse literário. Cada encontro nosso equivalia a um curso de literatura e de arte poética. A partir de então, fui-me inteirando e me aprofundando na leitura de sua obra. Foi quando tomei conhecimento do estudo de Benedito (Nunes). Esse estudo apresentava, até então, a informação bibliográfica “mais

---

5 MAMEDE, Zila. *Civil geometria*: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto (1942-1982). São Paulo: Nobel, 1987, p.XIII a XV.

completa” sobre a obra de JCMN. Pois foi exatamente a partir de Benedito Nunes que tomei a decisão: a pesquisa seria sobre poeta nordestino, e este poeta estava escolhido: João Cabral de Melo Neto.

Até este momento eu não tinha ideia clara de como iniciar.

Escrevi ao autor, comunicando-lhe minha intenção e solicitando-lhe a permissão para realizar o trabalho. A resposta não foi animadora: ‘Impossível’, disse-me ele.

Inicialmente programei fazer o levantamento do material bibliográfico, coletá-lo, analisá-lo e publicá-lo em homenagem aos 60 anos do poeta, ou seja, em 1980: calculando o tempo pela experiência que eu havia adquirido com o trabalho sobre Luís da Câmara Cascudo, conclui que em 4 anos teria a pesquisa pronta para publicar.

O que ocorreu foi que, em 1980, eu nem havia conseguido um financiamento para o desenvolvimento da pesquisa, o que somente ocorreu em janeiro de 1982.

Mudei, evidente, de plano: estabeleci 1982 como data limite, fechando assim um círculo. Sobre os 40 anos de atividade poética de JCMN, 1942 – publicação de *Pedra do Sono*, 1982, pub. de *A escola das facas e Poesia Crítica*. É evidente que” [aqui termina o texto].

O livro saiu em 1988, uma coedição da Editora Universidade de São Paulo, Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Instituto Nacional do Livro e a Fundação de Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social de São Paulo. O término foi possível com o trabalho final, seguindo as instruções já propaladas por Zila enquanto caminhava com a pesquisa, pelas bibliotecárias que a auxiliavam, Gildete Moura de Figueiredo, Rejane Lordão Monteiro e Emília Souto. Juntas trabalhavam todas as tardes, no apartamento de Zila. Na sala todo o material utilizado para a pesquisa: livros, recortes de jornal, etc. Mais de duzentas siglas foram necessárias, criadas por ela, o arrolamento dos títulos das obras de João Cabral dispostos não só por períodos, mas também por edições em português e língua estrangeira. A conclusão do trabalho da forma como planejava



Zila foi possível porque no diário de campo permaneceram instruções anotadas em janeiro de 1981<sup>6</sup>:

“Ivonete acaba de me dizer: ‘por favor, diga o que eu faço com esse seu trabalho (João Cabral - bibliografia) caso você morra antes de concluí-lo’. Embora sendo uma estranha pergunta para uma irmã fazer a outra, na entradinha do ano novo e na véspera dela mesma viajar para o Rio de Janeiro, de férias, registro aqui, agora, às 11 horas da manhã, o que deve ser feito com o trabalho em processamento, caso alguma coisa me impeça de concluí-lo:

1 O trabalho deve ser entregue sob documento de co-autoria à bibliotecária Cremilda Perucci, da Universidade Federal de Pernambuco. Ela tem conhecimento e concorda com a minha decisão e já decidimos isso desde 1977, confirmamos em abril de 1980, no Recife. É impossível que eu e Cremilda morramos ao mesmo tempo. Mas, caso isso aconteça, o que será patético, entregar o trabalho ao INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Espero não morrer, pelo menos até conversar sobre o assunto, com meu amigo Fernando Freire.

2. Todo o material bibliográfico dos 15 álbuns pertence a João Cabral de Melo Neto e sua família e a eles deve ser devolvido sob recibo. Espero concluir o fichamento antes de poder morrer ou ter que morrer.

3. Todo o material bibliográfico do qual não disponha a biblioteca particular de João Cabral de Melo Neto, deve ser entregue a Stella Maria Cabral de Melo, para completar a coleção.

4. Tudo o que for duplicata para biblioteca particular de João Cabral, deve ser entregue a José Mindlin. Ele também já está ciente disso.

5. Toda a minha correspondência deve ser entregue por doação a José Mindlin. Ele já sabe o que fazer com a correspondência.

Natal, 2 de janeiro de 1981

A confiança era tanta que Zila assim escreveu ao “querido tio Juca” em 07 de setembro de 1981: “gostaria de lhe pedir permissão

---

6 GALVÃO, Claudio. *Zila Mamede em sonhos navegando*. Natal/RN: Moura Ramos, 2005, p.157-158

para enviar-lhe uma análise bibliográfica na fase em que se encontra, afim de obter de você uma opinião sobre alguns dados que estou questionando: e eu prefiro ter a opinião de uma pessoa que entende de livros, de informação, de arte, de cultura, afinal de contas, do que ouvir um técnico em documentação e que não está habilitado a uma visão ampla de um processo de criação qualquer, quanto mais poético”. Zila também remeteu poemas. *A Máscara* chegou por carta de 7 de dezembro de 1980 para “tio Juca”, datilografado e com a menção da poeta: “este é o primeiro poema escrito na minha casa nova”. Um poema que seria publicado em *A Herança* com o título de *Hermelinda no espelho*.

## **A Máscara**

*Zila Mamede*

O rosto exige unção de creme nutritivo  
textura de loção hidratante  
sedosidade de sabão adstringente

O rosto seleciona cores de potes,  
formatos de tubos e de frascos:  
na concorrência das embalagens

que se oferecem em fiteiros e vitrines  
– o chamariz harmônico e ofuscante  
do gás-neon, luz fria, candeeiros

Espelhos salientam abusivos olhos  
pincéis acentuam a descritiva sensual dos lábios  
dedos massageiam impiedosas geometrias de pescoços e colos  
Sacralizados em banheiros e termas  
múltiplos cosméticos realimentam  
as vibrações do rosto que exorcisa o tempo.  
Natal, 7/12/80

Zila também se refere a participação no laboratório de criatividade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que tratou do processo criativo do escritor, no caso de Zila, a exposição do seu



processo de criação poética em que ela utilizou este poema. Tio Juca também recebeu o poema *Retrato de João Cabral de Melo Neto*, em 11 de janeiro de 1981: “trabalhei durante mais de 30 dias neste poema (ou este poema). Ainda não gosto da palavra reprimida, do sentido dístico e penso que vou grifar, e não aspear a palavra *compreende*. É um cacoete do João, mas é também uma palavra espanhola, não? Acho que o poema vem da razão do meu contato com 40 anos de arquivo sobre ele, inclusive com uma razoável iconografia em que os mesmos gestos se registram com frequência. Inclusive submetido o poema a ele antes de batizá-lo e ele aprovou o título que antes eu havia colocado: Retrato do artista.”

O poema é publicado em *A Herança*, no entanto, percebe-se, consultando a cópia do poema enviada a Mindlin naquele ano que o segundo verso da sétima estrofe passou por uma alteração na versão que saiu no livro. Enquanto no poema enviado a Mindlin consta “angustiada ausência, reprimida presença”, em *A Herança*, ficou: “na rotineira ausência, intempestiva presença”.

## **Retrato de João Cabral de Melo Neto**

*Zila Mamede*

O gesto de tirar os óculos, de apoiar a testa na mão  
(como para sustar a explosão das ideias e interiorizar-se)

O ricto de auto-comiseração (ou zombaria):  
apertar os lábios num sorriso seco e horizontal de máscara

O medo do demônio e dos infernos  
e nenhuma convivência com um Deus que seja

O pavor e o pudor: onipotência e técnica  
de preservar a intimidade dolorosa

A neurose da aspirina, do relógio e do tempo  
como se o instante último fosse necessariamente aquele

O desejo de amor, a recusa do amor, o pecado no amor  
e a casuística fidelidade ao próprio amor

A missão, a omissão e a ousadia da distância:  
angustiada ausência, reprimida presença

O degredo e o segredo: na tortura  
pela aspereza da dor invulnerável

A necessidade de confirmar se se “comprende”  
o debate, a fluência, a lucidez  
A dialética e a disciplina do poeta  
e o preconceito atávico da casta

O compromisso ascético com a palavra:  
salvação e danação, perda e deificação  
Natal, 11/01/81

Mindlin ao que parece era um colecionador de “originais”. Zila remete o poema como um presente, fazendo referência: “espero que você possa usar o poema como mais uma peça para a sua coleção de ‘raridades’...”. Não encontramos cópias de possíveis cartas de Mindlin em que haja comentário a este poema, o acesso a correspondência bilateral foi possível quando se encontrou no arquivo de Mindlin cópias das cartas que remeteu a Zila e não só e apenas as que dela recebeu. Comentários, observações, algo do tipo, que tratem deste material recebido por ele talvez durmam em cartas de Mindlin para Zila que constem no arquivo da poeta.

O carinho e o afeto mútuo resultam definitivamente em um gesto significativo da poeta que encerra a grandeza desta amizade em que se refletem estas e as demais relações que a poeta construiu na sua vasta correspondência, ainda pouco conhecida e estudada, aqui brevemente relacionada com a consulta a diversos acervos em que pela primeira vez se apresentam não só as cartas e poemas que remeteu a Carlos Drummond de Andrade, em que se revelam traços biográficos, o construto da sua poesia e o percurso empreendido para a construção da bibliografia de João Cabral de Melo Neto, mas

também a correspondência da poeta com o bibliófilo José Mindlin, a quem Zila remeteu o original datilografado de *A Herança* com a seguinte dedicatória escrita do próprio punho: “José e Guita: este livro foi muito importante, no atual momento que vivo, comemoro, com ele, 55 anos. E muito muito contente. Este original datilografado é um presente de aniversário para Guita (8 de agosto, digo 2 de agosto) e José (8 de setembro) com o maior carinho de Zila Mamede ou Zil, Natal, 04 de setembro de 1983”.

**GUSTAVO SOBRAL** é advogado e jornalista, Mestre em Estudos da Mídia (UFRN, 2012), autor de “Arquitetura Moderna Potiguar” e outros livros. Organizou com o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo, a reedição do livro de contos O solitário Vento do Verão de Newton Navarro.

# Demétrio Diniz: 20 anos de atividades literárias

Thiago Gonzaga

*De imediato a história me sacudiu de longe.  
Me empurrou praquela sítio, cuja enorme cancela,  
como duas páginas, se abriu na minha frente.  
Aldo Lopes in Solidão Nunca Mais.*

Estivemos recentemente, eu, o jornalista Sávio Hackradt e os escritores Aldo Lopes e Manoel Onofre Júnior, batendo um papo literário com o escritor Demétrio Diniz, sob o olho de uma câmera, para compor documentário em vídeo, dentro de um projeto da Academia Norte-rio-grandense de Letras, espécie de filmoteca da literatura potiguar.

A ocasião foi muito propícia, pois em 2016 comemoram-se vinte anos do lançamento do primeiro livro de Demétrio Diniz, que estreou como poeta com a obra *Um homem sem poesia*, em 1996. Ao término da conversa, vieram-me à mente as famosas palavras de Fernando Pessoa: *Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: “Navegar é preciso; viver não é preciso.” Quero para mim o espírito desta frase, transformada. A forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.* Rememorando a frase, cheguei à conclusão de que Demétrio Diniz é um homem que nasceu para escrever, acima de qualquer outra coisa, e a literatura é a própria vida dele.

Não há como negar que Demétrio teve uma carreira poética bem sucedida, dentro da realidade local, inspirando-se quase sempre na sua terra e na sua gente, mas, é importante frisar que a sua poesia se expressa em uma linguagem universal. A obra poética do escritor, que nasceu em Alexandria (RN), compõe-se dos livros *Passarás* (1999), *Haveres* (2004), *Ferrovia* (2007) e *Beleza Distante* (2010), além do livro de estreia; trabalhos que já seriam suficientes para deixar registrada sua passagem em nossa história literária.

Essa obra é marcada sobretudo pela exploração máxima da vida, no que ela tem de mais humano, com o mínimo possível de palavras. O eu lírico descreve personagens, dramas, questionamentos, imagens, memórias, tudo construído com o trabalho artístico da palavra. Por vezes – nota-se – a poesia se aproxima da própria prosa.

Em 2012, deixando as musas de lado, Demétrio Diniz encaminha-se pela ficção e já se revela um bom contista com a obra *Sob o Céu de Natal*. Mas se havia alguma dúvida quanto à qualidade do seu conto, isso vai cessar com o lançamento do seu segundo livro, *Idas e Vindas de São Serápio* (2013). Em seguida veio *O Amor Fora de Época de Felipe Flores*, outro êxito, de 2014, o que faz o escritor ficar no mesmo nível de importantes contistas do Estado.

Ao fim da conversa literária com Demétrio Diniz, percebi que ele é muito mais do que um ficcionista, ou ex-poeta, como ele prefere. Demétrio é um escritor com muitas virtudes, sobretudo quando o assunto é literatura, conhecimento e humildade. Leitor de grandes obras, homem inteligente, bem informado, trabalhador das palavras, digno de pertencer a qualquer instituição literária, inclusive a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Como já disse Ezra Pound, a literatura é a linguagem carregada de significado. E isso Demétrio Diniz tem de sobra. Num Estado, onde surgem, todo dia, novos escritores, sobretudo poetas, com seus poemas vazios, escritores do nível de Demétrio Diniz servem como consolo e dão esperança de que a nossa tradição literária vai continuar, e a literatura de alta qualidade sempre vai prevalecer.

**THIAGO GONZAGA** é escritor e pesquisador de literatura potiguar, autor de *Impressões Digitais - Escritores Potiguares Contemporâneos*, vol 1, 2, 3 e *Presença do Negro na Literatura Potiguar & Outros Ensaios*, entre outros livros,

## “Sempre existe algo no meio<sup>7</sup>”:

mediações da(s) fronteira(s) no romance *How the García Girls Lost their Accents*, de Julia Alvarez

Tito Matias-Ferreira, Jr.

As mediações entre a condição do imigrante, sua relação com a fronteira, com o seu exílio e, principalmente com o sujeito da cultura hegemônica do país que vive, apreendem diretamente o processo de posicionamento do sujeito diaspórico contemporâneo. O romance *How the García Girls Lost their Accents*, de Julia Alvarez, na descrição da imigração das irmãs García para os Estados Unidos, demonstra que elas constantemente agenciam suas porções caribenha e estadunidense tanto em solo norte-americano quanto em solo caribenho. Segundo Hall (2003),

[n]a situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas: há a qualidade de ser “caribenho” [West-Indianess] que eles compartilham com outros migrantes do caribe (HALL, 2003, p. 29).

Essas relações procuram dar conta da questão da identidade do imigrante e sua inserção tanto na sociedade dominante de seu novo

---

7 Utilizo a noção de que “sempre existe algo no meio”, criada por Chambers e usada também por Stuart Hall, para nomear este artigo uma vez que este conceito nos remete ao agenciamento do discurso colonial, ressignificado na contemporaneidade, que se faz presente nas relações de convivência e poder no Caribe. Para Hall (2003), “[o]s momentos de independência e pós-colonial, nos quais ideias imperiais continuam a ser vivamente retrabalhadas, são necessariamente, portanto, momentos de luta cultural, de revisão e reapropriação. Contudo, essa reconfiguração não pode ser representada como uma “volta ao lugar onde estávamos antes”, já que, como nos lembra Chambers, “sempre existe algo no meio”. Esse “algo no meio” é o que torna o próprio Caribe, por excelência, o exemplo da diáspora moderna” (HALL, 2003, p. 37-38).

território quanto nos grupos minoritários que tendem a pertencer, pois tais relações realçam a noção de que os imigrantes tendem a ser “amphibians who do not have an old home and a new home to so much as two half-homes simultaneously (IYER, 1993, p. 49) [anfíbios que não possuem um velho lar e outro novo lar, mas sim dois meio-lares simultaneamente (IYER, 1993, p. 49, tradução nossa). A tentativa do imigrante de se posicionar perante a sua situação diaspórica é propícia para produzir diálogos entre os povos do mundo contemporâneo resultando na ideia de que o sujeito, quando imerso na condição diaspórica, não está ligado somente a uma localidade, já que tem a capacidade de reconhecer sua identidade em qualquer lugar que ocupe:

[a] cultura caribenha é essencialmente impelida por uma estética diaspórica [e, para Rushdie (1990),] [...] [“o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações de seres humanos, culturas, ideias, políticas, filmes e canções” é “como a novidade entra no mundo” (RUSHDIE, 1990, p. 394, *apud* HALL, 2003, p. 37-38). Não se quer sugerir aqui que numa formação sincrética, os elementos diferentes estabeleçam uma relação de igualdade uns com os outros. Estes são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder – sobretudo as relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo (HALL, 2003, p. 37-38).

Novamente, nos remetemos à noção de identificação descrita acima por Hall (2003) com o intuito de dismantelar o caráter de rigidez do discurso de pertencimento ainda por muitas vezes adotado pelas culturas hegemônicas.

Entretanto, para se compreender os embates culturais entre a sociedade hegemônica e o outro no mundo contemporâneo, faz-se necessário resgatar o discurso produzido pelos países hegemônicos anteriormente para lidar e se relacionar com a alteridade e entender

como tal discurso tem sido ressignificado e utilizado na contemporaneidade. De acordo com Bhabha (2003), o discurso colonial possui uma dependência no conceito da fixação identitária ao construir ideologicamente o outro (o colonizado). Esse conceito traz à tona a ideia de ordem estabilizada da(s) identidade(s) e dá ênfase à repetição de estereótipos.

Dessa forma, a estratégia de se repetir conceitos ou ideias fixas culmina na proliferação de estereótipos, que são formas de conhecimento e identificação oscilantes entre o que está sempre no seu devido lugar, o que já é conhecido e também algo que precisa ser ansiosamente repetido. Com efeito, o uso de estereótipos produz e reforça uma verdade probabilística e uma predicabilidade propagada no discurso colonial sobre o outro. Bhabha (2003) então propõe um olhar alternativo em relação às imagens positivas e negativas do outro produzidas pelo discurso colonial, já que esse acredita que a representação e a subjetivação do colonizado vai além das fronteiras de fixação do outro.

Por consequência, para compreender a subjetivação do outro dentro do discurso colonizador, indo além da representação cristalizada do colonizado, Bhabha (2003) sugere ser imperativo analisar a forma em que o discurso colonial constrói o seu regime de verdade absoluta. Assim, o discurso colonial em si se torna crucial para a propagação da diferença e discriminação inerentes às práticas políticas e discursivas de hierarquização cultural e racial. Esse modo de representação do outro produzido pelo discurso colonial enfatiza a construção sistemática e arbitrária de signos culturais e sociais que são, muitas vezes, intencionais e nacionalistas. Isso permite que não se leve em consideração o entendimento do objeto de seu próprio discurso, ou seja, o outro.

A simplificação efetuada no processo de representação dos estereótipos ignora o processo de identificação física e ambivalente do outro. Assim, o discurso do colonizador constrói o colonizado como uma população de tipos degenerados com base em sua origem racial para justificar a colonização propriamente dita e estabelecer um sistema de administração e instrução denominado “*governmentality*” [governar a mentalidade do outro, tradução nossa] (BHABHA,

2003). A disseminação do discurso colonizador acontece por meio da propagação de narrativas dos sujeitos e signos baseados na totalização de uma verdade reconhecível e reformada, uma vez que essa teoria de encapsulamento fixa o que não é familiar a algo estabelecido, ou seja, o estereótipo em si, e descarta a ambivalência do outro.

Com isso, segundo Bhabha (2005), a psicanálise, conectada à questão da identidade, sugere que todas as formas de identificação são parciais e ambivalentes. Todos os sujeitos são constituídos em um espaço limiar. A ambivalência, então, é muito importante para a compreensão dos processos e das relações sociais. Da mesma forma a semiótica sugere que um signo em particular possui um conjunto de significados baseados numa localização sistemática e no uso discursivo desse signo. Cada signo ganha seu significado através de um sistema linguístico particular. As palavras devem ser lidas a partir de um certo contexto social.

Por isso, a semiótica sugere que valores universais não podem ser atribuídos a textos. Deve-se compreender o teor da interpretação e da representação de tais textos (BHABHA, 2005). Ao se levar em consideração o conceito da palavra ambivalência proposto por Bhabha, faz-se com que os estereótipos se tornem uma simplificação não somente porque são uma falsa representação de uma realidade específica, mas porque a simplificação do sujeito ocorre também através de formas fixas de representação. Com efeito, o discurso colonial nega oportunidades de negociação que possibilitam o acesso ao reconhecimento do outro.

Dessa forma, resistir à visão estereotipada do colonizador dentro de um hibridismo cultural propicia a sobrevivência física e a luta pela autodeterminação política do “Outro”. A necessidade de uma unificação, a fim de marcar possíveis identidades nacionais dos países pós-coloniais tem sido usada de forma contraditória, uma vez que reforça a teoria de estereótipos do discurso do colonizador. Isso, então, parece descartar a representação ambivalente do outro a fim de promover o apagamento da diferença em seus territórios. Para Santiago (2000):

[...] a eficácia de uma crítica não pode ser medida pela preguiça que ela inspira; pelo contrário,

ela deve descondicionar o leitor, tornar impossível sua vida no interior da sociedade burguesa e de consumo. A leitura fácil dá razão às forças neocolonialistas que insistem no fato de que o país se encontra na situação de colônia pela preguiça de seus habitantes. O escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para um turismo cultural (SANTIAGO, 2000, p. 26 (grifo do autor)).

Há, então, a necessidade de se repensar as imagens fixas que têm sido narradas através dos tempos. Portanto, necessita-se usar da resistência para lutar contra o discurso colonial cristalizado que ainda parece causar grande assombro; evitando, dessa maneira, consentir com a fixidez da identidade do sujeito diaspórico. Com isso, evitar a mumificação cultural do outro ao ir contra a noção superficial de estereótipos permite o divergir do conceito de uma nação como tendo uma identidade homogênea. Escritores provenientes de tal contexto deveriam se engajar numa escrita da qual:

[...] a leitura em lugar de tranquilizar o leitor, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, o desperta, transforma-o, radicaliza-o e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência. Em outros termos, ela o convida à práxis. Citemos [...] Barthes: que textos eu aceitaria escrever (reescrever), desejar, afirmar como uma força neste mundo que é meu? Esta interrogação, reflexo de uma assimilação inquieta e insubordinada, antropófaga, é semelhante à que fazem há muito tempo os escritores de uma cultura dominada por outra: suas leituras explicam pela busca um texto escrevível, texto que pode incitá-los ao trabalho, servi-lhes de modelo na organização de sua própria escritura (SANTIAGO, 2000, p. 20).

Partindo dessa perspectiva, Julia Alvarez exerce sua voz ambivalente a partir do momento em que usa sua escrita para questionar e refletir sobre a representação do imigrante nas literaturas caribenha e estadunidense ao fazer o seguinte questionamento: “Estaria a literatura, assim como a história, produzindo um apagamento ou destacando determinados aspectos em detrimento de outros [...]?” (EVARISTO, 2005, p. 202). A autora busca testemunhar na ficção os mecanismos de limpeza étnica “fortemente presentes na literatura [de sujeitos diaspóricos contemporâneo], já que sua escrita subverte imagens e procedimentos cristalizados no discurso hegemônico [...]” (DUARTE, 2009, p. 75-76).

Gonçalves (2009) parece concordar tanto com Duarte quanto com Evaristo ao constatar que as narrativas da contemporaneidade sobre sujeitos migrantes “[...] provocam intensos ruídos na transmissão oficial dos fatos ou na forma como o social é construído, [...], já que, ao se permitir que os silenciados ocupem lugares delimitados pela escrita, dá-se vazão ao reprimido que emerge rasurando a cena dos grandes feitos para compor outras histórias” (GONÇALVES, 2009, p. 52). Ademais, Evaristo (2005) pondera que, “[...] a escre(vivência) das mulheres [...] explicita as aventuras e desaventuras de quem conhece uma dupla condição que a sociedade [...] teima em querer inferiorizada [...]” (EVARISTO, 2005, p. 205).

Nesse sentido, Gonçalves (2009) corrobora com a visão de Evaristo ao afirmar que “a escrita é, por isso mesmo, um ato de resistência: a literatura, uma parte importante no debate sociopolítico, uma “arma” para ser utilizada contra a marginalização.” (GONÇALVES, 2009, p. 59). Assim, a autora de *How the García Girls Lost their Accents*, “[...] usa sua [narrativa] como uma maneira de rejeição das ordens pré-estabelecidas” (GONÇALVES, 2009, p. 60). Evaristo (2009) complementa que “afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos [...] surgem pautados pela vivência de sujeitos [diaspóricos] na sociedade [...] e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (EVARISTO, 2009, p. 27).

A forma que Julia Alvarez utiliza a língua para escrever a obra analisada nesta dissertação já foi contestada por outros autores con-

temporâneos e relatada no primeiro capítulo deste trabalho. Alvarez foi questionada pelo fato de, apesar de ser oriunda da República Dominicana, país de ascendência hispânica pertencente a uma parte de uma ilha caribenha, produziu o romance *How the García Girls Lost their Accents*, em língua inglesa. Como Santiago (2000) observa:

Nesse sentido, as críticas que muitas vezes são dirigidas à alienação do escritor latino-americano, por exemplo, são inúteis e mesmo ridículas. Se ele só fala de sua própria experiência de vida, seu texto passa despercebido entre seus contemporâneos. É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida (SANTIAGO, 2000, p. 20).

Pelo fato de ter saído da República Dominicana muito nova, a autora sente-se mais confortável em escrever em inglês, ao mesmo tempo em que insere algumas expressões do espanhol em sua escrita com objetivo de representar a forma que um sujeito diaspórico de origem hispano-caribenha negocia suas especificidades identitárias em solo estrangeiro:

Embora a autenticidade cultural possa ser um dos caminhos para recuperação da identidade junto com a busca incessante dos pressupostos subjetificantes, paradoxalmente a língua e a literatura do colonizador são usadas para denunciar e expor as estratégias de colonização e retrucar ao Outro com os mesmos métodos pelos quais os colonizados foram reduzidos à alteridade, à objetificação e à degradação cultural (BONNICI, 2000, p. 01).

Além disso, escrever em língua inglesa faz com que a escrita de Julia Alvarez tenha a chance de atingir um grupo maior de leitores, uma vez que, no cenário internacional contemporâneo, o inglês é considerado uma língua franca, utilizada como forma de comunica-

ção entre sujeitos falantes não nativos de tal língua e provenientes de diferentes localidades. Talvez, se tivesse a autora escrito somente em espanhol, sua obra certamente não teria conseguido abarcar àqueles pertencentes do próprio discurso hegemônico estadunidense, já que muitos deles são monolíngues por serem proficientes somente no inglês. Dessa forma,

[a] ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro (BONICCI, 2000, p. 08).

Ademais, a escrita imigrante de Julia Alvarez, feita em língua inglesa, permite a possibilidade do reconhecimento do estrangeiro, do Outro, no caso do romance alvareziano, da escuta da voz do imigrante caribenho em terras estadunidenses, a fim de criar uma conscientização da existência assim como a promulgação do respeito pelas diversidades étnicas advindas dos EUA, uma vez que “[...] a condição diaspórica estimula a ficcionalização de memórias e aspirações do futuro [...]” (HARRIS, 2011, p. 224). Há então um novo paradigma do sujeito diaspórico, pois ele é constituído pela confluência de duas ou mais culturas para alcançar a natureza do seu “Eu” já que, provavelmente, o imigrante parece não ceder para nenhuma de suas diferentes culturas. Deste modo,

é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais [...]. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar”. Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As

culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam (HALL, 2003, p. 40).

Pelo fato de alguns escritores imigrantes, como Alvarez, aparentemente decidirem não fazer parte completamente de uma das culturas que perfazem a sua vida, estes sujeitos diaspóricos assumem a posição de observadores com o intuito de compreender e disseminar o que acontece entre seus mundos, pois “são os dois impulsos funcionando em conjunto, sua posição de tradução entre dois mundos, várias estéticas, muitas linguagens, que o estabelecem como um artista excepcional, original e formidavelmente moderno” (HALL, 2013, p. 43). Nesse sentido:

O [escritor imigrante] é obrigado a construir o significado na língua original e depois imaginá-lo e modelá-lo uma segunda vez nos materiais da língua com a qual ele ou ela está transmitindo. As lealdades [de tal escritor] são assim divididas e partidas. Ele ou ela tem quer ser leal à sintaxe, sensação e estrutura da língua-fonte e fiel àquelas da língua da tradução. [...] Estamos diante de uma dupla escrita, aquilo que poderia ser descrito como uma “pérfida fidelidade” (HALL, 2003, p. 43).

A duplicidade ou até mesmo a pluralidade identitária de Julia Alvarez, tal qual como de outros escritores migrantes, é refletida em sua escrita, já que ela não se atém somente a fazer de seu texto uma cópia dos padrões literários hegemônicos do local da cultura que habita. Pelo contrário, a escrita de *How the García Girls Lost their Accents* torna-se também um espelho da identidade fragmentada de Alvarez, assim como de tantos outros imigrantes que têm passado ou venham passar por um processo migratório. A consciência de pertencerem a pelo menos dois mundos ressalta o sentimento de transição perpétua inerente à condição do imigrante. De acordo com Hall (2003),

[a] “diferença cultural” de um tipo rígido, etnicizado e inegociável substituiu a miscigenação sexual enquanto fantasia pós-colonial primordial. Um “fundamentalismo” de impulso racial veio à tona em todas essas cidades da Europa ocidental e América do Norte, um novo tipo de nacionalismo defensivo e racializado. O preconceito, a injustiça, a discriminação e a violência em relação ao “Outro”, baseados nessa “diferença cultural” hipostasiada, passou a ocupar seu lugar – o que Sarat Maharaj chamou de um tipo de “sósia-assombração do apartheid” – junto com racismos mais antigos, fundados na cor da pele ou na diferença fisiológica – originando como resposta uma “política de reconhecimento”, ao lado das lutas contra o racismo e pela justiça social (HALL, 2003, p. 52).

Faz-se, outra vez, o uso da literatura como um instrumento do processo de significância do outro dentro das estruturas de socialização e negociação de indivíduos em contextos hegemônicos. O reconhecimento da existência e da relevância do outro possivelmente abranda a sensação inquietante de habitar dois mundos em um. Outra vez Sandra, a segunda filha dos García, no conto já mencionado neste capítulo, “Floor Show”, encontra-se em seus primeiros três meses em terras estadunidenses e em processo de adaptação e aceitação de sua nova condição diaspórica parece vivenciar um pequeno reconhecimento ao notar a presença de muitos estadunidenses no restaurante hispânico onde ela, juntamente com toda sua família e um casal de amigos também dos EUA vão jantar:

All the other guests were white and spoke in low, unexcited voices. Americans, for sure. They could have eaten anywhere, Sandi thought, and yet they had come to a *Spanish* place for dinner. La Bruja was wrong. Spanish was something other people paid to be around (ALVAREZ, 1992, p. 179).

[Todos os outros clientes eram brancos e conversavam em vozes baixas e sem muita animação. Americanos, certamente. Eles poderiam ter ido comer em qualquer outro lugar, Sandi pensou, mas mesmo assim vieram a um local *Espanhol* para jantar. A Bruxa estava errada. O Espanhol era algo que outras pessoas pagavam para estar por perto] (ALVAREZ, 1992, p. 179 (grifo da autora), tradução nossa).

O reconhecimento do Outro dentro de um contexto hegemônico, já que “[a] posição indubitavelmente hegemônica dos Estados Unidos [está] relacionada [...] a seu papel e ambições globais e neoimperiais” (HALL, 2003, p. 40), assim como a aceitação da pluralidade de identidades fragmentadas da alteridade, possibilita mediações mais eficazes, além do desmantelamento, da cultura como possuidora de uma fixidez imutável e intransigente. Nesse sentido, Kristeva (1994) discorre que:

[a] animosidade suscitada pelo estrangeiro, ou no mínimo a irritação (“O que você está fazendo aqui? “Aqui não é o seu lugar!”) [...] não deixa de julgá-los [os sujeitos hegemônicos] um pouco limitados, cegos. Pois os seus anfitriões desdenhosos não possuem a *distância* que ele possui, para se ver e para vê-los. O estrangeiro fortifica-se com esse intervalo que os separa dos outros e de si mesmo, dando-lhe um sentimento altivo, não por estar de posse da verdade, mas por relativizar a si próprio e aos demais, quando estes encontram-se nas garras da rotina da monovalência (KRISTEVA, 1994, p. 14 (grifo da autora)).

Com isso, as narrativas diaspóricas “volta[m] às profundezas da história para que o sujeito pós-colonial representado na literatura recupere a voz e assim possa narrar e anunciar as suas experiências com o outro” (BONICCI, 2000, p. 26). Por consequência,

[a] literatura pós-colonial, respaldada nas teorias sobre cultura, oferece ao ex-império um conjunto de narrativas para provar que jamais houve o vazio cultural e que jamais os países colonizados estiveram numa “longa noite de selvageria”. O subalterno foi substituído pelo sujeito porque “a descolonização traz um novo ritmo à existência, introduzido por homens novos; com ela também chegam uma nova humanidade” (FANON, 1990, p. 36, *apud* HALL, 2003, p. 32).

A escrita de Julia Alvarez eleva a voz do subalterno, representada pelo imigrante caribenho nos EUA, a conscientização da necessidade de uma nova maneira de se lidar com a presença de sujeitos diaspóricos “in the proliferation of new border crossings” (BRAH, 1996, p. 179) [na proliferação de novos cruzamentos nas fronteiras] (BRAH, 1996, p.179, tradução nossa). As negociações efetuadas pelos sujeitos transitórios e aqueles considerados “nativos” da terra precisam de um diálogo menos intransigente e que considere as especificidades dialógicas de cada indivíduo. Para Hall (2003),

[a] alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da “diáspora”, que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna. (HALL, 2003, p. 52).

Sendo assim, através de sua escrita, Julia Alvarez, assim como autores contemporâneos que tratam a questão do sujeito diaspórico em suas narrativas, reportam a condição do imigrante de maneira isômica, ao lidar com, discutir sobre e tentar romper com estereótipos que há muito tempo e por inúmeras razões, permeiam os espaços existentes entre os fragmentos dos diálogos entre o sujeito

diaspórico, com as especificidades de sua alteridade, e o sujeito hegemônico, marcado por noções pouco tolerantes da fixação identitária tanto de si mesmo quanto do outro.

## Referências

- 1] ALVAREZ, Julia. *How the Garcia Girls Lost their Accents*. New York: Plume, 1992.
- 2] \_\_\_\_\_. *Something to declare*. Chapel Hill: Algonquin Books Chapel Hill, 1998.
- 3] BHABHA, Homi K. Introduction: Narrating the Nation. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Nation and Narration*. London e New York: Routledge, 1990. p. 1-7.
- 4] \_\_\_\_\_. Culture's In-Between. *Questions of Cultural Identity*. In: Stuart Hall and Paul du Gay (Ed.). London: SAGE Publications Ltd., 1996. p. 53-60.
- 5] \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- 6] \_\_\_\_\_. Ambivalence. *The Hindu* – online edition of India's National Newspaper. Sunday, Jul. 03, 2005.
- 7] BONNICI, Thomas. Aspectos da teoria pós-colonial. In: \_\_\_\_\_. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Edvem, 2000. p. 01-48.
- 8] BRAH, Avtar. Diaspora, border and transitional identities. In: \_\_\_\_\_. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996. p. 178-210.
- 9] DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, 2º sem. 2009.
- 10] EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face. *Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora*. In:

Nadilza Martins de Barros Moreira e Diane Schneider (Ed.). João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-212.

11] \_\_\_\_\_. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

12] GONÇALVES, Ana Beatriz. Processos de (re)definição na poesia de Conceição Evaristo. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 51-61, 2º sem. 2009.

13] HALL, Stuart. *Identidades Culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

14] \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

15] HARRIS, Leila Assumpção. A produção literária de escritoras contemporâneas que migraram do Caribe para o Canadá e os Estados Unidos. *Cerrados* (UnB. Impresso), v. 20, p. 219-229, 2011.

16] IYER, Pico. The Empire Writes Back. *Time*, February 8, 1993, p. 46-51.

17] KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nos mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

18] \_\_\_\_\_. *Nations Without Nationalism*. Trans. Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1993.

19] SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

**TITO MATIAS FERREIRA, Jr.** Doutorando e Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Literatura Comparada, Professor Efetivo do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

# O Grande Sertão de Oswaldo Lamartine

Sanderson Negreiros

-Pelo que você vê, sou magro e fanado funcionário do Banco do Nordeste, com oito anos de moradia no Rio. O banco é muito bom. Quem não presta sou eu pra ele, mas a essa altura da vida, já não tenho coragem de mudar de sela. Quanto à idade. Sou sobejo da seca de 19. A idade, portanto, dá uns 18 anos a inteirar.

Quem fala assim é Oswaldo Lamartine, técnico orientador de problemas de agricultura no Banco do Nordeste, conhecedor da “alma íntima” do grande sertão, pesquisador sério: da caça, da pesca, das abelhas, dos arreios, da conservação dos alimentos, do Sertão do Seridó. Do Seridó que começa com a subida da Serra do Doutor, logo depois de Santa Cruz de Inharé, de quem Oswaldo é o agrimensor do sonho e o pesquisador de tudo que forma corpo, vida e substância das veredas do grande sertão. E os livros de Oswaldo e sua conversa e seu bate papo são perorações antiverbalistas de sua lírica disponibilidade de viver – Oswaldo tem jeito de um frade que procura um convento para morar e esse convento não existe – é no melhor sentido uma busca do tempo perdido –, um Proust que escreve sobre sertão como poeta; e fala à maneira de um vaqueiro bem instruído.

A conversa com o repórter durou horas e dias – Dois motivos me levaram para o estudo do sertão: filho caçula de um velho sertanejo ( Juvenal Lamartine), ouvia muitas conversas e histórias e estórias acerca de tudo que tivesse relação objetiva e subjetiva com o sertão. Isso marcou minha memória e determinou minha formação. A segunda coisa foi minha aproximação com Cascudo - ele envenenou toda minha vida, no bom sentido, é claro. Começou a pedir informações a mim. Daí, iniciou a sugerir estudos, emprestando-me livros e livros. Eu ainda morava na fazenda Lagoa Nova ( São Paulo do Potengi), quando comecei a escrever umas notas sobre caça no Rio Grande do Norte. Não posso esquecer a influência também de José Gonçalves de Medeiros.

A bibliografia de Oswaldo é a seguinte: “A Caça no Sertão do Seridó”; “Conservação de Alimentos no Sertão do Seridó”; “Algumas Abelhas do Sertão do Seridó”; e “Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense”.

A publicar tem “Indumentária e Arreios do Vaqueiro do Seridó”; “Construções de Açudes” e, finalmente, “Uns fesceninos” (edição fechada de 500 exemplares entregue, depois, apenas aos assinantes). Tudo isso encerrado no livro “Sertões do Seridó”.

## Caça

Quando menino, foi hábil caçador de baladeira na fazenda. Depois, meninote, conseguiu atirar de espingarda de “encher pela boca” às escondidas. Calcorreava serras e vastidões do grande sertão, rouco de silêncio. Rapaz feito, apaixonou-se pelo estudo da biologia e zoologia – tudo por amor às aves, aos bichos e aos animais, para conhece-los ainda mais na sua anatomia, na posse de seus hábitos, de suas naturezas de espanto.

- Um dia fui trabalhar numa cidade do Maranhão, chamada Barra do Corda, distante 400 quilômetros de São Luiz. E, aí, é que encontrei a grande selva – a oportunidade de conhecer caça grossa. Todo fim de semana, fazia-me acompanhar de um mateiro, ou de um índio, em busca de caças difíceis e perigosas. Morava vizinho aos índios Kanela e Guajaras.

Enfrentamos a selva; e quando um índio toma o rastro do animal a gente pode botar a panela no fogo. Cacei muito uma pomba arisca – espécie de juriti, chamada trocáz. Minhas prendas de caça eram principalmente jacu, mutum, cotia, tatu, porco-caititu, queixada, veado e o feito maior – uma onça.

Entre dois goles de pausa, acrescenta:

- Seguíamos a trilha da selva, principalmente a da Mata do Ermo. Caçava-se onça de armadilha e cachorro. Tinha um cachorro de rabo torado, orelha comida de rabugem, cheio de berne, verdadeiro vira-lata, chamado Leão, que foi o melhor caçador de onça que conheci. Tinha coragem e disposição para vender. Uma vez apalavrei um cachorro bonito e de raça forte e muito elogiado nas redondezas.

E levei este mais o cachorro velho e subdesenvolvido. Quando os dois farejaram o rastro da onça, o cachorro bonito começou a tremer e ganir de medo. O vira-lata mostrou que era bom: foi atrás da onça, e “falou acuado”. E acrescenta :

- O perigoso no caçar onça é quando ela fica acuada no chão, mas se ela sobe em árvore é mais fácil para atirar. Mas bicho que faz medo mesmo é porco queixada. Porque só anda em manadas (varas). A técnica que usam é deixar que o cachorro fique latindo pra manada. Ele late e corre, não se deixa envolver porque, aí, não escapará. O cachorro treinado foge no rumo dos caçadores. E estes procuram refúgio em algum toco, árvore ou galho, de onde alvejam a caça. Quando a manada avança, a confusão é tamanha que, certa vez, um caçador atirou e atingiu de cheio a coxa do seu próprio cunhado.

### **Ainda a caça**

Olhando o tempo e casas antigas que reportavam à distancia, Oswald confessa que ama enternecidamente os velhos telhados, e pretende escrever, pelo menos, alguma coisa, antes de morrer, sobre eles. Voltou por nossa insistência ao assunto da caça.

- O animal é mais ardiloso ou perigoso se já foi caçado uma vez. A experiência lhe ativou a capacidade agressiva com filigranas de pulo e astúcia. O animal ganhou em espírito de habilidade – sabe recuar e usa táticas de guerrilha. Dá pena caçar com essas armas modernas, bestiais, pois o bicho não tem vez. O que dá mais pena para caçar é o veado, porque parece uma criança frágil. A gente tem raiva do animal – nossa necessidade assassina – até a hora de matar. Depois a gente sente que assassinou por ternura. E é como se o animal dissesse pra gente: um dia é do caçador, o outro da caça. Os bichos passam a ser manhosos, quando já foram atirados e passam a compreender o perigo da covardia que o homem representa.

Certa vez, encontrei uma paisagem que é para Guimarães Rosa descrever. Foi em Naru – plena selva densa. Primitivamente, aquilo era água clara e constante. Hoje um lamaçal. Procurávamos uma manada de porco. Fomos seguindo o rastro. Aí, encontramos o destroço. Uma onça tinha vindo e feito um estrago apocalíptico. De-

pois, de barriga cheia, rolou pelo chão, espojando-se. Reconhecemos isso por pelos que deixou. Toda vez que uma onça fica de barriga cheia costuma se espojar.

Barra do Corda era, naqueles tempos, pequena cidade – é uma distancia no meio da Selva. Ali Oswaldo morou quase dois anos. E conta mais uma história de caçador.

-Lá vivia um sujeito que tinha a musculatura do ombro arriado. Certa vez, atirou numa onça com espingarda de encher pela boca. Ela subiu malferida num galho de cavaleiro. O sujeito, valente de verdade, resolveu tirá-la com um facão. Ao contrário do nosso matuto, que prefere a faca-de-ponta, ou a peixeira. Conheci um que tinha dois facões: um de trabalho, que ele usava à cintura e, outro, bonito, de bainha mais formosa ainda, que guardava em casa pra dia de festa.

### **Fauna rarefeita**

Mas a melhor história de caçador é a de Arari. Quebrando a agulha da espingarda, foi à casa de um ferreiro que adaptou uma agulha de gramofone. Arari fez um arranjo e chegando a uma lagoa, viu centenas de patos em revoada. Botou a espingarda no rumo e puxou o gatilho. Aí, a espingarda disse: “Casa Edison, Rio de Janeiro”. Depois de dizer isso, a espingarda atirou.

E aduz Oswaldo: “O que me impressiona em conversas que mantenho com o pessoal do sertão é a rarefação da fauna no Rio Grande do Norte. Comparando as histórias dos mais velhos, a gente facilmente conclui que os bichos estão desaparecendo. Meu trabalho sobre caça no Seridó nasceu depois que Hélio Galvão publicou um livro chamado “O Mutirão no Nordeste”. Pedi ele, que eu, lá no Rio, pageasse algumas ilustrações. Foi quando vim conhecer Xavier Placer, chefe do Serviço de Informação do Ministério de Agricultura, que me convidou para escrever sobre qualquer tema nordestino. Elegi o da caça, aproveitando anotações guardadas. Me baseei numa tese conservadorista: se não tomar providência, de bicho de cabelo só escapa escova; e bicho de quatro pés só tamborete, como sentenciava o sertanejo.

O Código da Caça é ignorado. E nele, aqui para nós, sempre a época da interdição coincide com a da procriação.

E o que se caça ainda no Seridó? Arribaçã, preá, mocó, peba, tijaçu, raposa, ticaca( está se acabando criminosamente de vez, que é o único animal imune ao veneno de cobra). Tatu só é bom de caçar em noite de lua. O cachorro rastejar até acuar o bicho. Ele entra no buraco: ou se cava ou se bota água dentro. Ou pode-se ficar pastorando a saída.

Tijuaçú só se pega na hora em que o sol sai; e, daí, a expressão sertaneja de que “fulano fez madrugada de tijuaçú”. Ele sai pra se esquentar ao sol. Briga com cobra venenosa e, picado, corre pra comer batata de pinhão; e volta para reiniciar a briga. É o que dizem... Raposa se caça com armadilha ou com cachorro. Arribaçã é na dormida. Quando ela está dormindo, o caçador chega com facheado; ela se encadeia e, aí, se mata como se quer. Ou se usa também o envenenamento da água com a casca de favela ou maniçoba. E não há perigo de se comer arribaçã envenenada; é só tirar o papo da ave. Titaca só se caça de noite com cachorro. E encerrando sua fala acerca da caça. Oswaldo explica:

Matei bichos de pena e de pelo. Criei bichos de pelo e de penas. Remorso e penitências...

## **Pescaria**

Oswaldo prossegue, falando de pesca e pescador, peixe e açude.

- Quando menino, assisti em 1932, a uma pescaria de açude. Essa pescaria me impressionou. Mais tarde, em Lagoa Nova, nas eras de 40, eu tinha um auxiliar na fazenda, com nome de Bonato Liberato Dantas (1897- 1955). Ai, eu tomei nota da feitura da tarrafa, tim-tim, por tim-tim; desenhei os nós; assisti toda pescaria no açude àquele ano; conversei longamente com os pescadores e, então, nasceu meu livro – “ABC da Pescaria”, que o Instituto Joaquim Nabuco – que o publicou – andou capando as capitulares de cada período.

Sobre a pescaria nos açudes , diz Oswaldo: - O peixe é vendido sob duas formas: o dono da pescaria examina o açude, dando lances de tarrafa ( espécie de técnica de amostragem, como gostam de dizer



os economistas modernos), e fecha o negócio pela avaliação do peixe que acredita ter o açude. A segunda forma é a de parceria ou meia: ( metade pro dono do açude e metade pro pescador). Nossos peixes de água doce mais pescados são curimatã e traíra. Quem não se lembra de uma curimatã ovada, comida á beira da mesa-grande de uma fazenda? De uns tempos pra cá, o DNOCS introduziu outros peixes em nossos açudes, desde o pirarucu até o tucunaré.

### **Grande sertão: veredas**

Afirma que estão fazendo operação plástica-mutilante do sertão, descaracterizando-o ( por causa do caminhão, rádio de pilha e televisão), e aceita que é preciso progredir – está certo-, mas sem destruir a tradição, o acervo de hábitos do sertão. Oswaldo define:

-O sertão é um estado de graça. E uma das maneiras de se alcançar o céu. Talvez devido à comunhão com a natureza. Talvez porque a gente sofre dessa natureza. Talvez porque minha história individual teve começo ali. Talvez porque a pecuária nos irmana com terra-homem-bicho mais que o massapé gordo da cana de açúcar. Mas não se deve descaracterizar as coisas do sertão. Escocês usa saioite, toca fagote e não se encabula. Vi a banda da Rainha da Inglaterra no Maracanã – lugar onde se dá vaia até no silêncio ( segundo Nelson Rodrigues) e ninguém ousou assobiar. Ninguém riu dos saioites. Aqui, não. Entendemos que progredir é orar em altar de matéria plástica.

E como você olha, sente e define o sertão, repartido nas mil coisas que compõem sua geografia sentimental, espiritual e mágica? Oswaldo diz que a primeira coisa é olhar para as serras. Depois, para as plantas. Em seguida procurar ouvir a música de um gaitado ( rincho) de jumento. Do gado, quase não se pode ouvir mais o mugir, porque touro hoje é zebu e zebu não muge, esturra. Depois, o bater do chovalho. O banho de cuia. Lembra-se com ternura do jerimum cabloco com leite, que enche barriga, mas não mata a vontade; e é bom por isso mesmo. A carícia e acalanto de uma rede conversando com os mais velhos. E olhar fiapos de nuvem no céu, na seca, ou as nuvens amojadas do inverno. Sentir o cheiro da terra e da casca do marmeleiro. Ver a madrugada pintada no céu. E lua com bolandeira. O açoite do galo de campina. O duelo da casaca-de-couro. E, ressabiado, confessa duas

grandes frustrações:” Nunca aprendi a puxar gado ( derrubar) nem enchi os ouvidos com água de açude, jogando cangapé”.

### **Coisas que dão felicidade**

E prossegue, alinhando as coisas que raptam sua memória para um clima de felicidade, exatamente o mundo animal, vegetal, abstrato e abstracionista, analítico-figurativo, do sertão.

-Não esqueço o morrer do dia com aboio de vaqueiro juntando gado. O grito da mãe-da-lua que os grandes trágicos nunca ouviram. A sombra ( refrigério) do juazeiro que é o precursor do ar condicionado. Mas a sombra do trapiá ainda é mais fresca. Rapadura do Cariri. Coalhada escorrida. Queijo de coalho de leite de cabra, daqueles que rangem os dentes. Paçoca com banana de leite: música e ritmo de pilão socando paçoca. O canto da juriti que muitos tristes não ouviram. As serras azulescendo à tardinha. O chegar da boca da noite. A brisa dos alísios vinda de um quebrar de serra. O estourar da babugem. O derramar de tinta no céu na pegada do inverno. O cururu de goteira inchado como alguns orgulhosos aqui da praça. O banho de goteira. A réstea de brecha de telha ( hoje há claraboias). O café do cigarro, da tardinha; e o de duas-mãos, da madrugada. O chamamento pro curral feito com um búzio. O espirrar do boi no mourão da porteira. O cacho de espumas na boca dos bezerros apoiados. A dor do espinho da favela. As silenciosas escolas que hoje já não ensinam o BÊ-A-BÁ. O silêncio do sol do meio-dia, e que é audível. O grito do socó ao ser queimado por urtiga. Uma estrepada de xique-xique.

Oswaldo, a essa altura, já comia carne assada molhada com refresco de sapoti:

- Tenho que falar também das moças de lá, de flor na cabeça. O retrato de padre Cícero na parede, junto com os cromos ( calendários). Cachorro chorando numa goela de serra, em noite de lua. As pedras que incham nas noites de lua, que eu poderia chamar de prenhez das pedras. O sertanejo assuntando o poente, procurando torres de nuvens de inverno, talvez num Piauí distante. O gemido dos armadores de rede. O arrastar do pinico procurado pelos pés no escuro. Queijo



gordo de coração de negro (miolo), vermelho-escuro e guardado em jirau para se comer na seca. Queijo no feijão desliza... Ah, coalhada adoçada com rapadura. O arrastar da apragatas nos corredores escuros. O alarme do tetéu, muito melhor do que o dos gansos do Capitólio. O cheiro e o agasalho das moitas de mufumbo. Os espinhos ( todas as plantas se defendem) do juazeiro, quixaba, turco, jurema, xique-xique, cardeiro, coroa de frade e macambira. Ah, a subida da serra é o caminho do céu...As andorinhas que escrevem no espaço. ( Em Natal quem escrevia no céu era o piloto Djalma Petit). Os urubus circumspectos; urubu-camiranga, urubu-ting e urubu-rei.

E prossegue mais:

- Não posso esquecer todas as dobradiças de todas as portas: as fechaduras, as tramelas e as traves. O aconchego dos alpendres: o alpendre é o tipo do lugar bom para se fazer análise e história. Os corredores: Os corredores são o caminho para o outro lado. Os quartos imensos e vazios. As redes entrouxadas na parede. Mesas de pau darco e madeiramento de miolo de aroeira. Fogão de lenha. Os tachos de cobre. Ah, as simpáticas urupemas... Os quintais que escodem, num canto, a “ comua”, antecessor dos WC. As jarras nas cantareiras que porejam água de tão frias. A lenha empilhada. A criação de terreiro. O estalar dos birros da almofada. E , de noite, as sombras móveis, feitas pela luz trágica dos candeieiros.

## **Abelhas**

As abelhas – segundo Oswaldo – estão desaparecendo do mesmo modo que a caça. O desamor às plantas, a expansão da agricultura e a exploração predatória resumiram nossas abelhas indígenas a uns poucos cortiços pendurados nos beirais dos telhados da casa do matuto. Cortiços de jandaíra, da moça branca, do jati, da cupira e outras espécies.

E pergunta: “Você sabia que se rasteja abelha?” E explica que , no tempo da seca, as abelhas vão para as bebidas. O rastejador fica espreitando, de cócoras, pacientemente, esperando a olhar as que vêm beber. Pois bem: a abelha vem beber e, depois, dá seu rumo de volta. Aí, é que está o nó górdio. Vem a primeira, a segunda, a terceira, etc. e

tomam o mesmo rumo. O rastejador anda 20 braças naquele sentido. E, lá, confere o sentido que elas estão tomando. E, de lance em lance, vai dar no pau em que as abelhas têm morada – o cortiço.

-As que têm morada longe têm voo baixo como avião pejado de carga, que só vai de voo baixo, ganhando altura devagar. Quando tem morada por perto, as abelhas ganham logo altura. Encontrando o cortiço, o rastejador bota o ouvido no oco do pau e bate, como os médicos fazem; pelo tinido e percussão, eles sabem se a abelha está gorda ou magra. Quando ela está magra é porque está carregada de filhos. Daí a expressão sertaneja: “tem filho que só inxu magro”.

Há uma abelha chamada “cupira” que tem de ser tirado e comido o mel em silêncio, por que se a gente fala, fica embriagado, “ariado” mesmo, “lançando” como diz o matuto, isto é, vomitando. É fato registrado em todo o Nordeste. Atribui-se essa embriaguez à toxicidade da floração de algumas plantas.

## Dicionário

O “Vocabulário” que Oswaldo acaba de publicar sobre criatório na região do Nordeste, ele define como uma tentativa de fixar todo um linguajar de um povo que, forçosamente, vai ser apagado e delido pela introdução de nova tecnologia, em termos de raça, forrageiras etc. Ele e Guilherme Azevedo, co-autor, gastaram três anos de pesquisa. Quanto a *uns fesceninos*, Oswaldo está na fase de recolhimento de material. Todos os versos de pornografia, como de Sesion e Renato Caldas; até de figuras vetustas do Estado.

Outro livro, já pronto, é “Encouramentos e Arreios de Vaqueiro”. Considera como fixação em detalhe desde o tipo de costura de cada sela e arreio à sua usança e função. Forçosamente, tudo isso está desaparecendo, numa sobrevivência apenas nas festas de vaquejada como a roupa do caubói americano, que revive hoje e apenas nos rodeios.

## Autodefinição

- Eu me considero apenas um registrador de coisas, que procuro fazer, faço-o com a maior honestidade. Acredito que alguns



problemas do Nordeste podiam ser equacionados de outra maneira. Sinto inveja e admiração pelos que ficaram no sertão. Nós outros ( e eu moro no Rio, há oito anos, e só venho por aqui nas férias), somos uns desertores, “paus de arara” de gravata. No asfalto eu me sinto como num hotel: sem raízes. Embora, atualmente me considere um pré-feliz, em conciliar e acomodar os sonhos do sertão. Como não posso viver no sertão, levo-o para onde vou.

E se levanta, agitando a mão, quase em despedida:

- No apertado, onde moro, tenho música sertaneja, muitos dos seus objetos e até um pé de xique-xique que, no Rio de Janeiro, como eu, perdeu os espinhos.

“O Poti”. 1966

**SANDERSON NEGREIROS** é poeta e escritor. Autor de “Fábula Fábula”, “A Hora da Lua da Tarde” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# José Mauro de Vasconcelos

Jurandyr Navarro

Ao lado do gaúcho Érico Veríssimo e do baiano Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos forma o “trio exclusivo de escritores brasileiros que podem viver somente com os direitos autorais de seus livros”, acentuou a Companhia Edições Melhoramentos, de S.Paulo.

E indaga: - “Como surgiu e o que representa esse fenômeno da moderna literatura brasileira ?”

Registro este que lembra outros autores campeões de venda. Por exemplo o grande escritor Victor Hugo, cujas obras o tomaram milionário. Diz Henri Guillemin, no “Victor Hugo par lui-même”: dos autores franceses o que mais vendeu.

Citamos alguns tópicos deste pronunciamento: “A obra “Les Misérables” deu-lhe, na época, trezentos mil francos(...) No último período da sua vida, sobretudo a partir de 1370, foi que ele se tornou rico. Chovia dinheiro sobre a cabeça do velho Hugo. Na primeira edição de “Quatre-Vingt-Treize”, V. Hugo ganhou setenta mil francos (vinte e hum milhões de francos ao cambio de 1952). Milland, diretor do “Soleil” ofereceu-lhe quinhentos mil francos para ele ceder os originais de “Travailleurs de la Mer”, para edição em jornal. Resposta de V. Hugo em 27 de fevereiro de 1866: “Minha consciência literária força-me a abaixar os olhos pudicamente diante de meio milhão’. Só de direitos autorais ele recebeu à época oito milhões de francos!

“Deixou várias propriedades, entre as quais Hanteville-House, verdadeiro Castelo. Como também o rico Palácio da Praça Royale, 6, ponto de reunião de intelectuais franceses. Tal imóvel era enfeitado por peças de arte. Sobressaia-se uma bússola, datada de 1489, dita pertencente a Cristovam Colombo, em a nau Pinta” (D’Albuquerque,1955).”

José Mauro do Vasconcelos poderia ter ganho, também, muito dinheiro com a venda dos seus livros espalhados por toda a Europa. Todavia, era ele desligado dessa riqueza humana e foi explorado pelo empresário que estava à frente dos seus negócios livrescos.

Carioca de nascimento, José Mauro foi forçado pelas circunstâncias da vida. ainda em tenra idade, a vir residir com seus tios em Natal. Estudou no Colégio Marista e terminou o Curso em 1935, tendo sido educado pelo médico Ricardo Barreto.

Não se sabe se a brisa do mar, o calor do sol, o aroma dos morros, a suavidade do clima... que *dá a Natal essa fonte energética e inspiradora do Belo, da Arte*, da Literatura, da Ciência... da hospitalidade. Seja qual for a causa movente, apreciável é o número de seus filhos, naturais e adotivos, filhos talentosos e alimentados por essa seiva poderosa, que os torna audaciosos, sublimados e até mesmo geniais, nos domínios das diversas atividades humanas.

José Mauro de Vasconcelos foi um deles dotado desse dom sobrenatural.

Foi ele um dos maiores romancistas brasileiros, embora o seu nome, atualmente, não seja bem lembrado no Rio Grande do Norte e mesmo no Brasil; mas, sim, sendo aplaudido, ainda, por milhões de seus leitores no exterior, principalmente na Europa e Argentina.

Foi, José Mauro, natalense de Bangú, autor campeão de venda-gem. Milhões de seus livros foram vendidos além fronteira nacional. Em 1979 esteve em Buenos Aires, na Feira Internacional do Livro, em cuja ocasião autografou, durante seis dias seguidos, das dezessete à uma da manhã, diariamente, necessitando colocar esparadrapo na mão, gastando cerca de dezoito canetas esferográficas!

Disse ele: “Bati o recorde de todos os tempos”, adiantando: “Na Argentina não sou o escritor brasileiro que mais vende e sim o escritor internacional mais popular”.

Do livro “O Meu Pé de Laranja Lima”, o seu mais conhecido romance, entre nós, afirma: “Este livro saiu (foi escrito) em doze dias. Porém estava dentro de mim há anos, há vinte anos”. No “Doidão”, ele narra a sua adolescência em Natal, de forma romanceada” (E. Melhoramentos).

Foi homem de sete instrumentos: cursou medicina, sem terminar o curso; estudou dois anos na Sorbone; trabalhou em circo; serviu de modelo de pintura na Escola de Belas Artes (tinha corpo de atleta por ter aperfeiçoado o físico nos banhos de mar da praia da

Areia Preta em Natal, trabalhou no cinema brasileiro, sendo coadjuvante de Dercy Gonçalves: participou de luta de boxe e morou em aldeia de índios.

Dentre os seus livros, publicou: “Barro Blanco”, décima oitava edição; “Longe da terra”, décima edição; “Arara Vermelha”, décima primeira edição; “Arraia de Fogo”, sétima edição; “Rosinha, Minha Canoa”, vigésima terceira edição; “Doidão”, décima quinta edição; “Coração de Vidro”, décima sétima edição; “As Confissões de Frei Abóbora”, décima primeira edição; “Banana Brava”, décima edição; “O Meu Pé de Laranja Lima”, vigésima terceira edição; “Vazante”, nona edição; “Rua Descalça”, terceira edição; “Chuva Crioula”, terceira edição; “O Veleiro de Cristal”, terceira edição e “Vamos Aquecer o Sol”, segunda edição.

A vida errante que levou deu-lhe experiência bastante para conceber a inspiração, sementes dadivosas que geraram frutos saborosos ao deleite espiritual.

Viveu com os índios na região do Araguaia, atravessando florestas inóspitas e vadeando rios e lagos. Depois, adentrou-se no sertão de vegetação selvagem. E conviveu, além, com operários de salinas... Tudo queria conhecer, para fotografar, nas suas obras a imagem do que vira e vivera, na sua errante vida de cidadão do mundo: fugindo, assim, da rotina dos estudos bitolados e metodizados das universidades. Queria livre a alma, para os prolongados devaneios do espírito. E assim viveu a vida que quis viver...

Pela quantidade de livros vendidos poderia ter entesourado uma fortuna, tal como Victor Hugo. Mas, não! Era um homem de vida simples, embora conhecesse bem o Brasil e quase todo o estrangeiro.

Passou seus últimos dias num porão, esticado numa cama, doente. A doença minou-lhe o cérebro, o órgão que desenhou, de vivo matiz, os seus romances, imobilizado, mas ainda lúcido, comunicava-se apenas com os olhos.

Um dia, antes de partir para o Infinito, recebeu a visita confortadora de Luiz G. M. Bezerra, seu amigo diletto.

Ao falecer José Mauro, três milhões e oitocentos mil dos seus livros, vertidos foram para outros idiomas, segundo editores.

Pelo que escreveu para o público natalense, brasileiro e estrangeiro, tornou-se José Mauro de Vasconcelos um dos personagens notáveis do Rio Grande do Norte.

**JURANDYR NAVARRO** é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Um pedaço de saudade de Macaíba

Carlos Roberto de Miranda Gomes

Entre as minhas leituras cotidianas, deparei-me com algo que me trouxe um pedaço de saudade de Macaíba, terra onde vivi nos idos de 1948 a 1950, na inesquecível Rua Pedro Velho, cenário telúrico da minha infância. Refiro-me ao livro de Osair Vasconcelos – *A cidade que ninguém inventou*, escrito numa linguagem coloquial e também nutrida pela emoção e pela saudade.

Como bem disse o seu autor, não é um livro de história de Macaíba, nem uma autobiografia, mas o registro de um período da vida macaibense, entre o final dos anos de 1950 até a primeira metade da década de 1970, precisamente na continuação do tempo em que ali vivi.

Inicia descrevendo lugares comuns da cidade – ruas, becos, quebradas, praças d’armas, quintais, prédios e personagens singulares de sua convivência – professores, apelidos, barbeiros, craques, carnavalescos, profissionais, os que partiram e os que morreram, traçando perfis, em particular, da sua turma de traquinagens, com retratos e tudo.

No capítulo que denomina A Vida, faz uma codificação de momentos e personagens que engrandeceram a terra das macaibeiras. Foi exatamente entre essas pessoas e sentimentos que revisitei Macaíba, percorrendo a memória daquele meu tão distante tempo e recordando da minha velha casa, com janelas altas e parapeito largo onde me acomodava para descortinar a paisagem e as pessoas, pois vizinho à antiga Igreja Protestante, esquina com o Hospital (Maternidade) Público, via a condução de enfermos em uma cadeira que servia, ao mesmo tempo, como padiola e ambulância.

De lá, contemplava o sítio do Major Andrade, onde desfrutei das jaboticabas no pé, a Igreja de São José (que vivia fechada), onde terminava o calçamento e começava uma subida de piçarro e pedras arredondadas, algumas apanhadas por mamãe para fazer ‘leite ferrado’. Naquela mesma janela assisti o desfile de carnavalescos, o caminhão com a alegoria de uma garrafa de cachaça ‘dois tombos’,



pois na minha idade era proibido acompanhar o cortejo, ainda mais sendo o filho do Juiz de Direito.

Lembro da casa mal assombrada que ficava logo abaixo, em frente à casa de Gutemberg Marinho, filho de Seu Luís Marinho (casado com D. Emerlinda), um respeitável líder espírita, cujos nomes me foram lembrados por Valério Mesquita.

No dia de feira, a esquina do sítio referido e até alcançar a Rua do Gango ficavam os animais que conduziam mercadorias, às vezes, uma jumenta no cio despertava o instinto de um burro ou cavalo mais afoito, que iniciava a sua conquista sexual, por cima das cangalhas, com um relinchado ensurdecido, espalhando apetrechos e mercadorias pela rua, debaixo dos gritos dos curiosos, só terminando lá pras bandas do cartório de Seu Aníbal Délio.

Na feira, também ficavam os cordelistas cantando suas loas e suas estórias e histórias num velho microfone de pé, amarrado com uma flanela 'suja', mas encantando todos os que passavam e paravam por algum tempo para se deliciar e comprar algum cordel.

Procurei na Rua Pedro Velho pelo velho Pax, com um grande quadro representando o desastre com o balão de Augusto Severo e o não menos antigo Cine Independência, que ficava defrente e funcionava com uma única máquina, sendo obrigado a interromper várias vezes a sessão para a troca do rolo de filme, sob os assovios e gritos dos expectadores.

No Mercado, com o seu obelisco em homenagem a Augusto Severo, cercado de correntes, ficava eu pelas 5 da tarde vendo a passagem dos 'mistos' tocando Asa Branca na buzina e esperando a chegada do gazeteiro com os jornais do dia e as revistas em quadrinho das quais era freguês assíduo e me valeu formar, até hoje, a melhor coleção de quadrinhos do Estado, sem modéstia, dentre os quais os meus preferidos, Roy Rogers, Gene Autry, Rocky Lane, Tarzan, Vida Juvenil, Vida Infantil, Gibi, Guri, Edições Maravilhosas e muitas outras mais.

A Rua da Cadeia (na verdade – Rua da Cruz ou, corretamente, Rua Dr. Francisco da Cruz), era o meu caminho para assistir os circos (levando as cadeiras de casa) e do campo de futebol, que ficava vizinho ao Cemitério, sem iluminação, terminando as partidas quando a noite

começava a apontar ou se a bola caísse entre os túmulos e não fosse encontrada a tempo. Era torcedor do Cruzeiro e lembro os nomes de Galamprão – um goleiro de mãos enormes e de Taperoá.

Sobre as coisas da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, comandada pelo Padre Chacon, de quem fui coroinha nas procissões e, algumas vezes, ajudei nas missas e novenas, tenho lembranças imorredouras, como também das festas da padroeira, nos lados da Igreja, com brincadeira no pau de sebo, pastorinhas, os cordões azul e encarnado, cocais de castanha, farinha de milho em barquinhos de papel, venda de prendas.

Brinquei muito fazendo currais de gado de manguitos caídos no chão, espetados em palitos de palha de coqueiro quando ia até o sítio dos Leiros – nem sei mais onde era!

Só voltei a Macaíba em 1958 para participar de uma eleição em que o meu tio afim Jessé Pinto Freire era candidato e tinha o apoio de Seu Alfredo Mesquita. Fui com Jansen e fiquei na casa do velho Agnaldo. Nessa ocasião conheci Valério, alto, comprido e de calça curta junto à cadeira do seu pai Alfredo.

Fui outras vezes. Finalmente, minha última visita foi no dia do falecimento de Dona Nair. Tirei fotografias de alguns pontos que tanto estimei, mas não encontrei mais o Mercado, o velho Pax e o Cine Independência. A casa onde morei ainda existe, fatiada. O sítio do Major Andrade é um Centro Cultural, tendo restado apenas o Solar Caxangá. A ladeira está calçada, a igreja dos crentes não é mais igreja e o hospital mudou de lugar. Não fui ao Cemitério nem procurei o campo de futebol. Fiquei apenas lembrando das pessoas, do dentista da Rua da Cadeia, de ‘Danga’ (Nássaro Nasser), de dois meninos que faziam caminhões de madeira, com luz e tudo, imitando os caminhões daquele tempo. O resto foi saudade, muita saudade mesmo.

**CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES** é advogado, professor e escritor. Presidente da Comissão da Verdade da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



## **CONTOS E CRÔNICAS**



## O moço de olhos agateados

Iaperi Araujo



Vivendo numa casinha numilde de pouco conforto em cima de um serrote que parecia um batente prá serra grande que começava ali, bem pertinho, a mulher sentia a solidão na sua alma. Vivia do que plantava. Um roçadinho de milho e feijão quando o tempo era de inverno. Uns pés de jerimum e macaxeira e lá embaixo, no caminho seco de um riacho, perto da cacimba de água, umas ramas de batata. No quintal, apenas um descampado com algumas juremeiras que ainda se seguravam no verde. Lá bem no aceiro, pra onde corria a água do uso, uma latada de varas cheia de barro servia de banca de hortaliças com coentro, cebolinha e uns pés magros de alface. No chão, encostado no pé da latada, um pé de pimentão verde e uma pimenteira com seus frutos danados de vermelho. Umás galinhas muito magras da perna fina ciscavam por aí numa busca constante por alguma migalha. Um porquinho preto acompanhava a movimentação da busca por comida. Todos à noite se recolhiam no chiqueiro, um cercado comum a eles.

A casinha era tão velha, mas tão velha, com a pintura de cal branco descascada, que ninguém a notava, tal a camuflagem de mato seco e algumas árvores desgalhadas em cinza. Mesmo na rodagem que passava a uns duzentos metros, dali, não dava prá notar aquela

moradia tão escondidinha e que ali morava gente. O terreno era um baixio bem junto de um serrote espremido numa serra que acabava virando um contraforte da Borborema.

Morando sozinha naquele ermo, a mulher acostumara-se a solidão, mesmo tendo tomado conta do pai até uns três meses antes quando morrera. Nos últimos cinco anos a caduquice roera seu tino, seu entender, suas coisas de pensar. No mesmo dia de sua passagem agarrado na morte da Caetana, foi na rua e conseguiu um carro da Prefeitura prá levar o corpo pro cemitério. A cidadezinha tava mudada. Poucos conhecidos. Muita gente nova por conta da construção de um parque eólico na serra. Os poucos conhecidos acompanharam o enterro do seu pai, anunciado no repique dos sinos da capelinha quase abandonada.

Depois voltara prá sua moradia, agora mais solitária, sem a presença do pai que mais valia não tinha do que ser o fardo pesado do adjutório contínuo. Dar de comer, banhar-se, trocar sua roupa, colocar na cadeira furada com um pinico em baixo prá necessidades e todo o sofrimento noturno de sua respiração ofegante entrecortada pela tosse cheia e os engasgos.

Naquela noite que uns chuviscos molhou a terra, trazendo na aragem um cheiro bom de terra molhada, como do seu costume, foi dormir cedo. Sozinha naquele ermo, não deixou que a escuridão invadisse sua casa, mas apagou o candeeiro de gás, e acendeu um cotoco de vela sobre uma velha cômoda, o único móvel do seu quarto. Não sei se fez alguma oração, mas o sono conciliou logo. Mesmo sendo distante a estrada de rodagem, o silêncio daquele ermo permitia ouvir o barulho do pouco movimento de carros que quanto mais tarde, menor. Depois das três da madrugada não passava carro algum.

Já a noite se passava por madrugada quando a mulher acordou sobressaltada com um barulho de carro lá na rodagem. De repente o barulho parou. O som não foi diminuindo como os outros. Parou de repente. Depois, voltou a zoar e foi sumindo. Aquilo não tirou seu sono, mas incomodou pelo inusitado de que o carro parara ali naquele ermo sem nada. Nem sua casa era vista à distancia. Esse incômodo ficou remoendo na sua cabeça e em meio aquela soneira que ninguém sabe se era sono ou vigília, viu chegar a manhã.

Como de costume abriu a porta do terreiro prá soltar os bichos do chiqueiro. Surpresa viu o homem estendido no barro do alpendre de trás, braços e pernas abertas, lavado de sangue. Da cabeça aos pés. Tudo misturado com barro e areia. Tava tão sujo que mal dava prá ver suas feições. Se era branco ou preto, se estava vivo ou morto. Com dificuldade arrastou-o prá dentro de casa, espantando as moscas que encobriam o sangue que ensopava seu corpo todo, já ressecado no seu rosto. No chão mesmo da cozinha, conseguiu acomodá-lo fazendo uso de um pano para manter sua cabeça elevada. Com dois dedos da mão, palpou seu pescoço prá sentir a pulsação da veia. Batia fraquinho. A respiração quase não sentia. Um sopro fraco e bem lento. Numa bacia com água, molhou uma toalha para tirar o sangue seco de sua face. Abriu a camisa tão suja de sangue que não sabia a cor. Limpou seu peito e viu o buraco de bala. Quase em cima do coração. Entrara abaixo da cantareira, enviesado. Levantando-o um pouco viu o buraco de saída. Não ofendera quase nada, mas acertara uma veia calibrosa. Não sangrava mais. A calça também estava suja de sangue e viu outro buraco de bala, bem abaixo do umbigo. passara de raspão por baixo do couro e saíra quase no vazio. Tentou tirar as calças. O cinturão estava muito apertado, provavelmente pelo inchaço do pé da barriga. Com uma tesoura cortou o cinto e tentou cortar as calças, começando pela barra. Nem perto do cóis, quase terminando o serviço de cortar a calça, a mulher sentiu uma mão firme segurar seu pulso.

- Faça isso não, dona.

Era o homem que abria os olhos bem na réstia do sol que entrava pela janela. Eram impressionantes olhos verdes, agateados como os olhos de uma onça suçuarana.

- Faça isso não.

Ela entendeu que era unicamente pelo pudor de expor suas partes íntimas a uma mulher. Com uma toalha cobriu aquelas partes tão bem defendidas pelo homem e terminou o corte das calças. Cuidadosamente pegou um paninho tão limpo, mas tão limpo que cheirava a sol do coradouro e molhou com a água que fervia na chaleira do fogão de lenha e foi limpando os ferimentos, sempre deixando coberto o que o incomodava mostrar. A água estava muito quente e por isso o homem reagiu apenas com um movimento ligeiro do corpo. Não gemeu nem reclamou. Com água fria da quartinha a mulher diminuiu o calor da água que fervera.

Depois lavou tudo com água de angico e cobriu com outro pano limpinho os ferimentos que agora tinham um bom aspecto.

- A bala que lhe agravou o vazio inda está por aqui, mas não vai lhe ofender.

O homem nada disse mas mantinha sobre a figura da mulher seus olhos agateados como uma fera ferida.

A mulher lembrou-se que quando se fizera moça perdia muito sangue e sua mãe sempre fazia um caldo da caridade prá recuperar suas forças. Numa panela velha e torta colocou a água que fervera na chaleira e agora quase fria prá ferver de novo. Uma colher de manteiga de uma latinha que tinha um avião desenhado. Depois da manteiga colocou umas pimentas-do-reino que triturou num pequeno pilão de madeira e umas rodela de cebola roxa. Sal. Quando começou a ferver foi derramando devagarzinho um fio de farinha de mandioca, mexendo sempre prá não emboloar, quebrou um ovo de galinha por cima e bateu tudo com um garfo. Por fim deitou sobre o caldo um pouco de coentro e cebolinha. Quase frio deu ao homem prá comer. De principio ele cerrou os lábios, mas depois de sentir o gosto restabeecedor do caldo e da ordem da mulher prá comer, deixou que fosse servido. Aquela comida aparentemente sem sustança deixou-o tonto. Devia ser fraqueza da perda de tanto sangue. Depois, suou muito e sentiu um sono muito grande.

O dia seguiu como se nada estivesse fora do normal. A mulher com suas obrigações e o homem dormindo na rede. De uma vez em que ela saiu prá tirar um jerimum caboclo que vira no ponto de ser colhido, e voltou prá casa, encontrou o homem de pé, envolto num lençol.

- Tem alguma coisa com mais sustança prá comer?

Ela respondeu com negativa. Somente feijão e aquele jerimum que colhera no quintal da casinha, mas não era comida prum homem baleado.

- É melhor tomar mais caldo da caridade, você tá ainda muito fraco. O homem aceitou o mimo e sentado na rede tomou dois canecos da gororoba restabeecedora.

Tão rápido passou o dia quanto chegou a noite. O sol se escondeu por trás da serra e veio uma aragem com cheiro de terra. A



mulher costurou a mão a calça cortada e deu-a prá vestir enquanto saía pra chamar a miunça da casa pro chiqueiro.

- Ti ti ti ti

Quando voltou ele estava no único tamborete da casa. Olhava perdido o horizonte ainda claro do sol quase se pondo. Parecia querer dizer alguma coisa e ficou inquieto, mexendo os pés e as mãos.

- Mora alguém mais com você nesse lugar?

A mulher apenas negou. O homem levantou-se e foi novamente se deitar na rede. Logo logo dormia enquanto a mulher sentada no batente da porta de trás da casa vigiava a solidão. Por vezes levantava-se e chegava bem perto do seu rosto para ver se dormia. Era um moço bonito e se parecia com a estampa do coração de Jesus que pregara na sala de entrada. Foi lá com a lamparina e admirando-a passou a mão na estampa como se fizesse um carinho no homem que dormia na rede armada no outro lado da única sala. Homem bonito. Tarde, muito tarde, quando o sono ameaçava, pegou umas tralhas de pano e estirou no chão como um catre para dormir. Do outro lado da sala vigiaria a dormida do homem. O sono chegou logo e no sonho reviu todas as acontecências do dia. O encontro do homem estirado no barro, esvaindo-se em sangue. O ato de despi-lo e seu pudor. A limpeza dos ferimentos e seu restabelecimento tão rápido após a tomada do caldo da caridade. Era um homem forte. Qualquer um estaria amofinado, mas ele parecia que nada acontecera com ele. O sono pesado das canseiras do dia e dos acontecimentos tão marcantes de sua vida não deixou nem que ela ouvisse o canto dos galos. Por isso acordou tarde. O sol já ultrapassava a altura do umbuzeiro que delimitava o terreno em frente da casa voltada para o nascente. Os bichos no chiqueiro se vexavam para serem soltos. Sair por aí catando migalhas e ciscando o terreiro. Abriu os olhos rapidamente e seu primeiro movimento foi olhar prá rede. Vazia. A rede estava vazia. A mulher levantou-se rápida e foi até fora. Nada. Nem uma vivalma. Só o chiado da cigarra cantando a seca. Ajeitando os cabelos voltou à velha rotina. Em cima da mesa apenas a estampa com a figura do coração de Jesus.

**IAPERI ARAUJO** é médico, artista plástico e escritor, autor de ‘Canções da Terra’ (contos) e numerosos outros livros, entre os quais, “Maria do Santíssimo, uma Canção Ingênua” foi lançado em dezembro de 2014 pela Editora Manimbu da Fundação José Augusto.

# Traição e morte na Fortaleza da Barra

Demétrio Diniz



A cidade é banhada pelo Atlântico e possui luz solar muito clara. O corpo sai da Fortaleza da Barra do Rio Grande, esta situada na orla do mar, mais precisamente na foz do Potengi, e vem acompanhado de oito soldados, dois negros e algumas moscas que insistem em sobrevoar o morto. Vai atravessar toda a cidade, que não passa de uma vila estendida em meia dúzia de quilômetros. Os soldados, tampouco os negros, não lhe rendem homenagem, apenas cumprem ordem de trazê-lo para o cemitério, onde será enterrado como indigente. O governador vem praticamente nu. Pendurado por cordas numa vara, lembra um animal abatido, trazido após a caça. Algumas partes de seu corpo aparecem, e uma mulher do povo o cobre com uma esteira. Este gesto e outros igualmente simples serão mais lembrados no tempo do que as ações de grande monta desta história. Por onde o governador passa, o povo o escarnece, zomba, xinga, e no cemitério exigem que seja sepultado a ferros, conforme ali chegou. Um ensandecido esporeia o cadáver, completando a execração.

Na madrugada da mesma manhã, André de Albuquerque, governador do Rio Grande do Norte, encontrava-se entre a vida e a morte, algemado numa cela da Fortaleza da Barra. Tem as mãos e os pés atados. Os olhos ardentes de febre são a única luz na cela escura. Foi ferido por uma espada na região inguinal. Sem qualquer socorro, entre momentos de lucidez e alucinação, dialoga consigo mesmo enquanto a morte não vem.



*Mais que essa ferida me doem os insultos. Vim fundar uma república, libertar o país do jugo português, e me pagaram com gritos de morra a liberdade. De minha boca nenhuma palavra saiu, nem nunca sairia, quando quiseram meus inimigos que me ajoelhasse e desse vivas ao rei. (...) Terei me ajoelhado? Uma nuvem de gafanhotos me escurece a mente. É disso que me acusas, Germano?*

Antônio Germano, comandante da guarnição de Natal e membro do governo provisório, temeu pelo fracasso do movimento, e no palácio mesmo urdiu a traição a seu primo André. Fez isto com a participação de alguns monarquistas, acovardado ante a fama de inclemência do Conde dos Arcos, que rondava assustadora por todo Nordeste.

Ingênuo e de boa fé, André dispensara os milicianos de sua guarda, sem pressentir a tempestade que se avizinhava. Despachava quando o sino da matriz bateu nove vezes e Germano e os monarquistas entraram a tropel no palácio. Ainda tentou saltar pela janela do sobrado, buscando a morte para escapar à humilhação. Mas um dos invasores, fingindo-se de amigo, rapidamente pôs a mão em seu ombro, aconselhando-o a não se precipitar:

— Não faça isto, senhor coronel!

Antes uma multidão costumava aplaudir o novo governador. Mas, passado apenas um mês, queriam a sua morte e davam vivas ao rei. Não o despedaçaram graças a um sacerdote muito velho que se interpôs entre a turba e os corcundas, como eram chamados os monarquistas:

— Em nome de Cristo — requereu o padre — deixai-me ministrar os últimos socorros a um filho da Igreja Romana.

*Amigos, família, terras, tudo larguei. Por que tive de ouvir Miguelinho falando em liberdade? Por que não o vejo agora? E Xavier, por onde anda, mãe?*

Chama em voz alta pelos dois padres. O soldado o ouve e por misericórdia traz uma esteira para forrar o chão enlameado da cela. Traz também uma trouxa de roupa para lhe servir de travesseiro. André promete retribuir generosamente gesto tão pequeno, mas que lhe deu algum conforto. Diante da morte percebe que um gesto de solidariedade vale mais que um engenho.

Além do frei Miguelinho, devotava admiração ao padre Xavier, seu parente, dotado de fala eloquente. Tendo enviuvado de uma mulher muito formosa, Xavier manda os dois filhos para longe e cumpre um antigo desejo do pai, ordenando-se sacerdote. É um dos mais inflamados do movimento.

*Não me arrependo nem um pouco de ter deposto Borges. Lambe-botas dos portugueses! Apenas cumpri a intimação dos amigos para prendê-lo, o padre Montenegro exigiu-me que o fizesse imediatamente. Não permiti que o fuzilassem, como me exigiram, tão somente o devolvi a Pernambuco, de onde ele nunca deveria ter saído. Mas que revolução se faz sem um ato de força e surpresa?*

Preso o governador da capitania José Inácio Borges, os revolucionários rasgaram a bandeira e as insígnias reais. André de Albuquerque, coronel de milícias a cavalo, deixa Cunhaú e segue para Natal. Conserva no rosto e nos gestos a juventude, apesar dos quarenta anos. Com fama de bom cidadão, é benquisto por onde passa. Vem à frente da tropa — parentes, amigos, e a Companhia de Linha. Em cada aldeia e arruado é recebido aos gritos de vivam os patriotas. À entrada de Natal uma multidão o espera. Uns acompanham a comitiva a cavalo, outros seguem a pé. A cidade vive uma manhã de euforia e entroniza o novo governador, cujo mandato não durará mais de trinta dias. André é o seu novo herói, o libertador.

*Ainda me ressoam nos ouvidos os insultos: tirano, monstro, ladravaz, patife. Em todas as bocas o bafo diabólico do ódio. Mas que fiz eu para merecer tanta infâmia? Nenhum ato contra o povo editei, nenhuma medida que surrupiasse uma só moeda do seu bolso. Mal tive tempo de nomear os membros do meu governo. Até mesmo Germano, meu primo, incitou a multidão contra mim. (...) Eufrásia, não. Ela e a minha mãe jamais me abandonariam.*

Em poucos dias os próprios amigos o satanizaram, inventaram estórias, uma delas de que o governo republicano passaria no fio da espada todos os cidadãos portugueses. O governo de André — propagavam os golpistas — iria proceder a um banho de sangue. Germano ultrapassou os limites da decência: dizia ter participado do movimento revolucionário a serviço dos corcundas, como espião.

*Ardo em febre, tenho muita sede e fome. Daria toda a minha fortuna, todo o morgado do Cunhaú, por água e pão. Um pedaço do meu intestino está fora do corpo, virão me costurar? Nasci na barra de um rio e vou morrer na barra de outro. À mesma hora da alba. Existe destino, mãe?*

O corpo começa a se despedir da vida. O seu titular ainda identifica o marulho das ondas, o vento assobiando a caminho das dunas. O soldado o escuta balbuciar o nome de uma mulher.

— *Eufrásia, é vossa mercê?*

André acumula mais uma dor ao martírio, que lhe dói como um ferrão — a lembrança do amor perdido. Só uma vez se apaixonou. Viu Eufrásia nua e se paralisou diante de tanta beleza, e nunca mais voltou a contemplar sua nudez porque logo a venderam para um local ignorado. Ele errou de engenho em engenho, mas não teve notícia da escrava. Eufrásia devia andar por muito longe para poder vir nessa hora enxugar-lhe o suor da fronte com a ancestral doçura dos negros. O moribundo necessitava de palavras doces que lhe percorressem os túneis da alma, e lhe serenassem a morte.

A bandeira com três estrelas, o sol e uma cruz, tremulou por curtíssimo tempo. Arriada, o pânico se espalhou em Natal. Por toda parte *ia sucedendo uma era de terror, o período negro das perseguições, das vinditas, das delações*.<sup>\*</sup> Na cidade somente se ouvia falar da represália do Conde dos Arcos, o Minotauro, e do navio Carrasco, no qual seguiram presos para a Bahia os revolucionários.

O capitão Leite de Pinho, o mesmo que se fez de amigo para impedir André de saltar pela janela do palácio, jactava-se de ter sido ele quem matou o governador, e exibia o aço ainda embaçado pelo sangue:

— *Vejam até onde entrou a espada!*

---

<sup>\*</sup> Raimundo Nonato, *Presença Norte-Riograndense na Alçada Pernambucana*, Sebo Vermelho edições, 2014.

A espada, entretanto, foi arremetida por outro oficial de menor patente, por baixo da mesa e à traição. Mas Leite de Pinho resgatou para si o mérito do golpe, chegando, inclusive, a registrar o feito em cartório. Por conta dessa bazófia foi condecorado e promovido a tenente-coronel.

Coincidências numéricas sempre existiram. A 1817 se somam 17 anos. Estamos então em 1834. Arcoverde, também conhecido por Brigadeiro, retorna da Europa e decide vingar a morte de André, seu sobrinho:

— Quem encheu o peito de medalhas e se aproveitou do crime é o principal criminoso — disse Brigadeiro.

Incumbiu um negro e um caboclo de matar Leite de Pinho. O tenente-coronel é agora quase um ancião, chegara há pouco da procissão de Nosso Senhor dos Passos e brinca na calçada de sua casa com um neto. A casa fica na Praça Sete de Setembro, data da Independência proclamada apenas cinco anos após a morte de André. Duas facas de prata, encravadas no corpo do bravateador, interromperam esse amor de avô, um amor espocado quase sempre longe dos vendavais da vida.

Nota do autor. A morte de Leite de Pinho foi provavelmente o último episódio relacionado à Revolução de 1817, também chamada de Revolução dos Padres. Luís da Câmara Cascudo a considerou *a mais linda, inesquecível, arrebatadora das revoluções brasileiras*. Nela houve um número de estrelas bem maior que as três de sua bandeira. Somente no navio Carrasco seguiram Padre Miguelinho e mais setenta e uma, com destino incerto, para as prisões da Bahia. Pena que tenham riscado por muito pouco tempo o céu do Nordeste, havendo caído num chão de pedra e cruz.

**DEMÉTRIO VIEIRA DINIZ** é escritor e poeta, autor de “Sob o Céu de Natal”, “O Amor Fora de Época de Felipe Flores”, “Ferrovia” e outros livros.



## Dona H

Clauder Arcanjo



Pequena, curvada pelo tempo, com um sorriso marcado pelos cacos de dentes que lhe restaram da vida dura no sopé do morro.

Não se lembrava de quando nascera. “Papai nunca me registrou. Naquele tempo não havia isso, meu filho. A roça era pequena, o apanhado pouco, a luta pesada, e os filhos nasciam de enfiada, um ano depois do outro. Se Deus não levasse alguns, dava uma carreirinha lá em casa. Minha mãe era parideira, sabe, uma mulher forte como poucas naquele sertão brabo.”

Enquanto ela me falava, o riso franco me deixava encabulado.

Todo dia eu saía de casa, sem rumo, a cabeça atazanada pelos hormônios e pela rebeldia da juventude; e, na volta, de cabeça ainda quente, eu ouvia aquela vozinha miúda e benfazeja.

— Filho, de onde você vem? Quer entrar para tomar um café?

— Não...

E, antes que eu costurasse os argumentos, ela pegava na minha mão, e abria-me a porta da sua casinha com uma felicidade de desmontar qualquer recusa.

Era, na verdade, quase um casebre. Sala, quarto, cozinha e um banheiro, este quase no lado de fora da casa. Mas tudo muito bem cuidado e limpo. Sobre a mesinha da saleta, uma toalhinha bordada e um jarro verde com flores naturais. Ao ver os meus olhos postos no centro da mesa, ela atalhou:

— Planto elas no meu jardim. Você gosta de flores, filho?

Não largava da minha mão, a me conduzir de cômodo adentro, na direção da cozinha. Lá chegando, puxou-me um tamborete, pedindo-me para sentar.

Foi, então, ao fogãozinho a lenha, discretamente montado no fundo da cozinha, e serviu-me um café forte num copo de ágata. Ao lado do copo, colocou uma laranja e duas mangas espada.

Meus olhos traíram-me, denunciando o meu espanto.

— Não quero que saia da minha casa sem levar algo para você, filho.

— Mas o café me basta, tia...

— Não, um cafezinho não alimenta um rapaz bonito e forte como você — e passou a mão pequena e calosa no meu rosto. Aquele ato de carinho, para mim inesperado, fez-me tremer os músculos da face. Ao tempo em que sentia um quê de candura nunca antes colhido. Baixei o rosto, encabulado.

— Bonito, sim! Nunca se esqueça disso, meu filho. Vejo em você uma pessoa boa. Boa e bonita! — e quase gargalhou de felicidade. Como se uma menina traquinas.

— Deixe disso, senhora...

Neste exato momento, um gatinho enrodilhou-se por entre as pernas daquela pequena senhora, e ela teve que dividir sua atenção com o bichano.

— Venha cá, Adamastor! Você, de novo, a vadiar pelas ruas, hein! Por onde andava, gatinho? Tenha cuidado!, a rua anda muito perigosa, você pode se perder por aí. A casa da gente, Adamastor, é sempre o nosso lar, o melhor lugar para nosso abrigo, mesmo quando tudo pareça o contrário.



E passou a sua mãozinha miúda e enrugada sobre o pelo do siamês que se espichava todo, ao tempo em que lhe entregava as patinhas da frente, como se a pedir-lhe desculpas pela falta cometida.

— Seu leite está na sua caneca, e não me venha com seu jeitinho caviloso, querendo se desculpar! Cuide da vida, Adamastor, não estarei aqui para sempre!

O gato levantou-se, passou o rabo peludo por entre as minhas pernas, seguindo em direção ao canto da saleta. Lá, serviu-se do leite com lambidas tristonhas; digo isto, porque o achei pesaroso quando passou junto a mim.

Pedi licença, dizendo que teria que partir.

— Volte sempre, filho. Esta casa é sua!

— Obrigado, senhora... O café estava ótimo.

\*\*\*

Virou costume meu visitá-la. A cada fim de dia, na volta da rua, a desculpa de um café. Servido entre silêncios e confidências minhas.

Ela me ouvia quieta, as mãos enrugadas postas sobre as pernas pequenas. Quando me sentia mais pesado e revoltado contra tudo e contra todos, na fúria desesperada dos meus dezoito anos, ela levava os dedos pequenos ao rosário, rosário de contas brancas que ela sempre carregava consigo.

Quase não me interrompia, muito menos me recriminava; até mesmo quando eu deixava extravasar palavras: ódio contra a vida, a insatisfação contra as atitudes dos meus pais, o horror que nutria contra o colégio e contra o dito sistema.

Sempre, antes do pôr do sol, o gato Adamastor entrava e recebia as admoestações costumeiras da velha dama:

— Adamastor?! Está com cara que andou se machucando por aí, não foi? Não seria mais inteligente, meu filho, pensar melhor antes de entrar na luta? Amadureça, Adamastor! Você já não é mais um filhotinho, sabia? Que tal cuidar do mundo, e deixar de esperar que o mundo cuide de você?! Vá, tome seu leite, e cuide de descansar.

\*\*\*

Certo entardecer, meses depois, a casa estava fechada. Frente à porta, num miar dorido, o gato Adamastor.

Empurrei a porta, apenas fechada com uma tranca fácil de abri-la; tudo estava no escuro.

— Minha tia?... Dona?!...

A mão no interruptor. Uma lâmpada incandescente raiou sua luz mortiça sobre o jarro verde, desta vez sem flores. O gato passou por entre as minhas pernas, arrepiando-me, correndo em direção ao quarto. De lá, o miado entrecortado como se em choro doído.

Sentei-me no tamborete da cozinha. No centro da mesinha, o copo de ágata. O bule no fogão a lenha, mas as brasas já frias. “... e não me venha com seu jeitinho caviloso, querendo se desculpar! Cuide da vida... não estarei aqui para sempre!”

**CLAUDER ARCANJO** é escritor e editor, autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Mossoroense de Letras.

# Herói por Engano

Umberto Peregrino

O soldado Pereira veio no arrastão do sorteio militar, precedente dos seus cafundós silenciosos. Chegou bravo, bravo. E era medroso de tudo quando se viu envolvido nas múltiplas atividades forçadas de um opulente quartel de Cavalaria.

Positivamente não daria um bom soldado. Era errado, moleirão, desatento e desinteressado em todas tarefas que lhe tocavam.

Vinhava o soldado Pereira, completamente obscuro, no Regimento. Mas um dia o Regimento foi sacudido por algo sério e novo. Rebentara uma Revolução em São Paulo.

O Regimento desde logo foi posto em marcha a caminho da frente de combate. E aí coube-lhe lutar em um setor muito crítico. Era a chamada frente do Tunel, na serra da Mentiqueira.

Pois bem, quando o Regimento entrou em fogo o soldado Pereira revelou-se um assombro. Os combates eram encarniçados. E Pereira virou o homem do dia. Bala pipocando prá todo lado e ele de pé dando, levando ordens, tranquilo e indiferente como em combates si mulados nos tempos camaradas da instrução.

Tornou-se logo o indicado para as missões mais arriscadas; reconhecimentos, ligações, reabastecimentos.

Quando foi um dia, numa hora apertada, o soldado Pereira recebeu a missão de ir à retaguarda a fim de trazer munições para as armas automáticas.

Lá se foi ele. Mas o caso é que chegando ao Posto de remunicação, estavam sendo municidados os carregadores que ele devia conduzir para a frente.

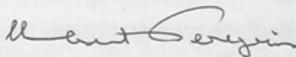
De repente Pereira grudou um olhar de espanto sobre aquelas balas meudas que ele conhecia dos exercícios de tiro ao alvo, agora, espremidos certinhas nos carregadores de aço. E teve então es tá interrogação assustada:

"Espere aí, são estas as balas que estão atirando lá na trincheira"?

Quebrou-se o encanto do Soldado Pereira. Já não houve quem o fizesse voltar levando a munição.

- Volto não.

O jeito foi aproveitá-lo, daí por diante, no serviço do rancho. Aí ficou até o fim da campanha, descascando batatas com a mesma tranquilidade com que afrontava as balas no tempo em que foi herói...



**UMBERTO PEREGRINO** (1911-2003). Ensaísta, ficcionista e cronista, autor de “Pedro Cobra e Outros Acontecidos”, “Literatura de Cordel em Discussão” e outros livros. Ocupou a cadeira nº 15 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Os Ossos do Papai

Junior Dalberto

Aquela quinta feira, 12 de setembro de 1985, prometia, pensou Henrique, ao mesmo tempo em que colocava um saco de lixo preto sobre o banco à sua esquerda no balcão do quiosque do Mocotó da Márcia que era também o nome da proprietária, uma negra de quarenta anos de idade, viúva, magra, pequena e de quadril largo, olhos grandes, escuros e sedutores, bonita e mãe de um único jovem atarracado de dezesseis anos, um sarará de nome Edvaldo que a ajudava de dia na cozinha da barraca e estudava à noite; eles moravam em uma casa no distante município de Paulista de onde saíam todos os dias às seis horas da manhã em um fusquinha azul clarinho, ano 1978, herança do marido, até o mercado de São Pedro no centro do Recife onde se localizava o famoso quiosque.

O pernambucano, de Nazaré da Mata, estava sedento por um copo de cerveja desde que saiu no pingo do meio-dia, com os restos dos ossos do falecido pai, do cemitério municipal da cidade dos maracatus sob um sol de quarenta e cinco graus à sombra. A cerveja desceu geladinha, suavizando a sede, mas, não passando a mesma; tomou mais um grande gole e ficou divagando, sorvendo mais goles e imaginando se esse prazer sorvido seria idêntico a sensação de quem chega ao paraíso quando se parte dessa para melhor. O prazer da cerveja gelada desceu de goela adentro matando a condenada da sede que o atormentava desde quando chegou à casa do sisudo do cozeiro, com a ordem da justiça, para fazer o transporte dos restos mortais do falecido genitor para um cemitério do Recife. Um sonho da sua mãe Isaura que queria ser enterrada ao lado do seu amado marido. *O cabra feio*, vigia dos defuntos, nem colocou resistência, foi caminhando entre centenas de túmulos, seguido por Henrique, lá encontrou o local coberto de capim, com uma placa velha e carcomida em que lia-se “Sebastião Cavalcanti da Silva, \*1920 – †1976. Saudades eternas”, e não dava mais para ler o resto da mensagem, já destruída pelo tempo e abandono da família. Quando o cozeiro abriu o caixão, os ossos já tinham se transformado em pó dentro do



que sobrara do caixão. Ele saiu e retornou com uma vassoura e um saco de lixo, depois pediu para o Henrique segurar o saco, mantendo-o aberto, enquanto o coveiro juntava cuidadosamente o que restou do genitor do rapaz fazendo um montinho sobre a madeira. Henrique olhava tudo aquilo sem nenhuma expressão, segurando o saco para receber o velho pai e levá-lo para um novo destino.

Com o recém-falecimento da sua mãe, no último carnaval, decidiu cumprir o desejo dela com a ajuda de alguns amigos influentes, afinal, era tudo o que possuía nesse mundo, amigos. O dinheiro que conseguia fazendo bicos aqui e ali, só lhe servia para comer e se divertir um pouco com as raparigas nos bordeis do Pina ou do Centro, ou ainda pra tomar uma *chamada de cana* de vez em quando. Enquanto bebia o último copo da cerveja, decidiu mudar para uma dose de cachaça, além de mais barato era sua bebida predileta. Cerveja era só para diminuir a sede inicial, e essa sede nunca acabava no calorento Recife. A cerveja só amainava a vontade de beber, mas o prazer de degustar uma cana de cabeça durava às vezes até o dia seguinte.

Na fase do lobo, dos seus quarenta anos, Henrique ainda se sentia bem jovem e como a maioria dos jovens sentia-se eterno. Ele era um grande sonhador, cabelos negros, moreno claro de olhos verdes, dizia que era herança do lado holandês da família. Naquele período estava prestando serviços para um amigo vereador da cidade de Recife na própria prefeitura, era seu bico atual. Galanteador, bonito e bem falante, já se comentava nos cafés da cidade do seu caso com a D. Carminha esposa do amigo vereador. Enquanto bebericava a quarta dose da cana, pensava como iria se livrar da mulher do amigo que não largava do seu pé, inclusive, deu para aparecer na pensão que Henrique morava, lá em Afogados, e isso poderia se tornar um problema.

D. Márcia olhou para Henrique e para o relógio, impaciente, já fazia quatro horas que ele bebia na companhia do saco de lixo negro sobre o banco. No início, a cada gole oferecia outro para o saco, aguçando cada vez mais a curiosidade da magra proprietária, que passava a mão gordurosa nos negros cabelos alisados com firmeza pelo creme alisante Henê Maru e tratado com creme de tutano e babosa caseira, e depois enxugava o suor dos cabelos, com a gordura do fogão, no ensebado avental de chita vermelha com desenhos de

enormes girassóis cobrindo um vestido negro de alças e na altura dos joelhos, um luto fechado que já durava dez anos desde que o pai do seu filho, o cabo Leocádio da honrada polícia montada de Olinda, morreu vítima de cirrose hepática.

A calorenta tarde já estava indo embora, e em uns quarenta minutos aproximadamente teria que fechar o estabelecimento. A curiosidade falava alto para perguntar ao seu cliente contumaz o que ele levava naquele saco negro e porque o reverenciava pela vigésima ou nonagésima vez sempre que levava o copo de cachaça aos lábios, mas a vergonha a impedia, sabia que o Henrique possuía uma língua bem ferina quando incomodado. Deixa pra lá, pensou D. Márcia, vai ver que não é nada importante e só quer chamar a atenção.

- D. Márcia! (falou o cliente com a voz pastosa) sei que está querendo me mandar embora, sei que já está na hora e com saudades não me nego a partir.

- Que que é isso, seu Henrique. Parece até canção do Bartô Galeno, o senhor é de casa e ficamos até quando o vigia vier avisar, acho que temos ainda uns trinta minutos de lambuja, quer mais uma dose?

- Sim, quero. E quero também um copo de caldinho de feijão preto, ainda tem?

- Vixe homem, o caldo de feijão preto acabou *indagorinha*, mas tem fava e um pouco de guisado de bode, se quiser, boto uma farinhazinha, uma pimentinha malagueta e fica *de primeira*.

-Traz então a gororoba, bela viuvinha do meu coração, com todo respeito; eu vou aqui ao mictório e volto já pra tomar a derradeira, e depois, sigo o meu destino.

E veio *a derradeira*, depois *a expulsadeira*, *a do garçom*, *do adeus geral*, *a pé na bunda* e nada dele arredar pé do lugar, comeu o guisado de bode com a fava, seguido de dezenas de arrotos, acompanhados de xingamentos ao prefeito, ao governador, ao presidente da República e só parou porque o senhor Acrísio, o vigia do mercado, chegou balançando as chaves e ficou olhando de esgueira para ele e para a proprietária, essa já havia trocado de roupa e se encontrava na ponta do balcão com uma garrafa de cana praticamente vazia em mãos.

- D. Márcia, hora de fechar o barraco! Falou o vigia com firmeza. *Que diabo que tem bebo que se despede quinhentas vezes e não vai embora.* Pensou o vigia.

-Tudo bem, seu Acrísio, leve o Henrique até a saída que eu saio já com meu filho Edvaldo, ele tá enxugando a louça *pra num* dar barata, me dê só cinco minutos.

- Tudo bem. Vamos, seu Henrique, outro dia o senhor continua sua festa.

- Vamos sim, amigo, e obrigado querida Márcia, a mais bela viúva da Veneza brasileira, a rainha do maracatu, muito obrigado pelo carinho com que trata esse nobre pernambucano sem futuro, está tudo nos conformes, agora, vou seguir minha noite, pois ninguém é de ferro. Vou dar uma esticada lá no Recife Antigo e dar uma passadinha lá no Roger.

- *Homi*, vá pra casa, seu Henrique! O senhor já *tá que tá!*

- Como diria meu amigo Zé da Flauta, vou tomando até a última concha, vou tomar umas no Pina de Copacabana, ouvir radiola de ficha e tomar uma sopa com o meu amigo Roger.

Foi saindo e cantando “cadê Roger? cadê Roger?” D. Márcia persignou-se e acompanhou com o olhar seu cliente sair pela única porta aberta do mercado, em sua mente pedia a Jesus e a Oxum, como toda católica com um pé na umbanda e os dois cotovelos no candomblé, que cuidasse do cliente até sua casa. Deu até vontade de tomar essa famosa sopa do Roger, mas iria deixar pra outro dia, precisava chegar cedo em casa porque ainda tinha uns bordados para fazer no vestido da sua calunga, já o seu vestido de dama do Paço estava prontinho, e não via a hora de sair desfilando na sua “Nação Maracatu do Baque Virado África Mãe” e se apresentar na noite dos tambores silenciosos.

- Aff, que glória! Pensou D. Márcia, que ficava o ano inteiro pensando nessa noite, desde a concentração na rua estreita do Rosário.

Tudo era incrível, sobretudo o batuque e sua coreografia chegando ao palanque armado em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, era uma cadência inconfundível, tudo

lindo e perfeito. Quando as batidas do sino da igreja anuncia-  
vam a meia-noite, silenciavam os tambores, e tudo se transformava numa  
silenciosa prece coletiva saudando os ancestrais africanos, todas as  
nações se unem em uma única energia de luz naquela escuridão, nin-  
guém se move, todos firmam o pensamento em um mundo melhor,  
sem dor, mais alegria, agradecendo as raízes, saudando os orixás. Até  
o momento em que o silêncio é quebrado ao som de um batuque e  
um canto de celebração, e isso faz que uma energética força penetre  
o seu corpo inteiro. Milhares de batuques saúdam o momento, toda  
a eletricidade espiritual emana da superlotada ruela. A força e o po-  
der de todas as nações reunidas, resultavam numa emoção coletiva  
aguardada por milhares de afros descendentes e adeptos dos tambo-  
res africanos que se concentravam na estreita Rua do Rosário, e essa  
era a força aguardada por D. Márcia durante todo o ano.

- Salve, minha Santa Senhora do Rosário, salve, Ogun meu  
pai de cabeça, salve, Nossa Senhora da Guia, salve, Oxalá, Iemanjá  
e Xangô Menino, Salve, Jesus e Maria Santíssima! Foi assim com  
toda a sua fé, numa mixórdia típica do sincretismo brasileiro, que  
D. Márcia tirou o pensamento da religiosidade e voltou-se para cha-  
mar seu filho Edvaldo para irem pra casa. Lá fora, uma lua cheia e  
dourada já espalhava sua luz sobre os fiteiros, prédios, pontes e os  
notívagos habituais do velho Recife.

No dia seguinte, mal abriram as portas do seu quiosque e lá  
estava o Henrique meio esbaforido à sua espera.

- Bom dia, seu Henrique. Já de pé em plena oito horas da  
manhã!

- Bom dia, D. Márcia, a senhora viu um saco que esqueci on-  
tem aqui no seu recinto?

- Vi sim, seu Henrique, não era pó de osso?

- Era sim, D. Márcia, cadê o saco? Nem dormi direito pen-  
sando nele.

- *Oxi, seu menino!* E aquele pó de osso vale ouro, é? (falou  
rindo enquanto passava uma flanela no balcão).

- A senhora nem imagina quanto... mas, cadê o saco?



- Ah, meu amigo, o meu filho Edvaldo é quem cuida da horta que tenho nos fundos do nosso quintal lá em Paulista, o senhor sabe, né? Tudo aqui é caseiro e natural, as verduras, as galinhas, os bodes, até a fava! Esse é o nosso segredinho (falava cheia de orgulho).

- Sei disso D. Márcia, mas o meu saco, cadê ele?

- Meu menino disse que pó de osso é o melhor estrume do mundo, muito melhor do que bosta de gado ou adubo químico. Hoje, bem cedinho, ele espalhou o pó que estava dentro do seu saco de lixo todinho na nossa horta, mas não se preocupe, seu Henrique, se quiser, eu mando ele ir lá no quiosque da Etienne e pegar outro pó de osso para o senhor, já que faz tanta questão, (fazendo um muxoxo). Lá, ela trabalha com coisas de jardinagem, espere só um pouquinho que eu vou mandar o Edvaldo buscar.

Disse isso caminhando até a cozinha do quiosque enquanto colocava o avental.

- Edvaldo, menino, vem já aqui!

- *Eita laqueira*, e agora, meu São Cipriano! Chame ele não, D. Márcia! Escuta aqui, tá tudo bem. Me traga uma *branquinha* por favor pra aguentar esse golpe. Falou Henrique coçando a cabeça com preocupação.

- Então, tá! (gritou em direção ao fundo do estabelecimento)  
- Pode deixar, Edvaldo, num carece de vir aqui, não. Oxente, *seu menino*, já vai começar os trabalhos? (pegou uma garrafa de *cachaça de cabeça*, tira a rolha, derrama uma dose no chão, murmura algo e serve outra dose ao Henrique).

- D. Márcia, obrigado pela branquinha, mas queria lhe pedir um grande favor.

- Fala logo, homem de Deus!

- Eu gostaria que todo dia primeiro de setembro a senhora acendesse uma vela de sete dias na sua horta, de preferência protegida dos ventos.

- *Vixe*, seu menino, que arrumação é essa agora?

- É que é o dia do aniversário do meu falecido pai, que a se-

nhora teve a bem aventurada ação de espalhar o pó dos ossos do infeliz na sua horta.

- Minha Nossa Senhora do Desterro, diga isso não, seu Henrique! Ai, protegei-me Omolu! Vou ter um troço. Edvaldooo! (D. Márcia grita pelo filho com a mão no peito e desmaia por trás do balcão.)

- O que houve? Edvaldo entra esbaforido, corre até a sua mãe e pergunta ao Henrique.

- Foram os ossos do papai.

Leva a dose de cana aos lábios, toma tudo de um gole só e coloca uma nota de dois reais sob o copo vazio em cima do balcão, complementando:

- Fique com o troco!

Levanta do banco e sai.

Fim

**JUNIOR DALBERTO** é escritor, poeta, dramaturgo e diretor artístico. Autor dos livros, “Pipa Voada sobre Brancas Dunas”, “Cangaço e o Carcará Sanguinolento” e “Leveza Infinita”, dentre outros.

# A um amigo: ortografia e outras coisas

Elder Heronildes

Não sei se se trata de um início, de uma volta, de uma vinda ou de uma ida, ou ainda de um nada. Aliás, lembro-me, de passagem, que um amigo meu que se diz, e é, pelo que presumo e vejo, um intelectual, além disso poeta, que por si já é significante, que a palavra mais importante do dicionário, cá e lá, nas línguas pátrias ou não, com ou sem reformas ortográficas ou pornográficas, é o nada.

Por que pornográfica?

Por nada representar, mas resultante de masturbações mentais de quem deseja, e pior, pode, modificar o que nada é e nem incomoda. Modificações pífiyas e atrapalhativas, infundindo e gerando nada de positivo. É apenas derogativo.

Quantas mudanças tolas já ocorreram? Mudanças das mudanças e do próprio tempo?

Em nome da cultura, do conhecimento dos povos, da unidade linguística, e/ou (não gosto de assim fazê-lo, mas fiz) de corpos diferentes e até oposto entre si?

Quem ganha e quem perde? O lastimável é que ninguém perde. E mais lastimável ainda é que ninguém ganha. Creio que ninguém muda, e não mudando, distancia, pois quilométricos (em números) são os vocábulos de uma língua.

Vem-me à lembrança agora, fugindo e sem fugir, na verdade, ao diapasão, por isso mesmo, o que disse um escritor, talvez Augusto Meyer, pois o estive lendo um tempo, e não vai textualmente, que uma pequena parte de pessoas conhece uma não menos pequena parte das palavras dicionarizadas e, mais, distante, muito distante mesmo, estão os dicionários do registro dos vocábulos de uma língua.

Verdade, no seu tempo, e agora.

Volvendo ao nada, sem tirar nem por, e a sua importância. Simplesmente nada. E por quê? Já voltando, perguntando. A pior

afirmação é aquela que nasce, ou tenta, como origem, nem meio nem fim, de uma pergunta e vice versa. Quando você afirma e pergunta, ou pergunta e afirma, tem-se aí uma volta ao mesmo estado, (status quo, se correta a palavra, senão é isso mesmo) que passa a não significar aquilo que deveria, ou não deveria ser.

“Ser ou não ser, eis a questão.”

Costuma-se dizer que nada não gera coisa nenhuma, porque é nada. Nada não cria, não transforma, não é força afirmativa, e assim por diante em matéria de negação, mas aí é diferente. Negar é outra coisa. A negação existe, e por existir, não se pode alinhá-la ao nada. Até porque, nada se pode alinhar ao nada, pois não se alinha àquilo que não existe. Negação pode até ser afirmativa, como o “nego” existente na bandeira da Paraíba. Quer maior afirmação do que essa?

E por que, lembro o início, aquele meu amigo, mais do que intelectual, espírito voltado às letras e à filosofia, que se diz afiado, levantou e projetou, tão estupefaciente ideia, como se tese fora?

Sequer estabeleceu ou formou aquela tricotomia hegeliana de tese, antítese e síntese (ser, não ser e devir). São três momentos de uma só realidade. A negação voltando-se a si mesma. Mas, já se disse que ao negar a negação, volta-se a uma afirmação.

Não se irá aqui fazer formulações abstratas ou concretas, sobre a dialética hegeliana, nem aos seus críticos, e muito menos o impulso que lhe deu Marx, ( materialismo dialético) gerando uma espécie de dínamo à própria ideia.

Mas, aquele intelectual conterrâneo, num de seus delírios divinais, chegou à sua magistral ideia da grandeza e magnitude do nada, simplesmente porque, veja só, do “nada Deus fez o mundo.” A conclusão lógica, ou sem lógica, mas interessante, digo eu, é que se não existisse o “nada”, Deus não poderia ter feito o Mundo, e nós, à sua imagem e semelhança. A importância transcendental, sublime e magnificente do nada, é justamente porque, dali, do nada, Deus teve condições de fazer o Mundo.

Pense meu amigo, e pergunte: e quem fez o nada? Se nada não é, nunca foi e nunca será, só Deus podia, e poderá, fazer daquilo que não é, nunca foi e nunca será, o instrumento, a origem da “fabricação” do Mundo.

Chegando a esse ponto, que me vem “cutucando”, criando um “merós” na cabeça, lembro-me apenas o que disse alguém, que o “fogo divino acende o fogo da vida em todas as coisas.” Talvez resida aí a explicação. O fogo divino fez do nada o elemento para fazer o mundo e nós dentro dele, por semelhança e imagem.

Tem-se que admitir que não haveria sombra, se não houvesse luz, e quem criou o mundo também o fez com a luz, e por via de consequência, a sombra. Não há trevas, sem luz. A ausência desta, cria aquela.

Meu caro, todo texto tem que está dentro de um contexto, pois do contrário, não teria sentido, por fugir e não alcançar os efeitos pretendidos dentro de situações criadas, ou a serem criadas, em compartimentos estanques e aguardados, sem tê-lo o estigma da repetição, no ambiente ou fora dele.

Não demore a escrever, porque sempre que o leio, fica aquele sentimento de insatisfação mental (intelectual) e o desejo de aprendizado.

**ELDER HERONILDES** é escritor, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

# A paisagem e o tempo

Valério Mesquita

Mantenho reações conservadoras diante dos fatores iminentes e iminentes da vida. Sou devoto dos hábitos e da retórica provinciana do interior. O costume secularizado da cadeira na calçada, da brisa sedutora do fim de tarde, do grito heróico do vendedor de cuscuz e mugunzá ainda me apascenta. São crenças básicas na simplicidade da vida como perpétuo e inalienável direito de existir, misturado ao povo miúdo, posto ser melhor do que o absolutismo dos donos do palanque e da burguesia consumista e desfigurada pelo cinismo materialista. Mas fui tomado pelo fascínio de mesclar o real e o imaginário. Não exercito artificial adesão ao modismo.

Nenhum vestígio que se possa recolher da minha travessia terrena não passará da impressão de algo plástico, aéreo, estelar, humano e sobre-humano, difuso, mas cintilante, místico e mítico. No meu bairro sou donatário da capitania não hereditária. Ou sou capataz dos mistérios circundantes, como Sanderson Negreiros em Petrópolis e Vicente Serejo em Morro Branco. Não renegam a horizontabilidade urbana de onde extraem a alma e o sumo das verdadeiras descobertas. A minha rua em Lagoa Nova é modesta. A iluminação pública espalha no calçamento parnasiano a luz mortiça amarela, qual um abajur lilás. No céu estrelado passeio a nostalgia que vem da herança telúrica de um tempo que a memória ainda não desfez. O rio, a casa, a lua, a calçada, as aparições noturnas.

Minha angústia factual e meu desespero tipicamente social estão inseridos no contexto das doenças que as seguradoras de saúde não cobrem. Componho o universo sensível, ferido, por vezes amargo e infeliz, que abomina a marginalização dos pobres, dos velhos, das crianças, vítimas do perverso sistema econômico-social. Por isso procuro a terra habitada pelo silêncio e pela distância das coisas, porque o meu grito é cárcere concreto e real e já não se faz mais ouvido. Conforta-me que as palavras não são fugazes nem constituem perdas instantâneas. Meu canto é harmônico sem divagações nem desvios, embora as tensões e os influxos se cruzem, se choquem mas não se anulam.

Volto à minha ruazinha comum. Nela não residem poderosos. Afinal, sozinho perscruto a tolice dos seus mistérios visíveis e invisíveis. Não há muito que sonhar. Como mergulhador penetro nas ruínas da alegria de sua pobreza, sem jardins, às vezes, sem chanas, refletores ou praças. Ruas opacas, empíricas, apenas onomatopaicas. Mas, é o território dos meus vãos e desvãos. Nem fantasmas líricos e bufões aparecem. Somente vislumbro minhas relíquias imemoriais da infância e da adolescência. Restos sagrados nos olhos de quem é íntimo da ilusão, eterno aprendiz de um mundo de contradições, mas também repleto de lembranças antigas e serenas. Tudo torna minha rua como a quero ver.

**VALÉRIO MESQUITA** é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de “Notas de Ofício”, “Poucas e Boas” e outros livros.

# Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?

Armando Negreiros

A sucessão de escândalos, um atrás do outro, a corrupção desenfreada, a falta total e absoluta da mais mínima ética e honestidade estão tirando a paciência e o humor dos brasileiros sérios, honestos, trabalhadores e super, hiper, ultra tributados. Esse mês de abril, então, quando acertamos as contas com o famigerado leão do imposto de renda é que a revolta torna-se exponencial. Além dos impostos embutidos em tudo o que compramos, desde o papel higiênico até o automóvel, passando por vestuário, alimentação, habitação, lazer, o diabo a quatro, ainda pagamos quase um terço da renda bruta para esse desgoverno dos petralhas torrar o nosso suado tributo com falcaturas as mais absurdas. Some-se a isso a Contribuição previdenciária oficial - INSS, Previdência complementar e fundos de aposentadoria, PIS, COFINS, ISS, FGTS, taxas e anuidades de cooperativas, órgãos de classe, sindicatos e no final você vai colocar no bolso apenas um terço da remuneração do seu trabalho. “Colocar no bolso”, vírgula, como se dizia antigamente, vai gastar com todos os itens necessários para manter-se, e à família, dignamente.

Toda essa roubalheira nós tomamos conhecimento, está publicada na imprensa. E aí vem a pergunta da colega Edna Trindade: e nós, o que fazemos? Há de se dizer que a grande arma é o voto. Tenho procurado votar corretamente, mas é uma frustração em cima da outra. Quando não há corrupção, há inépcia e incompetência, aliás, o mais comum é ocorrer tudo junto. Alguns petistas doentes (o que considero um pleonasma redundante e inaceitável, pois basta dizer petista) querem acusar a imprensa, principalmente a Revista Veja. Mas, agora não tem mais jeito: é a imprensa toda, de cabo a rabo noticiando – é impossível omitir – os escândalos nos mais altos escalões do governo. É por isso que o PT tenta amordaçar a imprensa com uma censura prévia disfarçada de regulamentação.

Mas, nada disso é novidade. No ano 63 antes de Cristo, Marcus Tullius Cicero, cônsul romano, reuniu nas Catilinárias uma série de quatro discursos célebres (em latim *In Catilinam Orationes Quattuor*). Mesmo passados dois mil anos, ainda hoje são repetidas as sentenças acusatórias de Cícero contra Lúcio Sérgio Catilina, declaradas em pleno senado romano:

“Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?

Por quanto tempo a tua loucura há de zombar de nós?

A que extremos se há de precipitar a tua desenfreada audácia?

Nem a guarda do Palatino, nem a ronda noturna da cidade, nem o temor do povo, nem a afluência de todos os homens de bem, nem este local tão bem protegido para a reunião do Senado, nem a expressão do voto destas pessoas, nada disto conseguiu perturbar-te?

Não te dá conta que os teus planos foram descobertos?

Não vêes que a tua conspiração a têm já dominada todos estes que a conhecem?

Quem, dentre nós, pensas tu que ignora o que fizeste na noite passada e na precedente, onde estiveste, com quem te encontraste, que decisão tomaste?

Oh tempos, oh costumes!”

O primeiro e o último destes discursos foram dirigidos ao senado de Roma, os outros dois foram proferidos diretamente ao povo romano. Todos quatro foram compostos para denunciar explicitamente Lúcio Sérgio Catilina.

Falido financeiramente, Catilina, filho de família nobre, juntamente com seus seguidores subversivos, planejava derrubar o governo republicano para obter riquezas e poder. No entanto, após o confronto aberto por Cícero no senado, Catilina resolveu afastar-se do senado, indo juntar-se a seu exército ilícito para armar defesa.

No ano seguinte o rebelde falhado caiu, vindo a morrer no campo de batalha.

Na contemporaneidade (saudades de Carlos Lacerda) seria suficiente o eleitor brasileiro dar um “BASTA!!!”: às pretensões di-

tatoriais do PT; à corrupção em todas as esferas do governo; ao desperdício do dinheiro do contribuinte com a construção de um porto de um bilhão de dólares em Cuba, à dispensa de dívidas de países africanos; à monstruosa e inaceitável quebra da Petrobras, com o escândalo da compra de uma refinaria que foi superfaturada em mais de um bilhão de dólares; aos gastos escandalosos com estádios de futebol, o de Natal custou quatrocentos milhões e o governo vai pagar um bilhão e duzentos milhões (por quê??); ao apoio político ridículo aos regimes de republiquetas ditatoriais falidas como Cuba, Venezuela, Bolívia, et caterva... vou parar, pois, como disse no início, a sucessão de escândalos é interminável.

A cúpula do PT está toda na cadeia em pleno governo do PT. Já imaginaram a pecha de perseguição política se o ocorrido fosse sob a égide de outro partido?

Está certo o cantor Lobão, quando afirma:

**DISCUTIR COM PETISTA É COMO JOGAR XADREZ COM POMBO. ELE VAI DERRUBAR AS PEÇAS, CAGAR NO TABULEIRO E SAIR DE PEITO ESTUFADO CANTANDO VITÓRIA.**

**ARMANDO NEGREIROS** é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

# No coração da cidade

Falves Silva

O BECO  
Dos estetas  
Dos filósofos  
Dos poetas  
O nosso Beco  
O Beco da Vida  
O Beco da Lama  
(*Amir Massud – 1988*)

Ruínas, ratos, lama, beco da. Desde tempos imemoriais, o Beco abriga uma fauna de boêmios de procedência variada, jornalistas, camelôs, músicos, advogados, ladrões, médicos, drogados, engraxates, marchands, protéticos, relojeiros, atravessadores, toda sorte de biriteiros trafegam por essa artéria.

Na década de 60, o Bar de Nazi era frequentado por uma geração de artistas e intelectuais de diferentes correntes literárias. Newton Navarro e Bosco Lopes. Alexis Gurgel e Berilo Wanderley. Dailor Varela e Sanderson Negreiros. Luís Carlos Guimarães e João Gualberto. Jarba Martins e Emanuel Bezerra. Estes eram alguns dos que frequentavam com maior ou menos assiduidade o Bar de Nazi. Sujeito temperamental e exclusivista. Quando ele não simpatizava com a cara do indivíduo ou quando o cara já chegava “triscado”, ele balançava o indicador num gesto de negatividade, dizendo – Aqui não! Aqui não! Nem adiantava o sujeito protestar, que ele não despachava mesmo e vociferava com uma autoridade que lhe era particular – Pegue o Beco! E repetia a frase como se nem mesmo ele estivesse acreditando no que dizia – Pegue o Beco!

Vi muita gente ser expulsa de lá com esse palavreado, inclusive eu. O Bar de Nazi era um pequeno cubículo, sem grande atrativo ambiental, do lado de fora o cliente, boca seca, querendo tomar uma, do lado de dentro ele, autoritário e pouco receptivo, separados

apenas pelo balcão, tipo “morre em pé”. Nas prateleiras, uma grande quantidade de garrafas de cachaça de várias marcas amontoadas desordenadamente, algumas canecas em forma de falo (presente de alguns frequentadores), muita teia de aranha ornamentando a coleção de garrafas, o que tornava o ambiente meio gótico.

A especialidade do bar era (e ainda é) a cachaça, porém, o grande atrativo era a famosa Meladinha de Nazi, composta de cachaça, mel de abelha e limão e misturava os ingredientes, ele pegava um pauzinho em forma de gancho, medindo cerca de 15 cm, friccionava com as palmas das mãos por alguns segundos e estava feita a meladinha. Nazi era mestre nessa alquimia, daí a grande popularidade de seu bar.

Um ambiente tipicamente masculino, onde as conversações variavam de acordo com o calendário dos acontecimentos, política, futebol, religião, cinema, sexo, música, teatro, poesia, poema/processo, guerra e paz.

Passados os anos traumatizantes do regime militar, transpondo os umbrais do século XX, chegando aos dias atuais, o Beco continua imutável em seu aspecto etílico, porém, no que se refere à sua arquitetura, o centro da cidade aos poucos vai entrando num processo de degeneração gradativa, perdendo algumas peculiaridades características de uma artéria tranquila e prazerosa do século anterior, evidenciando uma falta de planejamento urbanístico. Casas e edifícios com suas esqueléticas ruínas, adicionados a terrenos baldios, demonstrando um total abandono por parte dos gestores públicos, além da falta de policiamento ostensivo, especialmente no horário noturno, o que fomenta uma série de infrações, furtos, assaltos, exploração sexual, depredação do patrimônio público, confirmando um descaso evidente a que as autoridades constituídas relegam os que moram e frequentam esta área.

Preferem ficar indiferentes a esses delitos, cuja raiz está inserida no contexto social e na ingerência administrativa. Há ainda um forte agravante ao lado de tais atrocidades, funcionando harmoniosamente, estão as sedes dos poderes constituídos: o Fórum do Poder Judiciário, a Assembleia Legislativa Estadual e a sede do Poder Municipal. Esta área vai aos poucos se metamorfoseando em um amontoado de lixo e entulho, sem grande representatividade histórica e sem identidade

cultural. Esta área corre o risco de se tornar um bairro fantasma em futuras décadas. Cabe às autoridades competentes, moradores, associações afins e outros segmentos da sociedade reverter esse quadro tão deprimente de nossa cidade com a maior urgência.

Alguns remanescentes daquele tempo continuam frequentando o Beco esporadicamente: o hilariante Dr. Chiquinho sempre brincalhão, porém, quando o assunto requer seriedade, mostra sua outra face e torna-se brigão e polêmico; o não menos brincalhão França, com sua verve machista do tipo “jacaré no seco ainda?” ou ainda “pegue na minha e balance!”; o poeta João Gualberto, com sua voz de barítono a cantarolar “praieràáá dos meus amorees”; o severo Dr. Manoel de Brito, que religiosamente às 10, 11 horas toma sua dose e pega o beco; o poeta (com seu bigode de Bienvenido Granda) Amir Massu... E outros da nova safra de boêmios que estão sempre pelas redondezas: o galã e conquistador inveterado Marcellus Bob; o criativo e lírico Assis Marinho; o maceteiro e escorregadio Marcelo (pesão) Fernandes; o peripatético (como quer Nei Leandro) Manoel Fernandes, sempre resmungão (“colega, eu...”); o inflamável e anárquico Plínio Sanderson; o tropicalista a caetaneiro João Batista de Moraes Neto; Help (Honey Baby) acompanhada do fotógrafo argentino Marcelo; o poeta puto (e amigo de Jards Macalé) João Barra; o sempre bem humorado Dr. João (Zizinho) Batista; o poeta do grande “Falo” Paulo Augusto; os aluá(dos) Dorian (queixinho da Mesopotâmia) Lima, Aluizio (Direitos Humanos) Mathias, Venâncio (não bebe álcool mas está sempre com um copo de café na mão) Pinheiro; a dupla de assuenses (in)separáveis Carlança e Carlos Bem (mal); Raul (Alcateia) Cruz; o homem do abacaxi; Nagério; Moisés (da gaita) Lima; Bianor (o poeta cafuzo) Paulino; Lula (o cineasta sem filmes) Lula; o ex-hippie Maurilio (Marlon Brando) Eugênio; o sinfônico Barbosa; Eduardo (ex-Samba) Alexandre; o sambista Birra; a eterna carioca Mathilde (Biba) Thompson; o guia e expoente da cultura Alberon Soares; o melindroso e multifacetado J. Medeiros; o parasebista Vicente (último grande leitor de Borges) Januário; o espertalhão e flagelo dos deuses Átila, o relojeiro; a dupla dinâmica; os fotógrafos Alexandre Gurgel e Hugo Macedo; a criativa e performática Civone (aqueles peitos!) Enovic; o rei dos cornos Fábio (toda merda agora é arte) Ojuara; o loroteiro contador de estória Abimael

Silva; o talentoso papa prêmio Franklin (excluído) Serrão; Júlio César etc. etc. etc.

Reduto de artista, poetas, malandros, receptadores, putas e gigolôs, entre tapas e beijos, amor e ódio, tristeza e alegria, egoísmo e solidariedade, tradição e modernidade, comédias e tragédias, o Beco continua sua saga, essa bipolaridade própria da complexidade humana, onde habitar o homem, haverá essa (des)graça. O Beco é isso e muito mais. O Beco é o coração da cidade...

**FALVES SILVA** é poeta e artista plástico, autor de “ Erótica”, “ Elementos” de Semiótica” e outros livros.

# A formiga e o poeta

Michelle Paulista

A data exata, não lembro. Sei que era uma manhã junina. Dias antes, num misto de ousadia e coragem – não são, absolutamente, a mesma coisa – liguei para o escritório do Dr. Diógenes da Cunha Lima, cujas apresentações são desnecessárias. Já supunha as respostas prováveis: “*quem gostaria?*”, “*é sobre o quê?*”, “*Michelle, de onde?*” Mas enquanto imaginava negativas, eis que ouço uma voz grave do outro lado: pois não, Michelle?

Como assim? Me chamou pelo nome! A secretária deve ter avisado que uma certa pesquisadora desejava falar-lhe e ele... atendeu! Existe, acaso, algo mais gentil que dirigir-se a alguém chamando-lhe o nome?

Volto à manhã de junho. Estou na sala do Dr. Professor poeta; frente a frente, estamos. Falo coisas sem ordem; desobedeço ao “script” ensaiado na véspera: tento, sem sucesso, dizer que busco cartas entre poetas potiguaras para um projeto acadêmico de pesquisa. Embora leitora de muitos poetas e já tendo estado com alguns, devo confessar que a presença de Diógenes me desconcertou. Não sei se me pus nervosa, alegre, comovida. Diante de mim, um homem tão sensível, erudito, tão bem sucedido nas letras e na profissão, mas de tamanha generosidade e solicitude. Um homem tão... poeta!

Ainda que eu mobilizasse todas as construções estilísticas que pudesse – ou as tomasse de empréstimo de algum poeta dos bons – custar-me-ia descrever os instantes em que estivemos versando sobre poetas, poesia, vida, amor, Deus. Os olhos marejaram, não nego. Saí daquela sala com alma, corpo, roupa, adornos impregnados de poesia e vida, assim como fumaça de fogueira junina gruda seu odor em todas as coisas.

Obrigada, Diógenes da Cunha Lima, por me fazer vivenciar tão belo instante poético.

Com incomensuráveis admiração e gratidão.

**MICHELLE PAULISTA** é professora e escritora. Doutoranda em literatura comparada pela UFRN.





**POEMAS**



# Thiago de Mello e "Os Estatutos do Homem"

Marcos Mairton

Thiago de Mello é,  
da palavra um artesão,  
transformando em poesia  
o barro que sai do chão,  
Colhendo da natureza  
versos de grande beleza  
que nos tocam o coração.

Natural de Barreirinha,  
nessas terras brasileiras,  
sua arte ganhou o mundo,  
e, além de nossas fronteiras,  
Os seus poemas são lidos,  
muitos deles traduzidos  
para línguas estrangeiras.

Pois a obra de Thiago,  
Tem sabor universal  
Sem perder o bom tempero  
da cultura regional,  
do lugar onde nasceu,  
da floresta onde cresceu,  
da planta e do animal.

"Eu sou filho da floresta",  
Thiago é quem anuncia,  
"O meu coração é feito"  
- disse ele, certo dia -  
"todo de água e madeira.  
Na correnteza ligeira  
vou buscar minha energia".

Amante da liberdade,  
por ela tendo paixão,  
Thiago não poderia  
conviver com a repressão.  
E em uma era obscura,  
o poder da ditadura  
o mandou para a prisão.

Após deixar a prisão,  
o poeta se exilou  
em países estrangeiros  
onde abrigo encontrou.  
Longe da terra natal,  
Argentina e Portugal  
são lugares onde andou.

Na Alemanha e na França  
o poeta residiu,  
num tempo em que não podia  
retornar para o Brasil.  
No Chile encontrou ajuda  
E o grande Pablo Neruda  
sua obra traduziu.

Com o fim da ditadura  
Thiago retornaria  
Ao Brasil, e na Amazônia,  
É onde vive hoje em dia.  
E assim segue criando,  
No mundo vai semeando  
O amor e a poesia.

Dentre os seus belos poemas,  
Que encantam tanta gente,  
“Os Estatutos do Homem”  
Expressam magistralmente  
O Direito Natural

Em “Ato Institucional  
de caráter permanente”.

Thiago, grande poeta,  
Peço a ti que me permitas  
Dizer do meu jeito as coisas  
Que por ti já foram ditas,  
Pois em meus versos matutos,  
As regras dos “Estatutos”  
Podem ser assim escritas:

### **Estatutos do Homem**

#### Artigo I

Uma regra inafastável  
Fica estabelecida:  
Que vale agora a verdade,  
Que agora vale a vida.  
De mãos dadas marcharemos,  
Todos juntos seguiremos,  
Numa marcha destemida.

#### Artigo II

Fica também decretado  
Que é possível transformar  
Qualquer dia da semana  
Num domingo em frente ao mar.  
E até nas terças-feiras  
Haverá mil brincadeiras  
E razões pra se alegrar.

#### Artigo III

Fica decretado que  
Nas casas, em todas elas,  
Existirão girassóis  
Enfeitando as janelas.  
Girassóis e outras flores,

Numa explosão de cores  
Azuis, brancas, amarelas...

E, mesmo dentro das casas,  
Onde o sol não os alcança,  
Girassóis abrir-se-ão  
Em misteriosa dança.  
E, ao ver seu movimento,  
Logo soprará o vento,  
Mensageiro da esperança.

#### Artigo IV

Fica também decretado  
Que o homem não terá  
Que duvidar mais do homem  
E nele confiará,  
Tal qual a noite confia  
Que lhe seguirá o dia  
e o sol logo brilhará.

#### Parágrafo único:

Um homem confiará noutra  
Como a palmeira confia  
no vento, que vem do mar,  
e a ela acaricia.  
Ou meninos que, sem medo,  
Compartilham um brinquedo  
Com inocente alegria.

#### Artigo V

É decretado que os homens  
já não são submetidos  
ao domínio da mentira,  
Nem lhe darão mais ouvidos.  
Silêncios não servirão -  
Como escudos de omissão -  
a rancores escondidos.



Com o olhar calmo e limpo  
O homem irá à mesa  
e ao jantar partilhará  
com os outros a certeza  
que é parte da sua vida  
a verdade vir servida  
precedendo a sobremesa.

#### Artigo VI

A partir deste momento,  
Fica também decretado  
Que o profeta Isaías  
terá seu sonho alcançado:  
de ver lobos e cordeiros  
como velhos companheiros,  
caminhando lado a lado.

E juntos caminharão  
viajando mundo afora,  
Partilhando o alimento,  
pois, a partir de agora,  
um só prato os servirá  
e sua comida terá  
um doce sabor de aurora.

#### Artigo VII

Por decreto irrevogável  
Fica estabelecido,  
que a Justiça reinará  
por um tempo indefinido.  
E a bandeira da alegria  
tremulará noite e dia  
com destaque garantido.

#### Artigo VIII

Fica decretado que,  
de todas, a maior dor

sempre foi e será sempre  
não se poder dar amor.  
E, assim, sem poder amar,  
ver e não se emocionar  
com o desabrochar da flor.

#### Artigo IX

É permitido que o pão  
a cada dia obtido  
tenha a marca indelével  
do suor nele vertido.  
E que tenha o sabor quente  
da ternura que se sente  
pelo filho mais querido.

#### Artigo X

Fica decretado que  
Será sempre permitida,  
A cada um, a escolha  
Da sua roupa preferida.  
E o traje branco será  
Veste que se adequará  
A qualquer hora da vida.

#### Artigo XI

É decretado que o Homem  
se define, em essência,  
como um animal que ama,  
é mais amor que ciência.  
E esta sua natureza  
É a causa da beleza,  
De toda sua existência.

#### Artigo XII

Decreta-se: nada é  
Obrigado ou proibido,  
E, a partir de agora,  
será tudo permitido:

brincar com rinocerontes  
ou correr por sobre as pontes,  
sem um rumo definido;

E caminhar pelas tardes  
Ou sentar-se na janela  
com uma imensa begônia  
Enfeitando a lapela;  
Caminhar pela cidade  
Respirando a liberdade  
Que também faz parte dela.

Parágrafo único:

Uma conduta será  
Para sempre abolida,  
E, por isso, ficará  
Totalmente proibida:  
é o amar sem amor,  
pois seria como a dor  
de se viver sem ter vida.

Artigo XIII

Decreta-se que o dinheiro  
comprar não mais poderá;  
O sol das manhãs vindouras;  
Sol que sempre brilhará  
Sobre os campos mais formosos  
E com raios generosos  
A todos aquecerá.

E o dinheiro então será  
Para sempre transformado  
Em espada fraternal,  
Somente sendo usado  
Na defesa do direito  
De cantar, a pleno peito,  
Canções do amor musicado.

Artigo Final.

Fica proibido o uso  
da palavra liberdade,  
porque já não haverá  
a menor necessidade  
de ser dita ou ouvida,  
pois será sempre sentida  
como doce realidade.

A liberdade será  
algo vivo e transparente  
como um fogo ou um rio,  
com sua água corrente.  
E terá sua morada  
Para sempre alicerçada  
bem no coração da gente.

-\*-

**MARCOS MAIRTON.** Escritor e poeta cearense, autor de “Uma Sentença, uma aventura e uma vergonha” (coletânea de cordéis) e outros livros. Exerce o cargo de Juiz Federal.

# Está tudo aqui

Sônia Faustino

O quarto arrumado  
Sua cadeira ao lado  
A sala iluminada  
As flores perfumadas...  
No seu porta retrato  
A sua foto sorrindo  
Os álbuns guardados...  
Além da janela  
A igreja na praça  
As ondas no mar...  
Os livros empilhados  
As estantes completas.  
Está tudo aqui  
Na casa arrumada  
Limpa vazia e sozinha  
Como o meu coração  
Limpo vazio e sozinho  
Porque você não está  
mais aqui...

Natal, 16/07/2015

**SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO** é professora e escritora, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de “Rosa la France” e outros livros.

# O olho mudo

Jarbas Martins

Implacável de sono  
e bronze  
não espera a navalha  
longitudinal  
que o seccione.

Nem abarcará  
o espetáculo da manhã  
em sua paralítica  
campimetria vã.

Antinarcísico  
não o verão comovido  
- sua imagem neutro  
no olhar em chamas de Nina Rizzi

Poderão dançar de mãos dadas  
até à exaustão  
os camaradas búlgaros.

As estrelas cadentes  
e as dunas velozes,  
as bodas do sol com a chuva  
jamais o despertarão.

Uma lua de agosto  
com seu manto rendado  
nunca  
nunca o protegerá.

**JARBAS MARTINS** é poeta e escritor, autor de “Contracanto”, “14 versus 14” e outras obras.

# Quero dizer

Anchella Monte

Em pesadas carteiras duplas as meninas e meninos  
lendo histórias de abetos e prodígios na matemática.  
As professoras pareciam mães  
e em toda aula havia canto, pátria e primavera.

Quero dizer que o tempo passou  
mas para nós havia o piano de Jorge  
e as serenatas não eram coisas de velhos  
elas estavam ali e ainda abriam as janelas.

Vejo hoje como se fosse passado  
quero dizer que talvez não seja  
talvez todos os relógios e calendários do planeta  
sejam apenas narrativas de grandes olhos.

Moro onde tudo é novo até o sol  
cai restaurado em telhados sem marcas  
mas os fantasmas me acenam, pisam no pavimento  
recente e saem comigo no fim da tarde.  
Tempo, saco de linho guardando o umbigo.

**ANCHELLA MONTE** é professora e poeta, autora de “A Trama da Aranha”, “Temas Roubados” e outros livros.

# O sabor das manhãs

Maria Maria Gomes  
*Poema dedicado aos irmãos*

As manhãs são sempre saborosas!  
Sinestésias se espalham pela casa laranja,  
leite lembrando peito de mãe,  
café com aroma de vó  
-já partida para o além do céu-,  
pão com jeito partilhado de Jesus,  
manteiga com cheiro de vaca no curral.  
O gato Meim ronronando  
sob a mesa rústica da cozinha,  
batata doce cozida para o almoço

O lanche, à nona hora matinal,  
laranja cortada em cruz  
- um bago para cada filho –  
uma banda de melancia madura,  
uma colher de lambedor para abrir o apetite.

A manhã volta com cara de sol a pino.  
No fogo, feijão no alho e cebola,  
arroz da terra seridoense,  
pirão de macaquinho  
-ensinado pela mãe-  
peixe frito no azeite para a saúde do pai,  
uma banca longa com dois bancos longos  
- de cada lado –  
a Ave Maria tocando no rádio  
e, nós sete, contemplando a vida em família.

**MARIA MARIA GOMES** é professora, escritora e poeta, autora de “Proposta de Chuva”, “Cruzeiros”, e outros livros.

# Dois poemas de Antonio Nahud

(01)

se não houvesse nome  
se não houvesse designação  
para o que é transitório  
a orquídea  
a vidraça  
o território  
e eu assim  
no centro de uma hora lassa  
feito a mornura do dia  
acolhida no pistilo de uma flor

se não houvesse nome  
para o espírito o rio e suas coisas  
pedras peixes  
o universo e os sóis os céus  
e os sons em seus buracos negros  
que nem os ouvem ninguém

se não houvesse nada de nome  
na face da terra  
nem plurais como risos  
vozes  
roucas  
rugas  
dores

se não houvesse nada de nome  
eu criaria o teu  
em sobressalto  
assim soletrado ao sabor do vento  
e de pausas

(02)

Meu coração é selvagem  
do meu chão brotam lírios  
minha boca plumagem de colibris

minha pele animal felino  
meu sangue árabe  
minha poesia arrebatada

ave, Gullar! ave, Wally!

coleciono juventudes desperdiçadas  
cacos de sensações

troco desânimo pulsando em vida  
por força visionária para continuar  
e continuar Cícero  
e continuar Cecim  
e continuar Hilst

troco amor por amor  
com quem me ajuda a semear jasmims  
João Cabral e sabiás

troco o impulso de me jogar pela janela  
por versos de Leminski com vistas para o mar

**ANTONIO NAHUD** é jornalista e escritor, autor de “Confissões” e outros livros.

## Dois poemas de José de Castro

### **des\_ construção**

quando  
a poesia  
vem morar  
em mim  
exilo-me  
em silêncios

porque  
tenho  
pouso incerto  
e ninho trançado  
de fio nenhum.

onde mora  
o verso  
senão na  
memória  
esquecida  
de si?

imaterial  
engenharia  
me desconstrói  
e me reedifica  
em cada vão  
em cada verbo  
na fissura  
do tijolo palavra  
que me  
substantiva  
e me sustém

no va-  
zio  
onde  
me  
lanço  
- e poesia.

### **revelação**

pouco sei de mim  
e desses mistérios  
que a vida  
também não decifra.

sei,  
atrevo-me ao susto  
e quedo-me estilhaçado  
no colo nas incertezas  
que moram aqui.

nem sei se um dia  
fui um ou dois ou quantos  
milhares, talvez nenhum.  
hoje pareço aquele dia  
que escureceu sem  
se saber noite.

revela-me tu  
que tanto já viveste em agonia  
de imemorable desdita  
e percorreste o escuro  
que habita o mundo  
desde antes de tudo.

tu, talvez saibas de mim.  
vem, me conta quem sou.  
prometo não fazer alarde  
nem que me digas  
que fui teu verdugo  
que fui teu amante  
ou que nada fui de ti  
e tampouco de alguém.

eu quero apenas  
por um instante  
ouvir dos teus lábios  
um sinal de que a noite escura  
vai acender olhos de estrela  
e piscar um desígnio  
que me faça acordar desse pesadelo  
que me exilou para longe de mim.

**JOSÉ DE CASTRO**, jornalista, escritor e poeta. Autor de “A marreca de Rebeca”, “Poemares”, e vários outros livros. Membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte – SPVA/RN e da União Brasileira de Escritores – UBE/RN.





**NOVOS ACADÊMICOS**

# Saudação ao Acadêmico Nelson Patriota

Manoel Onofre Jr.

Saudar o escritor Nelson Patriota, no solene momento de sua sagração acadêmica, representa para mim um privilégio, além de grande honra, pois Nelson é, sem dúvidas, um dos mais ilustres intelectuais potiguares. A ele, pois, de antemão, o meu agradecimento pela distinção que tanto me desvanece.

Certamente, a escolha do meu modesto nome para recebê-lo, nesta casa, deve-se, em boa parte, a razões de ordem afetiva. Conheço-o há longas décadas, e com ele sempre mantive, como mantenho, laços de amizade e afinidades intelectuais. Somos companheiros de geração, com os olhos voltados, teimosamente, para a literatura da nossa terra.

Lembro-me da primeira vez em que o vi de perto, já lá se vão uns 46 anos. Foi na casa dos seus pais à Rua Padre Pinto, nesta cidade, aonde me dirigi em companhia do amigo comum, também bibliófilo, Inácio Magalhães, não me recordo com que finalidade. Encontrei-o à mesa do jantar. Tomava a sua sopa e, ao mesmo tempo, lia um livro. A cena causou-me forte impressão. Aquele jovem absorvia-se na leitura de tal modo que não a deixava de lado nem mesmo durante a refeição! “Eis um verdadeiro amigo dos livros” – disse com os meus botões...

Tantos anos depois, ainda o vejo da mesma maneira. Só que agora percebo, no escritor feito, a aura que lhe adveio do reconhecimento geral, em nossos círculos literários. Isto, aliás, já tive oportunidade de dizer, mas o repito, para enfatizar o seu alto significado.

Senhores acadêmicos, senhoras e senhores:

Necessário se faz, como é de praxe em saudações acadêmicas, uma breve nota biográfica sobre o homenageado. Ei-la, portanto.

Terceiro filho de Luís Patriota e Maria Waldemira Patriota, Nelson Ferreira Patriota Neto nasceu em Natal, a 4 de novembro de 1949. Seu pai, homem de letras, cognominado “Poeta das Jangadas”,

pertencente a uma tradicional família de Touros, praia da região norte do Estado, de onde também veio o escritor Nilson Patriota, a quem o novel acadêmico tem a honra de suceder na cadeira nº 8 desta instituição.

Como todo menino, Nelson tomou parte em brincadeiras com as crianças de sua rua, jogou bola e leu muitos gibis. Estudos no Ginásio São Luís, educandário católico, onde concluiu os cursos primário e secundário. Certo dia, seu pai o presenteou com a coleção de Monteiro Lobato para crianças, e ele mais que depressa leu as aventuras de Pedrinho, Narizinho, Emília, o Visconde de Sabugosa, Tia Anastácia, Dona Benta, além dos livros históricos, como “Os Doze Trabalhos de Hércules”. Em entrevista concedida ao escritor Thiago Gonzaga, constante do livro “Impressões Digitais”, vol. I, Nelson diz a respeito desses livros: “Impressionou-me, especialmente, “A Chave do Tamanho”, em que o Visconde de Sabugosa reduz as pessoas a seres minúsculos, causando um grande tumulto no mundo. O livro me deu a primeira prova da força da literatura.”

Por volta dos 23 anos, ainda engatinhando como aprendiz de poeta, Nelson deu uma guinada em seu itinerário intelectual, voltando-se inteiramente para a prosa, especialmente a ensaística. Foi quando ingressou no jornal “A República”, de Natal, como repórter da área cultural e articulista. Desde então tem sido um atento e criterioso observador da cena literária.

Em 1983, graduou-se em Comunicação Social, mas, antes já obtivera o diploma de Bacharel em Ciências Sociais, ambos os cursos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Havendo trabalhado em vários órgãos da imprensa natalense, na qualidade de redator e colunista, teve também atuação marcante, à frente da editoria de “O Galo”, jornal cultural da Fundação José Augusto. No serviço público ascendeu às funções de sociólogo.

Eis, portanto, *a vol d’oiseau*, como dizem os franceses, um registro de sua trajetória existencial.

A princípio, durante alguns anos, Nelson norteou suas atividades literárias pelo exercício da crítica. Como tal, desempenhou papel importantíssimo, e já agora continua a desempenhá-lo enquanto

aborda outras vertentes. Guia que orienta o grande público sobre lançamentos literários, ele contribui decisivamente para a formação de milhares de leitores, ao mesmo tempo em que julga autores e obras, apontando-lhes os vícios e virtudes. E é um crítico que não se sujeita à camisa de força de certa linguagem especializada, tão cara a determinados cultores da chamada crítica universitária. Com ele, nada daquela terminologia hermética, tampouco daquela excessiva contextualização doutrinária, que torna a leitura sumamente enfadonha. Como humanista e artista da palavra, mostra-se avesso ao que o grande Mário de Andrade denominava “limitação causada pelo conhecimento técnico”.

Além de crítico, Nelson é jornalista, poeta e ficcionista, daí o maior poder de comunicação de sua prosa.

É interessante ressaltar que estas suas qualidades serviram-lhe, no exercício da crítica, quase sempre, para valorizar a literatura norte-rio-grandense. Poderia ter se voltado para obras e escritores consagrados a nível nacional e internacional. Mas, não; preferiu a prata da casa.

Há muito ele nos devia um feixe dos seus ensaios críticos, dispersos em jornais e revistas do Estado. Felizmente, essa dívida foi resgatada, ou melhor, começou a ser paga com o livro intitulado “Uns Potiguares” (Mossoró: Editora Sarau das Letras, 2012). A seu respeito reproduzo aqui, por oportuno, o que eu disse em prefácio ao mesmo, com ligeiras alterações.

Revitalizando a velha e boa crítica de rodapé, o autor enfoca nos artigos e pequenos ensaios, reunidos nesse volume, vários escritores e livros norte-rio-grandenses, além de outros em menor quantidade, os quais identificam-se de certa forma com as nossas letras.

Aparentemente circunstanciais, por serem frutos da militância jornalística, esses escritos, na verdade, revestem-se de interesse permanente. Urgia, pois, salvá-los das coleções de jornais e revistas para a perenidade do livro.

Nada menos de 36 livros & autores passaram pelo crivo do veterano crítico. Em conjunto, como agora se apresentam, compõem um panorama da literatura potiguar contemporânea dos mais abrangentes.

Com exceção de cinco nomes, que se pode considerar como ícones do passado – Auta de Souza, Pe. Luís Monte, Octacílio Ale-

crim, Esmeraldo Siqueira e Edgar Barbosa -, os demais pertencem à contemporaneidade, a partir dos integrantes da geração 60 – Dorian Gray Caldas, Luís Carlos Guimarães, Nilson Patriota, Sanderson Negreiros, Nei Leandro de Castro – aos da geração subsequente – Jarbas Martins, Paulo de Tarso Correia de Melo, Valério Mesquita, Emanuel Bezerra, João Gualberto, Osório Almeida, etc. – até os novos, aliás, já não muito novos – Bartolomeu Correia de Melo, Marize Castro, Diva Cunha, Nivaldete Ferreira, Lívio Oliveira, Clauder Arcanjo, Volonté – e os novíssimos – Lenilson Antunes, Ricardo Luís Lins Guimarães e Zedelfino, entre outros.

Nas análises que faz, Nelson Patriota revela traços essenciais do seu caráter intelectual: honestidade e equilíbrio. Julga sempre com isenção. Nada passional. Para usar uma pitoresca, mas adequada expressão do escritor François Silvestre: “Nem mel, nem fel”.

Mas, ao invés de limitar-se à exegese de obras e autores nossos, Nelson incluiu no seu livro, também crônicas, em que, ultrapassando a estrita órbita da crítica e da resenha, comenta episódios e eventos significativos da vida literária norte-rio-grandense contemporânea.

A variedade dos assuntos, todavia, não subtraiu ao todo a imprescindível coesão.

É fato que o material, reunido nesse livro, abrange apenas uma fase (de 2007 a 2010) na extensa trajetória jornalística e literária do autor. Ainda resta muita coisa a compilar, coordenar e editar em livro – tarefa que se impõe, sem mais tardança. A Literatura Potiguar assim o exige.

Escritor multifacetado, como ficou visto, Nelson Patriota cultua diversos gêneros literários além da crítica, porém estreou em ficção e poesia, com livro, já na casa dos sessenta. Numa bela edição limitada, em formato de *pocket book*, lançou “Livro das Odes” (Natal: Sol Negro Edições, 2012). Poesia reflexiva, de prospecção sobre a problemática existencial, não raro em tons elegíacos, com um viés acentadamente discursivo, porém sem derramamentos, semelhante, por vezes, poesia em prosa. A seu respeito afirmou, com propriedade, na orelha do livro, o poeta Lívio Oliveira:

“Não se faz necessário afirmar que nesses versos está situada uma comovente e sublime maneira de tratar a palavra poética. Nelson não desperdiça palavras em suas doze Odes. Sentimentos, sonoridades, lugar da estética musical, uma razão lógica e lances de emoção desbragada se casam e se harmonizam, encontrando lugar na poesia que envolve o leitor sob fino e macio tecido.”

Ainda no campo da poesia, em parceria com Diógenes da Cunha Lima e Leila T. Cunha Lima Almeida, “Flores que Encantam o Brasil / Charming Flowers of Brazil”, livro encantador (Natal: SESC/FECOMÉRCIO/EDUFRN, 2013).

Em outra vertente – o conto – dois livros atestam a operosidade do autor, embora sendo ambos frutos tardios de um longo namoro com a ficção. “Colóquio com um Leitor Kafkiano” (Natal: Jovens Escribas, 2009) reúne doze contos, alguns inéditos e outros já publicados em periódicos culturais. A partir do título, percebe-se alusões a Franz Kafka, escritor a quem o autor muito admira. Não só este, mas também outros ícones fazem-se presentes, de certa forma, num interessante diálogo da ficção com o ensaio literário. “Colóquio...” obteve boa receptividade por parte da crítica e do público, o que, com certeza, animou o autor a publicar nova coletânea – “Um equívoco de Gênero e Outros Contos” (Mossoró: Sarau das Letras, 2014), na qual, mais uma vez, revela-se um erudito e arguto observador do comportamento humano.

Nelson Patriota pertence à linhagem de um Tchecov: seus contos não são histórias com começo, meio e fim, não têm desfecho impactante, nenhum artifício para impressionar o leitor. Longe dele o anedótico, o causo. Preocupa-o, antes de tudo, a análise psicológica dos personagens, num contexto atual, urbano, de pequena classe média. Linguagem em consonância com a temática, e estilo não tão leve, mas vigoroso, tornam a leitura absorvente.

Tal como no conto e na poesia, a estreia de Nelson no romance também foi tardia. Lançou, em 2015, “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” (Mossoró: Sarau das Letras) quando já completara 65 anos de idade. Neste particular, aliás, Nelson assemelha-se a Polycarpo Feitosa, um dos maiores romancistas potiguares, cuja estreia se deu quando ele contava 61 anos.

“Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” (que título *old fashioned!*) tem a sua ação romanesca centrada em Natal por volta dos anos 80 do século passado. *Romam à clef*, como dizem os franceses, isto é, calcado em fatos e personagens reais sob disfarce ficcional, a exemplo de tantas outras obras congêneres, como “Em Busca do Tempo Perdido”, de Marcel Proust e “O Espelho Partido”, de Marques Rebelo.

Um homem chamado silêncio é o jornalista Armando Lira, personagem-mor, em torno do qual desenrola-se a narrativa, tendo como pano de fundo, quase sempre, a redação do jornal “A Voz Pública” (seria o finado “A República?”). Figura fora de série, como diríamos em linguagem de hoje, Armando desperta atenção pelo seu inusitado modo de ser: introspectivo, arredio, um tanto misterioso.

Fatos aparentemente banais, no dia a dia de uma redação de jornal, são valorizados pelo narrador, também jornalista (alter ego do autor?), que sabe extrair deles a surpreendente notação psicológica. Em última análise – devo ressaltar – a narrativa constitui, como em Tchecov e outros ficcionistas modernos, um corte vertical na vida: não tem, propriamente, enredo nem trama; não pretende distrair o leitor com a descrição de episódios hiperdramáticos, tampouco com anedotas, mas, acima de tudo, propõe-se a desvendar segredos do comportamento humano e debater ideias.

No final, o narrador (já agora parece ser o próprio autor) faz uma longa digressão sobre a trajetória existencial de alguns dos seus familiares, digamos, icônicos, numa tentativa de estabelecer um paralelo com a história de vida dos personagens Armando e sua mulher, Adélia. Mas, convenhamos, tal artifício não fica bem “costurado”. Apesar deste pequeno senão, “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” é um romance digno de ser lido com todo o interesse.

Resta dizer, sobre a obra do homenageado, que ele, a par com a sua criatividade artística, tem contribuído de outro modo para o desenvolvimento cultural do seu Estado e do País: traduziu vários livros, organizou outros tantos, participou de várias obras coletivas e atuou como uma espécie de *ghost writer* na elaboração de duas obras significativas da memorialística potiguar: “A Estrela Conta”, de Glorinha Oliveira (Natal: AS Livros, 2003) e “No Outono da Memória”, de Ubirajara Macedo (Natal: Filomena, 2009).

*Ecce homo...* Considero-o, dentre os escritores potiguares, a mais perfeita encarnação do intelectual, do *scholar*, do bibliófilo, tomada esta palavra não no sentido de colecionador, mas, sim, de amigo dos livros.

É com muita honra e satisfação que todos nós, acadêmicos, o acolhemos no seio da nossa amada instituição.

Entendemos que toda e qualquer academia de letras deve ser um reduto de homens de letras, se não na totalidade, pelo menos em sua maior parte. Você, caro Nelson (permita-me o tratamento) é um completo homem de letras. Sinta-se em casa. Bem-vindo!

\*Discurso pronunciado, na ANRL em 16 de Abril de 2016.

# Discurso de posse de Nelson Patriota na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

Senhoras e senhores acadêmicos, amigos, familiares

Há poucos dias, lendo matérias as mais diversas em busca de subsídios para esta fala ante uma tão seleta audiência, deparei com um escrito do memorialista Antônio Carlos Vilaça no qual este confessa que sempre teve a sedução da oratória. Com a imediaticidade própria dos fatos, constatei de pronto que ali estava um dos meus possíveis contrarretros. Nada me é mais estranho que a retórica, seus argumentos persuasivos, sua loquacidade conquistada, seus ornatos estilísticos, efeitos desconcertantes, princípios aristotélicos pétreos, árduos.

Permitam-me, então, que reinicie minha fala pelo viés mais próximo da língua do dia a dia, sem, contudo, abdicar do auxílio luxuoso (a imagem é do cantor popular Luiz Melodia) de um verso. O poeta é o colombiano José Asunción Silva, que alude a um outro contexto, mas que hoje o faremos nosso, de “murmúrios, de perfumes e de música de alas”, na tradução de Manuel Bandeira; talvez devesse começar lembrando um bordão que o poeta Bosco Lopes, acometido de uma boêmia obstinada, espalhou pelas vielas e becos e ruas e bares e praças e cafés do velho bairro da Cidade Alta da minha infância. Sim, poderia começar dizendo que, mais por destino do que por escolha, envergo, esta noite, o fardão acadêmico que a generosidade do egrégio colegiado desta casa me outorgou. Que fiz para merecer tal galardão? Sinceramente não sei como responder a isso, afora o que herdei do núcleo familiar, cuja pedagogia diuturna me encaminhou para o mundo das letras. Nesse caso, para dizer com Jean-Paul Sartre, a existência precedeu a essência. Antes, porém, de me alongar em pormenores natais, uma nota não de pesar, mas de grata rememoração. Evoco aqui a figura do escritor Pedro Vicente Costa Sobrinho, que compôs até há alguns anos o augusto colegiado desta casa. Decano das letras da minha geração, ele tinha, para conosco, sempre uma admoestação criteriosa, quando não um silêncio persuasivo e cúmplice de amigo. A ele somamos as lembranças dos poetas Jaumir Andrade, Lúcia Brandão, Bosco Lopes, Nilson Patriota, Luís Carlos Guimarães, Bartolomeu Correia de Melo, bem como dos meus pais Luís e Waldemira, dos

meus irmãos Ferdinando, Leda, Marlene e Walderez, do primo Ricardo Patriota e da jornalista Aparecida Azevedo, lembranças gratas cujas presenças, em diferentes fases da minha vida, me ajudaram a definir meu próprio estar-no-mundo ou, como diria Emily Dickinson, minha sociedade de eleição. A esse rol, é justo acrescentar os nomes da minha companheira Divanice, e mais os amigos de geração, como o jornalista Tácito Costa, o contista Hudson Paulo, os poetas Lívio Oliveira, Volonté e Jarbas Martins, o escritor e mestre de coisas e saberes Inácio Magalhães de Sena, o professor Willington Germano, o médico Maurício Roberto Campelo de Macedo, o auditor Eduardo Rocha, a bióloga Ana Maria Costa, o teatrólogo Carlos Furtado, a amiga Socorro Costa, os meus primos Roberto Patriota, jornalista, e Eduardo Patriota, empresário, a poeta Cleia Trindade, os acadêmicos Paulo de Tarso e Manoel Onofre Jr., através dos quais abraço todos os demais integrantes desta casa e, *last but not least*, os amigos da confraria “Mesa das Consolações”, cujas conversas são o pão espiritual que nos nutre no dia a dia: Hiliomar Alves, Bruno Goto, Atelmo Oliveira, Hedilberto Gomes, Edmar Claudio Mendes, Andreia Braz, Maria Tereza Barreto, Maria do Rosário Araújo, José Carlos Medeiros, Iuri Baseia, Maria Nazareth Araújo, João Maria Pontes e Mateus *Heung Jo Han*.

Embora antirretórico, sou forçado a reconhecer que os discursos de posse, devido ao seu caráter confessional, guardam íntima semelhança com o gênero ensaio, fundado por Michel de Montaigne. Trata-se, portanto, de um gênero literário, convicção que nos deixa mais à vontade, a ponto de poder afirmar aqui, como o fez Monsieur de Montaigne, que sou *hic et nunc* meu próprio sujeito. Eis-me, então, em poucas linhas:

Filho do poeta Luís Patriota, primo e sobrinho do escritor Nilson Patriota, habituado desde a tenra infância a ouvir discussões fabulosas entre meus irmãos Waldemir e Ferdinando, aficionados de línguas e das literaturas produzidas por suas línguas de eleição, várias, afeito às melodias cantadas por minha mãe Waldemira, algumas delas retiradas de poemas escritos e musicados por meu pai, outros musicados por Eduardo Medeiros, nasci num meio culto, uma das poucas coisas de que posso me jactar na vida, posto que esse fato se situa totalmente fora do alcance de minha vontade. Vejo-o ainda hoje como uma largueza do acaso, uma benesse do jogo de dados dos deuses, para evocar uma metáfora clássica. Não seria impróprio

falar de uma pedagogia doméstica, na medida em que fui educado, quer do ponto de vista sentimental, flaubertiano, pela afetividade da minha mãe e de minhas irmãs Walderez e Marlene, Leda, Vera e Salete, quer do ponto de vista intelectual, pelo meu pai e meus irmãos. Devo dizer que a mesma chama da cultura que irrigou minha infância com sortilégios e magias, numa conspiração benigna das palavras, tem encontrado terreno igualmente fértil, com maior ou menor intensidade, entre os meus filhos Ariel, Ariadne, Rainer, Emanuel e Ismael, bem como junto ao ramo dos Patriotas estabelecidos na capital federal, oriundos da prole do embaixador Antônio Patriota, homem de cultura e afeito aos labores intelectuais. Destaco, especialmente, sua filha Margarida, como professora universitária, mas, especialmente, como escritora de livros de ficção e crítica literária, e lembro que Margarida mantém, há mais de uma década, na Rádio Senado, um programa semanal de entrevistas com escritores de todo o país, do qual participamos anos atrás.

Nasci entreouvindo diálogos sobre livros, à mesa. Ao seu tempo, eles me levaram aos livros sobre os quais discorriam e, finalmente, aos livros em geral – a literatura em toda a sua infinita incompletude – e à escritura de livros. Paralelamente, os livros se revelariam objetos sobre os quais eu exerceria uma espécie de ourivesaria: a da pesquisa vocabular, busca da exatidão vernacular, da adequação semântica e sintática, enfim, da revisão gramatical, paralelamente à tradução e à reescritura, e, por fim, à crítica e ao ensaio literário, que têm ocupado muitas horas dos meus dias.

A esses misteres revisórios e tradutórios, devo o privilégio de minuciosas leituras de Câmara Cascudo, Américo de Oliveira Costa, Dorian Gray Caldas, Zila Mamede, Edgar Barbosa, Luís Carlos Guimarães, Otacílio Alecrim, Jaumir Andrade, entre outros. Mas se porventura fora exortado a eleger um escritor de minha preferência, eu escolheria Cascudo, como o faria a imensa maioria dos norte-riograndenses. A meu favor, lembraria as muitas horas que despendi na leitura de textos cascudianos de diversa natureza: o volume dez de *O Livro das Velhas Figuras*, reedições de *Ontem*, *O Tempo e Eu*, *Na Ronda do Tempo*, *Vida Breve de Auta de Souza*, *Prelúdio e Fuga do Real*. Paralelamente, tomei Cascudo como interlocutor e parceiro no meu livro *Antologia Poética de Tradutores Norte-rio-grandenses*, que lancei

pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no ano de 2008. Assinalo, no prefácio a essa obra, um problema cascu-diano ligado à sua tradução de um poema de Whitman, como um aperitivo a sua leitura.

Cascudo seria o protagonista da novela que publiquei no livro *Colóquio com um leitor kafkiano*, no ano de 2009, sob a chancela editorial dos Jovens Escribas. A novela teve inspiração num dos capítulos do *Prelúdio e Fuga do Real*, por isso intitulei-a de “Prelúdio e Fuga para um Cavaleiro da Mancha”. No *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*, organizado por Marcos Silva e lançado pela Editora Perspectiva no ano de 2003, assinei o ensaio que versa sobre o livro *Vida Breve de Auta de Souza*. Em 2004, assinei o artigo “Notas à Margem da Obra de Câmara Cascudo”, apenso ao livro *Cascudo, Guardião das Nossas Tradições*, organizado pela professora Isaura Rosado. Mas, se foram muitas as veredas que me levaram à foz cascu-diana, elas em nada arrefeceram, pelo contrário, animaram ainda mais o meu interesse pela obra enciclopédica do nosso maior escritor.

Antes, porém, que eu viesse a me debruçar sobre esses mestres, garimpei no espólio de meu pai textos inéditos, esparsos, e juntei-os aos livros que ele publicara, respectivamente, em 1922 e 1936. Refiro-me a *Livro d’Alma* e *Poema das Jangadas*. Dei a esse livro múltiplo, que publiquei em 2001, o título de *Poemas Reunidos de Luís Patriota*, e com ele afirmei minha filiação à grei dos homens de letras, como se fora uma herança que meu pai me houvera transmitido. Devo a publicação desse livro, cuja edição totalizou mil exemplares, ao meu tio João Patriota, à época presidente da Federação do Comércio do Rio Grande do Norte, que financiou sua edição.

A estreia da minha obra literária recua, porém, pelo menos ao ano de 1986, com a edição artesanal de *O livro de Laura* (poesia), mas, a rigor, remonta até os anos 1970, nas páginas do suplemento “Literatura”, que criei no jornal *A República* e onde publiquei meus primeiros escritos – contos, resenhas, comentários etc., e que serviram de base para o meu primeiro livro de contos, *Colóquio com um leitor kafkiano*. Essa página foi sucedida pelo suplemento “Contexto”, que editei durante alguns anos, o qual, à época, foi um marco no jornalismo cultural potiguar. Nesse período – fins dos anos 1970

e começos dos 1980 –, colaborei com outros periódicos culturais, como o carioca *Movimento*, o potiguar *O Galo*, dentre outros. Por essa época, entrei no serviço público federal, onde, através de concurso interno realizado no antigo INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social – ascendi ao cargo de sociólogo após concluir o curso de Ciências Sociais na UFRN onde, também, me graduei em Comunicação Social.

Comungo da firme crença de que a literatura é uma das formas da felicidade, como assinalou Borges. A outra, seria a escritura. Por isso, ocupei-me por um tempo em reunir anotações sobre leituras que resultaram no meu livro *Uns Potiguares* (Sarau das Letras, 2012), coleta de textos que escrevi para uma coluna que mantive, por alguns anos, no jornal *Tribuna do Norte* e no site substantivoplural.com.br, onde comentava livros de autores norte-rio-grandenses contemporâneos, alternando-os com textos relacionados a lançamentos nacionais ou estrangeiros.

Cultivei a arte do conto desde cedo, cujas messes são os livros *Colóquio com um leitor kafkiano* e *Um equívoco de gênero e outros contos*. Minha poesia também vai aos pares: *Livro das Odes* e *Charming flowers of Brazil*. Este último é uma adaptação poética que fiz para a língua inglesa do livro *Flores que encantam o Brasil*, de Diógenes da Cunha e que lançamos na Feira do Livro de Frankfurt no ano de 2012, na Alemanha, quando o Brasil foi o país convidado por aquele grande evento do mercado editorial mundial.

No ano passado, publiquei um romance intitulado *Tribulações de um homem chamado Silêncio*. Esse romance, a propósito, tem como pano de fundo a experiência acumulada por mim, ao longo de mais de trinta anos, na área do jornalismo cultural, sendo, assim, uma espécie de acerto de contas com todos esses anos, com seus personagens estereotipados, seus episódios desconcertantes, seu *Zeitgeist*, enfim. Trata-se, assim, do resgate de uma época do jornalismo que o advento da técnica digital rapidamente atirou à margem do olvido. Em meio à trama central de *Silêncio*, um entreato familiar dialoga com as estruturas abertas do romance de nossa época, o que me permitiu explorar alguns temas ligados à minha história familiar sob a óptica da ficção.

Se no começo da minha carreira jornalística, no jornal *A República*, nos anos 1970, pude ensaiar os primeiros passos na criação literária, através do suplemento intitulado “Literatura”, que criei com o apoio do jornalista Manoel Barbosa, então editor daquele jornal, vi esse processo se consolidar, nos anos 1990, quando editei o jornal cultural *O Galo*, da Fundação José Augusto, na gestão do jornalista Woden Madruga. Em 1990, traduzi *Belém, Palestina: a cidade imortal*, de Giries Nicola Elali (edição do autor) e, em 1999, traduzi o livro *A questão Jerusalém*, de vários autores, editado pela Delegação Especial Palestina no Brasil. Nos anos 2000, trabalhei na editora da UFRN nas áreas de tradução, revisão e edição de livros. Desse período resultaram as seguintes traduções: *Como melhorar a escravidão* (2006), de Henry Koster, *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil* (2006), de Julie Cavignac, *O corpo violado*, de Maurizio Stupiggia (2010), em parceria com Roberto Chiatonne, *Teoria e prática da educação* (2011), de Valentín-Martínez Otero, *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada* (2012), de Christine Delory-Momberger, tradução feita em parceria com Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passegi. Nesse mesmo ano de 2008, lancei a *Antologia poética de tradutores norte-rio-grandenses*, que reúne em boa medida traduções minhas e de outros tradutores publicadas no jornal *O Galo*. Mais recentemente traduzi, em parceria com meu filho Rainer, o livro *A orquestra do Reich* (Perspectiva, 2012), de Misha Aster.

Organizei com Pedro Vicente Costa Sobrinho o livro *Vozes do Nordeste* (Editora da UFRN, 2001). Editei, revisei e organizei a terceira edição de *A biblioteca e seus habitantes* (Edufrn, 2011), de Américo de Oliveira Costa, bem como os livros *113 traições bem-intencionadas* (Editora da UFRN, 2007, em segunda edição), de Luís Carlos Guimarães, *Corpo de pedra, dispersos & breve fortuna crítica* (Editora da UFRN, 2007), de Bosco Lopes, *Artigos e crônicas de Edgar Barbosa* (Editora da UFRN, 2009), e *Poesias* (Editora da UFRN, 2011), de Luís Carlos Guimarães; editei e revisei *A necessidade do mito* (Editora da UFRN, 2012) e *A hora única* (Editora da UFRN, 2012), de Dorian Gray Caldas; organizei com o escritor Manoel Marques Filho, o livro *Louvor de Bartolomeu Correia de Melo* (Bagaço, 2012). Fui um dos redatores do livro *400 nomes de Natal*, publicado em 2000 pela

Prefeitura de Natal, e participei, como revisor, do projeto de reedições do escritor Otacílio Alecrim, fruto de uma parceria do Instituto Pró-Memória, de Macaíba, com o Senado Federal, no ano de 2008. Desse convênio resultaram reedições de obras fundamentais de Otacílio Alecrim, como *Ensaio de literatura e filosofia* e *Província submersa*.

Poderia ter seguido outro destino que não o dos livros? Confesso que sinto calafrios só em pensar numa alternativa a essa atividade que me absorve com um olor sempre agradavelmente renovado. Encaro-a como um dever e uma dádiva de herança que cultivo e preservo e que se justifica por si mesma. Aqui faço outra confissão: quando olho para trás, vejo que fui forjado na forja do lar; eu nada seria sem isso, ou seria alguém totalmente estranho ao homem que sou. Não posso jactar-me, como tantos o fazem, de ter-me feito por mim mesmo. Nada mais estranho para mim do que o *self-made man* apregoado pelo dinamismo da América fabril.

Ao adentrar esta casa das letras sempre voltada às luzes – *ad lucem versus*, diz seu dístico latino, adiro a uma ideia a qual, suponho, aderiram todos aqueles que aqui ingressaram, e que será reiterada pelos vindouros: a ideia de que o valor cultural encontra aqui um porto seguro que aguarda aqueles que o cultivam. Rememoremos, por isso, aqueles cuja trajetória abriu as portas desta casa para o nosso ingresso.

Lembremos a historiadora, educadora, dramaturga e poeta Isabel Gondim, patrona da cadeira n. 8, cujo trabalho pedagógico, cuja pesquisa histórica, cujo legado literário, enfim, estão a merecer uma valorização justa à altura do esforço que empreendeu em favor da cultura e da educação primária em nossa terra, como ressalta Veríssimo de Melo em seu *Patronos e Acadêmicos*, vol. 1. Por outro lado, Veríssimo denuncia o que denomina de “tendência condenável, a nosso ver, que é a de julgarem as pessoas e livros do passado pelos critérios atuais”. Posicionando-se acerca dessa controvérsia, assinala: “Os homens de pensamento e de ação do passado hão de ser julgados dentro dos critérios da época em que viveram”.

Em seguida, Veríssimo ressalta o esforço de Isabel Gondim publicando livros em Natal, no século XIX e começos do atual, numa louvável campanha pelo desenvolvimento do ensino e da educação, merecendo com isso, a justo título, o papel de pioneira da intelec-

tualidade feminina no Rio Grande do Norte, opinião que Nilson Patriota, em seu discurso de posse nesta casa, no dia 17 de novembro de 1983, de certo modo relativiza, ao optar pela vereda educadora como aspecto mais saliente da obra de Isabel Gondim.

Nascida em 5 de julho de 1839, em Papari, hoje Nísia Floresta, seu nome completo era Isabel Urbana de Albuquerque Gondim. Foi professora concursada do ensino primário e manteve curso particular, após sua aposentadoria. Dentre suas obras, citam-se *Reflexões às minhas alunas* (1874), *O Brasil* (poesia, 1903), *Sedição de 1817 da Capitania, ora Estado do Rio Grande do Norte* (1907), *O sacrifício do amor* (drama histórico, 1909), *A lira singela* (1933), *O preceptor* (poesia, 1933). Deixou vários inéditos.

Dentre os escritos isabelinos, salienta-se, pelo seu inusitado conteúdo, um libelo contra sua conterrânea Nísia Floresta. Trata-se, de fato, de uma longa carta, endereçada a um certo J. L. F. Souto, no qual a missivista desanca literalmente a autora de *A lágrima de um caeté*. Até o presente, a recepção a esse documento tem sido de desdém, fruto de uma interpretação calcada na certeza de que a professora papariense explodia de inveja pelo sucesso alcançado por sua conterrânea. Proponho, todavia, que, ao invés de franzirmos o cenho e torcermos o nariz para a invejosa Isabel, nos demoremos ante outro aspecto saliente da carta: seu espanto. Que informações – ou equívocos, ou propósitos outros – levaram a missivista a investir com tanto ímpeto contra a cosmopolita Nísia? Trata-se, enfim, de buscar-se a fortuna crítica que porventura cerque esse documento. Por que a obra de uma segue colecionando êxitos, através de reedições e estudos críticos, ao passo que a outra é recolhida à penumbra das antologias poéticas femininas? Por que as obras de uma permanecem restritas às primeiras edições, enquanto qualquer inédito da outra é comemorado como uma novidade literária? Por que, enfim, obras de tantos nomes relacionados à história literária potiguar padecem do esquecimento e da negligência, sem que nada se faça positivamente contra esse impasse? Nossa “mauvaise conscience” – esse fantasma cotidiano que assombrou amiudadamente o poeta Luís Carlos Guimarães e que, infelizmente, já não abala a zona de conforto a que nos recolhemos ao primeiro incômodo, tem muito a ver com esse quadro a que apenas aludimos.

Recordemos nesta noite de relembrações o nome de Matias Maciel Filho, fundador da cadeira n. 8. E mais uma vez recorremos ao inestimável *Patronos e Acadêmicos*, de Veríssimo de Melo, que nos informa sobre a figura desse personagem algo excêntrico, em sua condição de “solteirão impenitente” – é a imagem de Veríssimo de Melo – e que acrescenta: “vive durante muitos anos numa casa do Alecrim, sozinho, no meio de milhares de livros e mais de trinta gatos, distribuindo confeitos e licor de cacau com os amigos e visitantes”. Quem pensou no *Silas Marner*, de George Elliot, ou no senhor Pickwick, de Dickens, chegou perto do tipo protagonizado por Matias Maciel. Mais próximo de nós, o escritor pernambucano Edson Nery da Fonseca repete hábitos solitários idênticos – incluindo o amor aos gatos – do seu antecessor potiguar. Nascido a 20 de setembro de 1876, em Canguaretama/RN, Matias Maciel Filho formou-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 1904, ingressou na magistratura em 1913, chegando a juiz do TRE, em Natal. Na juventude, publicou um livro de versos; na vida profissional, destacou-se como orador brilhante. Seus hábitos pitorescos, sua casmurrice, deixaram atrás de si vasto anedotário. Seu crepúsculo, entretanto, foi melancólico, conforme observa Veríssimo: “Cego, vivendo quase sozinho, com seus gatos e seus confeitos, Matias Maciel Filho faleceu em Natal em 1965”. Lembremos, porém, algumas palavras que dele disse Walter Wanderley, ao sucedê-lo na cadeira 8, no dia 7 de janeiro de 1970: “Homem de cultura, passou a vida lendo, pouco deixando do seu constante lidar com livros. Autor sem livro, diria Gilberto Freyre, deixou presa ao seu nome ilustre uma longa tradição de saber e de cultura”.

Se a figura de Matias Maciel se distingue pelo caso extremo de ser um intelectual sem obra, ao menos do ponto de vista de seus pósteros, contrasta, a esse respeito, com a pessoa do seu sucessor, o mosso-roense Walter Wanderley, da grei dos Wanderley, pletórica, exuberante. Autor de inúmeros ensaios de relatos de viagens, perfis de poetas, escritores, políticos contemporâneos, efemérides históricas, como seu relato sobre a libertação dos escravos em Mossoró, entre outros.

Um magistrado, uma professora e poeta, um historiador e genealogista passaram pela cadeira n. 8. A esse conjunto de interesses o escritor Nilson Patriota veio acrescentar novos assuntos intelectuais

e artísticos. Ao suceder a Walter Wanderley, no dia 17 de novembro de 1983, Nilson era já o cronista de *Voo de pássaro* e o biógrafo de Ferreira Itajubá, sobre o qual desenvolveu estudos minudentes e inovadores a partir da constatação de que o poeta de *Terra Natal* teria origem tourense, como ele próprio. De fato, poder-se-ia aventar, parodiando o romano Terêncio, que “nada do que fosse tourense ser-lhe-ia indiferente”. Leitor onívoro, descrevi-o num conto já antigo em sua casa, na época em que morávamos à distância de uma rua no velho bairro da Cidade Alta. Sua vasta biblioteca lhe permitia discorrer sobre os temas mais candentes de nossa época, sem prejuízo para os saberes clássicos.

De fato, Nilson Patriota foi um homem do seu tempo, encarando nos seus textos os problemas mais candentes de então, graças ao jornalismo, que cultivou não só na imprensa norte-rio-grandense, mas também amazônica, durante uns anos que morou no Pará. Por essa razão, ao saudá-lo nesta casa, o escritor Nilo Pereira classificou-o de intelectual-jornalista. Nessa época, Nilson havia escrito apenas dois livros: *Voo de pássaro* (crônicas), e *Itajubá esquecido* (ensaios). Mas ao romancista de *Um gosto amargo de fim*, ao contista de *Uma canção ao entardecer*, ao historiador de *Touros, uma cidade do Brasil*, e ao poeta de *Noturno de Touros*, a epítome de “intelectual-jornalista” nos pareceria por demais limitadora. Em nossa opinião, Nilson seria tão somente intelectual, dispensando adjetivações quaisquer.

Numa saudação que lhe fiz, por ocasião do lançamento de seu *Noturno de Touros*, na livraria A. S. Livros, em 19 de junho de 2008, observei:

No futuro, algum crítico meticoloso e perspicaz, um discípulo de Manoel Onofre Jr., possivelmente, dirá, ao se referir à obra do escritor Nilson Patriota, entre outras coisas, que a ele aborrecia a repetição. De fato, desde o lançamento de *Voo de pássaro*, crônicas, em 1979, outros cinco títulos lhe sucederam: *Itajubá esquecido* (ensaio, 1981), *Um gosto amargo de fim* (romance, 1986), *Uma canção ao amanhecer* (contos, 2000), *Touros, uma cidade do Brasil* (estudo histórico, 2000) e *Noturno de Touros* (poesia, 2006). Dir-se-ia que Nilson Patriota percorreu quase todo o ciclo dos gêneros literários.

Esse ecletismo de Nilson Patriota lhe permitiu explorar um gênero diverso em cada livro. Assim, em *Voo de pássaro*, reuniu parte de sua vasta produção na crônica; em *Uma canção ao entardecer* (Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000), seus contos e novelas. No livro *Touros, uma cidade do Brasil* (Natal: DEI, 2000), revelou-se o historiador da cidade que conheceu como Vila de Touros. *Um gosto amargo de fim* (Natal: FJA, 1986), deu à ficção norte-rio-grandense um dos seus romances mais originais e, finalmente, em *Noturno de Touros*, cedeu ao apelo agora irresistível da poesia e transformou sua Touros em matéria plástica e fantasia cósmica onde vivos e redivivos, passado e presente, dão-se as mãos numa ciranda feérica conduzida pela batuta da poesia. A análise desse sexteto permite discernir, por trás de sua multiplicidade temática, não só um projeto literário, mas o estilo de um escritor dotado de amplos e variados recursos, ao qual se aplica a definição de Buffon: “Le style est l’homme même”, isto é, “o estilo é o próprio homem”. De fato, escrever é, em larga medida, desenvolver um estilo, metro pelo qual um escritor pode ser avaliado nos seus afazeres literários, na sua arte literária, enfim.

No sucinto retrato que dele tracei na *Tribuna do Norte* do dia 6 de abril de 2008, escrevi, a certa altura:

Filósofo, Nilson afirmou numa entrevista dada a nós para o jornal cultural *O Galo*, em maio de 2001: “Brincamos de querer entender a vida e a morte”. Se prosseguíssemos questionando-o nessa direção, ele seria capaz de desenvolver toda uma sofisticada digressão acerca dos escassos limites da compreensão humana para explicar os grandes mistérios da vida. A sabedoria era a um só tempo anverso e reverso das moedas correntes de que ele se servia para prover as carências de quantos o cercavam.

Prosseguindo, escrevi:

No dia 29 de março último, sua voz se calou para nós, que o amávamos, e seus olhos se cerraram para o mundo material, que ele amou sobrema-

neira sob a forma de uma aldeia praiana chamada Touros (ou Tiro, como sua homóloga fenícia, conforme ele um dia creu, ou, quem sabe, sob a forma da mítica Preati concebida em *Um gosto amargo de fim*: “pequena, limpa e clara vila à beira-mar, sabendo a maresia e cheirando a bogari dos campos”). Desde então, um abismo metafísico se interpõe entre ele e nós. Sua obra, porém, nos afirma radiosamente que ele combateu o bom combate. A intuição não o traiu quando ele afirmou, em outro trecho da entrevista já referida que “a literatura nos salva da aridez de uma vida sem sentido”. Nessa certeza, a voz do poeta profere sua confissão de fé mais cara.

Eis, senhoras, senhores, que chegamos ao fim de nosso discurso perseguidos pelo receio de termos falado demais e, no entanto, deixado tanto por dizer. Sabemos, todavia, que é o destino de todo discurso: dar margem a que outros discursos se o somem e lhe acrescentem outras margens. Nisso, todos os discursos se parecem, mesmo.

Preferimos nos cingir, assim, ao que Nilson Patriota nos revelou naquela longínqua conversa que o tempo, com seus sortilégios, encantou. Cremos que a literatura e a arte são princípios dignos de fé, plenos de sentido e valores, relativos porque humanos, com uma vantagem adicional: oferecem material inesgotável para suprir toda uma vida.

Queremos insistir nesse ponto: por que a literatura?

Propomos duas respostas. A primeira vem de Marcel Proust, quando afirma a excelência da literatura como único saber capaz de dar conta de toda a complexidade da vida. A segunda, de Italo Calvino, que, com requintes escatológicos, dá um ultimato a nossa época: literatura ou decadência, pois ao seu ver, só a literatura pode salvar o mundo. Também pensamos assim.

O nosso muito obrigado a todos.



**DISCURSOS**



# Discurso do acadêmico Benedito Vasconcelos Mendes em elogio ao Patrono da Cadeira Número 18 da ACJUS – Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de Mossoró

Em cumprimento aos preceitos estatutários da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de Mossoró – ACJUS, que rezam que os acadêmicos com idade superior a 70 anos ou aqueles que tenham completado 70 anos no ano de sua instalação (2015) terão como patrono sua própria pessoa, portanto, em razão da idade, meu Elogio ao Patrono será minha autobiografia.

Nasci na cidade de Sobral, no Estado do Ceará, no dia 31 de agosto de 1945. Tive uma infância feliz. Fui educado no seio de uma família católica e bem estruturada. Meu pai era funcionário do Banco do Brasil e minha mãe dona de casa. Estudei oito anos no Colégio da Diocese (Colégio Sobralense). Sobral do meu tempo era tradicionalista, comandada pelo Bispo Conde Dom José Tupinambá da Frota, ordenado Padre e com Doutorado em Teologia feito em Roma.

Na minha infância duas imagens ficaram gravadas para sempre na minha memória: as fúnebres cenas de miséria provocadas pela terrível seca de 1958 e o colossal Congresso Eucarístico realizado para comemorar em 1955, o jubileu sacerdotal do primeiro bispo diocesano de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota. Assisti traumatizado, por mais de uma vez, crianças esqueléticas e maltrapilhas morrerem de fome nas ruas de Sobral. A catapora, o sarampo e a varíola representavam o “tiro de misericórdia” para aquela multidão de crianças famintas, magricelas, assustadas e abandonadas pelo poder público, que a cruel seca de 1958 devorava com avidez.

Cheguei em Mossoró no dia 14 de janeiro de 1970, com o objetivo de fazer concurso para Professor de Microbiologia Agrícola e Fitopatologia da antiga ESAM – Escola Superior de Agricultura de Mossoró, hoje UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Era recém-formado, em Engenharia Agrônoma pela Universi-

dade Federal do Ceará – UFC, e estagiário do Laboratório de Microbiologia do Instituto de Biologia da UFC. Meu orientador, professor Juarez Braga Soares trouxe-me até Mossoró em seu fusca, e aqui me acompanhou até a então ESAM, pois eu não conhecia a cidade nem ninguém em Mossoró. Quando fui aprovado no referido concurso e fui ser professor da primeira turma de Engenheiros Agrônomos da então ESAM, que à época (1970), ia cursar o 5º período letivo, tive oportunidade de conhecer a figura extraordinária de Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, e aí começou a nossa grande e duradoura amizade de mais de 35 anos, até sua morte em 2005.

Em 1974 saí para cursar o Mestrado em Microbiologia Agrícola na Universidade Federal de Viçosa-MG, e em dezembro de 1975, após apenas 18 meses de iniciado o curso, já estava de volta a Mossoró, com Dissertação defendida e Conceito “A” em todas as disciplinas cursadas. Fui o primeiro aluno daquela Universidade a conseguir tal façanha. Após passar um ano em Mossoró, como professor e Coordenador de Pesquisa da ESAM, voltei em 1977 ao Sudeste do País, para cursar, em Piracicaba-SP, o curso de Doutorado na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” - ESALQ, da Universidade de São Paulo - USP. Novamente, conquise conceito “A” em todas as disciplinas e Tese de Doutorado com Distinção e Louvor. Em Piracicaba, enquanto cursava a Pós-Graduação fazia pesquisas, oportunidade em que publiquei vários trabalhos científicos, tendo meus professores como coautores. Em 1977, voltei à ESAM para participar do Concurso Público de Professor Titular de Microbiologia Agrícola e Fitopatologia, quando passei, a partir daquela data, com apenas 32 anos de idade, a ser Professor Titular da ESAM. Após concluir o Doutorado, de volta ao Rio Grande do Norte em 1980, fui convidado pelo então Governador do Estado, Dr. Lavoisier Maia Sobrinho para ser Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN, que estava sendo criada, cargo que ocupei até o final da gestão de Lavoisier, em 1983. Depois da minha presidência na EMPARN voltei para a ESAM para exercer as funções de Professor e Coordenador de Pesquisa do Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico para o Nordeste - PDC-T-NE, da Subunidade de Execução de Pesquisa da ESAM (SUEP – ESAM), onde permaneci até 1988, quando assumi a Vice-Diretoria,

depois a Diretoria da antiga ESAM. Após a minha administração como Diretor em 1992, fui ser Diretor do Centro de Tecnologia Agropecuária do Semiárido, Centro de Multiplicação de Animais Silvestres e do Museu Vivo da Caatinga (Mostruário das 100 plantas mais importantes da Caatinga), onde permaneci dirigindo estas três Instituições, que foram idealizadas e construídas por mim, na outra ESAM até a minha aposentadoria em 1994.

Para mim, a antiga ESAM foi tudo. Ela me proporcionou cursar Mestrado, Doutorado, escrever livros e a publicar muitos trabalhos técnico-científicos. Naquela Instituição, Vingt-Un Rosado foi a figura mais importante para a minha formação intelectual, com quem convivi. Ele me estimulou a estudar e a escrever. Cheguei em Mossoró quase menino, com 24 anos de idade. A minha formação cultural teve por modelo Vingt-Un Rosado.

Quando me aposentei daquela Instituição fui convidado pela Secretaria de Planejamento, Orçamento e Coordenação da Presidência da República - SEPLAN para Coordenar o segmento sobre Biodiversidade do Semiárido do Projeto ARIDAS, onde fiquei até a redação final do referido projeto, em dezembro de 1994. Desde 1993, quando ainda era Professor Titular da ESAM, ensinava na Pós-Graduação (Especialização em Desenvolvimento Regional) da Universidade Regional do Rio Grande do Norte - URRN, hoje UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, porém fui contratado em Regime de Tempo Integral, como Professor Visitante em julho de 1995, para ajudar a criar o Curso de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente e ministrar três disciplinas no referido Curso de Mestrado e uma no Curso de Especialização. Neste período, exerci também o cargo de Diretor do Centro de Estudos e Pesquisas do Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional do Semiárido (CEMAD), da UERN.

Após a minha aposentadoria na UFERSA em 1994, fiz concurso público para Chefe Geral da EMBRAPA MEIO-NORTE, (também denominada CPAMN – Centro de Pesquisa Agropecuária do Meio-Norte) e para Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Fui aprovado em primeiro lugar nos dois concursos. Em 1997, assumi a Chefia Geral da EMBRA-

PA Meio-Norte, com sede em Teresina, que à época era responsável pelas pesquisas da EMBRAPA nos Estados do Piauí e Maranhão. A EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária visando evitar a influência política no preenchimento dos cargos de Chefes Gerais dos seus centros de pesquisas, inovou a maneira de escolha, realizando concurso público para um mandato de dois anos, podendo ser renovado por mais dois anos. Por coincidência, fui o primeiro Chefe Geral de um Centro de Pesquisa da EMBRAPA a ser escolhido por concurso público. Este tipo de escolha ainda hoje é usado para o preenchimento dos cargos de Chefes Gerais dos Centros de Pesquisa da EMBRAPA em todo o território nacional. Após o meu mandato na Chefia Geral da EMBRAPA MEIO – NORTE, regressei a Mossoró em 1999, quando assumi a função de Professor Adjunto na UERN, conquistada por concurso público de Provas e Títulos. Logo após a minha volta à UERN, agora não mais como Professor Visitante e sim, como Professor Concursado, assumi novamente, a superintendência do CEMAD, antigo órgão responsável pela coordenação de pesquisas no âmbito desta universidade. Fiquei lotado no Departamento de Geografia da FAFIC – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Na UERN, além de professor fui superintendente do CEMAD, Vice-Diretor da FAFIC, por dois mandatos e Vice-Chefe do Departamento de Geografia. No dia 31 de agosto de 2015, ao completar 70 anos de idade, fui aposentado da UERN pela compulsória.

O último cargo de direção superior no Serviço Público que exerci foi no Ministério da Agricultura em Natal, quando fui Superintendente do Ministério da Agricultura no Estado do Rio Grande do Norte, de 2005 a 2007.

Posso dividir minha vida profissional em dois períodos: o primeiro dedicado ao ensino e à pesquisa científica nas áreas Fitopatologia, Nematologia Vegetal e Histopatologia de Nematoides das galhas, quando fui professor e cientista. O segundo, período em que estudei e escrevi 22 livros sobre assuntos ligados ao Semiárido Regional. Neste período, exerci cargos de Direção Superior em instituições como ESAM, UERN, EMPARN, EMBRAPA e Ministério da Agricultura. Dediquei-me também a criação e administração de entidades científicas, técnicas e culturais como a Associação Brasilei-

ra de Algaroba, SCREAM – Sociedade Cultural e Recreativa dos Engenheiros Agrônomos de Mossoró, ANOCI – Academia Norte-riograndense de Ciências, AMOL – Academia Mossoroense de Letras, ICOP – Instituto Cultural do Oeste Potiguar, SBEC – Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço e outras.

## PERÍODO DEDICADO AO ENSINO E A PESQUISA CIENTÍFICA

Profissionalmente, venho da área de ciência. Sou Engenheiro Agrônomo, com Mestrado em microbiologia agrícola e Doutorado em doenças de plantas. Permitam-me dizer que me tornei conhecido, nacionalmente, pesquisando nematoides parasitas de raízes de vegetais. Fui presidente de duas instituições científicas em nível nacional, Sociedade Brasileira de Fitopatologia e Sociedade Brasileira de Nematologia, e Vice-Presidente da Sociedade Botânica do Brasil. Publiquei mais de meia centena de trabalhos técnico-científicos nestas áreas do conhecimento agrônomo. Fui pioneiro no Brasil, nas pesquisas de histopatologia de nematoides das galhas e me tornei palestrante obrigatório dos congressos e reuniões técnico-científicas de nematologia, em todo o território brasileiro.

## PERÍODO DEDICADO AO ESTUDO DO SEMIÁRIDO NORDESTINO

Na década de 1980, deixei a Nematologia e a Fitopatologia e comecei a me dedicar ao estudo da natureza nordestina, de suas secas, de seu clima semiárido tropical, de seus recursos hídricos, de seus solos, de sua cobertura vegetal, de sua fauna nativa e por último, do homem sertanejo. Saí do micro para o macro. Estudava patógenos e os nematoides microscópicos e passei a estudar o homem e a natureza da região semiárida. A herança atávica do sertão me fez mudar de foco nas pesquisas.

O sertão faz parte da minha alma, da minha vida emocional. O sertão moldou meus ideais profissionais. Identifico-me mui-

to com as coisas da terra e com o modo de vida do sertanejo. Conheço a problemática das secas periódicas e catastróficas, seu clima seco e quente, típico do Semiárido tropical, suas chuvas reduzidas e altamente variáveis no tempo e no espaço, seus rios intermitentes, apresentando deflúvios somente no curto período chuvoso de três a cinco meses por ano, seus solos pobres, pedregosos ou excessivamente arenosos, seus animais nativos adaptados à seca, sua vegetação raquítica, desfolhada, garranchenta e espinhenta e seu povo místico, nômade, corajoso e valente. Cursei agronomia por opção, mesmo contra a vontade de minha família que desejava que eu cursasse medicina. Passei minha infância dentro de Casa de Farinha, Engenho de Rapadura, Alambique de Cachaça, bebendo leite mugido na porteira do curral, e vendo minha avó fazer queijo de coalho e manteiga de garrafa nas fazendas do meu avô paterno, localizadas nas vizinhanças da minha Sobral, onde nasci.

A maior seca do século XX, com cinco anos de duração, ocorrida de 1979 a 1983, me estimulou a estudar melhor o Semiárido nordestino. Assisti a esta calamidade climática como Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte – EMPARN. Acompanhei de perto a morte do gado pela fome e pela sede, assisti a caatinga ficar estorricada, os açudes, as lagoas, os rios e os riachos ficarem secos e sem peixes, os animais autóctones fugindo à procura de água para beber, as crianças desnutridas e doentes chorando e morrendo de fome, os paus de arara lotados de homens famintos, desesperados rumo a São Paulo, à procura de sobrevivência. Por ocasião desta terrível seca deixei o estudo da Fitopatologia, Nematologia e da Anatomia Vegetal e passei a estudar o Semiárido, seu meio físico e o homem da Civilização da Seca, com seus hábitos, costumes, tradições, crenças e religiosidade. Hoje, dedico-me a estudar e preservar a sua cultura, seus tipos humanos: o vaqueiro, o jangadeiro, o cangaceiro, o jagunço, o raizeiro, o curandeiro, o beato, o penitente e o repentista violeiro. Enfim, procuro estudar a Civilização da Seca, civilização ímpar, pioneira e intuitiva que somente existe no Polígono das Secas. Procuro estudar também os elementos da cultura popular, que formam a identidade cultural da Civilização da Seca, como o cangaceirismo, a culinária, a medicina caseira, a prática religiosa, a arte utilitária e contemplativa, a arqui-

tetura de taipa, a literatura de cordel, a música popular nordestina e a engenharia empírica dos artesãos. Com esta mudança de foco na pesquisa, um mundo novo se abriu para mim. Deixei de exercitar a redação científica, que é resumida, fria, literal, rigorosa, conforme as normas científicas, para pôr em prática a escrita emotiva, sentimental, telúrica, da sociologia e antropologia da caatinga, com todas as implicações emocionais proporcionadas pelas secas, que se abatem sobre o Nordeste brasileiro. Para retratar os sentimentos e o *modus vivendi* do sertanejo, tive de desenvolver uma nova maneira de escrever, sem amarras das regras da literatura científica, que por sua natureza, é sem emoção, extremamente exata, alheia ao colorido dos adjetivos. Para traduzir a interação do homem regional com a terra seca e quente, tive a necessidade de praticar uma prosa enriquecida pela emoção, enfim, com a sentimentalidade necessária à descrição fiel das atitudes humanas. A problemática das secas regionais só pode ser descrita, com exatidão, com palavras saídas do coração, capazes de traduzir os momentos de alegria, de tristeza e de desespero, proporcionados pela realidade da vida atormentada pelas crises climáticas sofridas pelo homem regional. Etnicamente, a Civilização da Seca foi formada há pouco mais de 300 anos, após a Guerra dos Bárbaros (1687-1704), pela miscigenação das três etnias, com a mistura de suas respectivas culturas, que existiam no sertão nordestino por ocasião da colonização, ou seja, a etnia branca colonizadora, a tapuia, que já vivia no Semiárido, e a negra, vinda da África como escrava. Os mestiços resultantes interagiram com a terra seca e quente e deram origem a esta civilização, que representa o povo que vive na área seca do Nordeste brasileiro. Além da miscigenação genética houve também a mistura das três culturas (europeia, africana e indígena), daí a grande riqueza cultural do povo sertanejo. Hoje, minha atividade está direcionada para o estudo das manifestações culturais da Civilização da Seca, principalmente dedicando-me às atividades do Museu do Sertão.

O Museu do Sertão é um museu temático sobre o homem e as coisas do sertão semiárido do Nordeste brasileiro. Seu acervo começou a ser formado na década de 1970, quando cheguei em Mossoró. Ele foi aberto ao Público pela primeira vez no dia 31 de agosto de 2003, por ocasião das comemorações do meu aniversário de 58 anos

de vida. Ele tem como objetivo preservar e exibir objetos, utensílios domésticos, apetrechos de trabalho, implementos agrícolas, equipamentos e máquinas das agroindústrias do passado (casa de farinha, engenho de rapadura, alambique de cachaça, oficina de carne de charque, cozinha de queijo de coalho e de manteiga de garrafa, descaroçador de algodão, casa de beneficiamento de cera de carnaúba, usina de óleo de oiticica, galpão de beneficiamento de fibra de caroá, galpão de preparo de borracha de maniçoba e sala de fiar e tecer).

O Museu do Sertão está localizado na Fazenda Rancho Verde, às margens da Estrada da Alagoinha, a quatro quilômetros da cidade de Mossoró-RN. Ele é uma Instituição particular que nunca cobrou ingresso nem recebeu dinheiro público municipal, estadual, ou federal. Foi construído e é mantido com dinheiro proveniente do meu salário de professor universitário. A entrada no Museu do Sertão é um quilograma de alimento não perecível, entregue diretamente no Lar da Criança Pobre de Mossoró (Irmã Ellen). O Museu do Sertão abre ao público, geralmente, no último sábado de cada mês. As visitas são agendadas pelo site: [www.museudosertao.com.br](http://www.museudosertao.com.br), pelo E-mail: [beneditovasconcelos@gmail.com](mailto:beneditovasconcelos@gmail.com) e pelo telefone (84) 9 9972-2139.

O acervo do Museu do Sertão é formado por cerca de 2.000 peças distribuídas em 11 pavilhões temáticos, com área aproximada de 300 metros quadrados cada um, uma casa de taipa, um pátio de artes ao ar livre, um parque de plantas úteis da caatinga e um memorial sobre a minha pessoa. Pelas peças do acervo do Museu do Sertão é possível resgatar experiências exitosas, comprovadas pelo uso e pelo senso comum, transmitidas pela tradição oral. Pode-se também traçar um perfil bem aproximado do *modus vivendi* dos nossos antepassados, especialmente das estratégias de sobrevivência dos sertanejos por ocasião das secas catastróficas.

Este é um perfil resumido de minha trajetória profissional desde 1970, quando cheguei em Mossoró até os dias de hoje. Passei muito mais tempo em Mossoró do que na minha querida Sobral, onde nasci. Pretendo continuar a ser útil, contribuindo na área cultural de Mossoró, do Nordeste e do Brasil.

## Saudação ao Padre João Medeiros Filho por ocasião dos seus 50 anos de vida sacerdotal.

Prezado Padre João Medeiros,

Inicialmente, cumpre-me agradecer pelo convite para, em nome dos jucurutuenses e familiares, saudá-lo por ocasião do seu jubileu de ouro de vida sacerdotal. A tarefa não é fácil pela pessoa e o sacerdote que é, porém, pelos laços de amizade que nos unem, aceitei o encargo. Também há algo de maior importância que nos aproxima e irmana; antes de qualquer outra coisa, professamos a mesma fé no Deus Criador, em seu Filho Jesus Cristo, nosso Redentor e Salvador e no Espírito Santo, que norteia, ilumina e conduz os caminhos da Igreja peregrina, sinal e instrumento universal de salvação, da qual o senhor é sacerdote, razão e motivo da ação de graças e do nosso louvor a Deus nesta celebração.

Há cinquenta anos, na igreja matriz de São Sebastião de Jucurutu, o senhor foi ordenado presbítero pela imposição das sagradas mãos de Dom Manuel Tavares, terceiro bispo diocesano de Caicó.

Naquele dia de festa, de celebração, de compromisso com a Igreja e de entrega total à causa do Reino de Deus, ouviu daquele que congregava o Povo de Deus no Seridó, em nome da Igreja, o que lhe competia como sacerdote. “compete ao Ofício de um Presbítero proclamar, por palavras e obras, o Evangelho do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, modelando a vida de acordo com os seus preceitos, bem como pregar, aconselhar, declarar o perdão de Deus aos penitentes, administrar os Sacramentos, representar o Bispo nas comunidades colocadas sob a sua responsabilidade, amando as pessoas a quem está servindo, sejam jovens ou velhos, fortes ou fracos, pobres ou ricos. Em tudo deve manter a sã doutrina e combater as heresias, alimentando o povo com as riquezas da graça de Cristo, fortalecendo-o para glorificar a Deus nesta vida e na que há de vir”. E depois perguntou: meu irmão, você está convencido de ter sido chamado por Deus e pela Igreja para esse ministério do Presbiterado? E o senhor respondeu: sim, estou!

Eu tinha, então, dois anos de vida! Contudo, pelo conhecimento e testemunho dos que lá estavam, posso afirmar que foi um acontecimento marcante e único, até hoje, naquela igreja matriz. Daquele quente, pedregoso, seco e pequeno lugar, à margem direita do Rio Piranhas-Açu, protegido, ao oeste, pela Serra do João do Vale, a Igreja, num só coro, pode render graças a Deus, celebrar e se alegrar, pela grande ação de Deus em vossa vida, chamando-vos, a participar mais intimamente do Sacerdócio de Cristo.

Padre João, o seu sim ao chamado de Deus como resposta contundente e total se prorrogou no tempo, renovando-se continuamente, pela graça de Deus e em meio às diferentes situações de sua vida e por isso, hoje, estamos aqui. Como Maria, no Magnificat, reconhecemos que é preciso render graças a Deus porque ele fez e faz maravilhas. Cinquenta anos de vida sacerdotal é uma das maravilhas de Deus operada em sua pessoa como também na vida de todos que, por seu agir sacerdotal, receberam as graças de Deus.

Sim, Deus fez e faz maravilhas! No decorrer desses cinquenta anos de vida sacerdotal colocou-se a serviço da Igreja, das pessoas, dos fiéis. Titular de uma inteligência privilegiada, tem sido ponte entre a Igreja e o mundo da cultura, da educação e de outros seguimentos da sociedade. Como sacerdote e acadêmico, em sintonia com as exigências dos tempos atuais, mostrou preocupação com a formação sacerdotal e dos agentes de pastoral leigos. Nesse sentido é importante registrar o trabalho de apoio e incentivo, a bispos e dioceses, a lutarem para terem seus institutos de formação legalmente reconhecidos.

Não desanimou diante das dificuldades, mesmo em face daquelas mais desafiadoras, como a doença que teve que enfrentar, hoje, graças a Deus, superada. Como sacerdote tem clareza do tesouro que lhe fora confiado. Acolhe a todos, sempre disposto a ajudar aos colegas sacerdotes mais atarefados. Mesmo depois de cinquenta anos de vida sacerdotal ainda tem a disponibilidade para ouvir, aconselhar, partilhar o seu conhecimento e atender aos fiéis em suas confissões, deslocando-se, muitas vezes, para a festa de Santa Luzia, em Mossoró, para esse fim.

Exímio escritor, com vários livros publicados, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, brinda-nos quase que, se-

manalmente, com artigos para os jornais locais abordando os mais atuais e pertinentes temas, sempre com profundidade, tendo como fio condutor de seus escritos a sólida formação humana, teológica, filosófica e sociológica que recebeu. Como exemplo, cito dois de seus recentes artigos sobre temas atualíssimos e desafiadores para a Igreja no tempo presente. Um sobre a laicidade do Estado e outro sobre o grave e desafiador problema da desumanização da sociedade.

Mas não quero terminar sem ressaltar o grande ser humano que é. De fácil convivência social e humana, desapegado, de uma vida simples, voltado para os seus afazeres, compromissos e responsabilidades, cultivador das boas amizades, solidário e justo. Gosta também, diga-se de passagem, de contar uns bons e engraçados “causos” integrantes de seu anedotário da longa experiência de vida como padre, como professor e um homem integrado e em sintonia com a vida do povo.

São percepções, constatações e testemunhos que damos a partir da convivência com o senhor no decorrer desses anos, em especial com a vinda para Natal. Reputo características e valores importantes, já que a própria Igreja os recomenda ao presbítero no vivenciar a sua vocação. O documento conciliar *Presbyterorum Ordinis*, nos diz que os sacerdotes não poderiam servir aos homens, caso se mantivessem alheios à sua existência e condições de vida. Interessante notar, ainda, que para desempenhar o sagrado apostolado como ministro de Cristo, ser dispenseiro de outra vida que não a terrena, a graça de Deus é tudo, mas muito contribuem também aquelas qualidades que gozam de merecida estima na convivência humana, como sejam, a bondade de coração, a sinceridade, a coragem e constância, o cultivo vigilante da justiça, a delicadeza e outras que o Apóstolo Paulo recomenda quando diz: “Tudo que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, tudo que pode haver de bom na virtude e no louvor humanos, eis o que haveis de pensar” (Filip 4,8).

Por fim, é preciso dizer que não foi em um terreno alheio que nasceu e desabrochou a vocação do Padre João Medeiros, mas foi no seio de sua vida familiar. Decidido a responder sim ao chamado de Deus que sentia em seu coração, manifestou aos pais o seu desejo de ser padre e por isso lutou e buscou os meios, enfrentou desafios, ven-

ceu resistências e seguiu em frente. Vem, e Segue-me! Assim Jesus chamou os seus apóstolos e também o jovem João Medeiros.

Deus seja louvado por tudo. Que Ele nos favoreça e que a alegria do senhor, de seus familiares e amigos e de toda a Igreja aqui presente, suba até Deus como incenso e como oferta de sua vida sacerdotal.

Parabéns, paz e alegria.

Vital Bezerra de Oliveira

Cristão, católico e sertanejo de Jucurutu.



**Offset**  
Editora

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e  
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em junho/2016.

[www.offsetgrafica.com.br](http://www.offsetgrafica.com.br)